



A VOZ do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR e EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 réis
Ultramár, semestre - 600 " "
Numero avulso, 30 réis
ANNUNCIOS — Preços convencionaes
Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

A MORDAÇA

A omnipotencia e o poder do ouro, a burguezia e o luxo da comodidade não cedem o seu passo ás reivindicações das classes proletarias apesar das bellas afirmações de que foram essas classes que fizeram a Republica e de que só elas podem consolidal-a com o seu valente esforço e com o seu acendrado patriotismo. Teorias. Quando o operario pede mais salario mobilisa-se a guarnição militar, carregam-se as clavinas, desabainham-se as espadas e varre-se a praça. Aperta-se a mordaza.

O burguez passa tranquilo. A grêve do pessoal dos electricos teve, para mim, um só ponto pouco solido: o pedido de readmissão de um empregado que desrespeitára um seu superior, agredindo-o. Em todos os serviços deve haver ordem e disciplina.

As aspirações do pessoal são todas justas e seriam mais ou menos viaveis com outra companhia que não fosse a que actualmente tem carta branca em Lisboa, para fazer impunemente tudo quanto lhe apetece fazer.

E assim, succede que não cumpre os contratos com a Camara e, firmada na absoluta liberdade do seu monopolio, estabelece condições de assinatura em que o assinante paga adiantadamente 500000 réis e não tem o minimo direito de reclamação quer haja circulação de carros quer não haja.

A bôca dos que deveriam falar, pugnando pelos interesses do povo, tapa-se com meia duzia de assinaturas gratis e quando os empregados da companhia, no mais sagrado dos direitos, pedem melhorias arvora-se a bandeira

ingleza no edificio de Santo Amaro, tenta-se proibir a circulação de outros meios de transporte, officinando á Camara n'este sentido, e a tropa sae para a rua. E o burguez passa confiado na segurança da sua vida e na das suas ações da companhia. E enquanto centenas de empregados tomam na rua, e dentro dos seus carros, as magrissimas refeições, para poderem fazer mais umas horas de serviço extraordinario, a poderosa companhia, que tem lucros mais de 75% expede telegramas para Londres noticiando a importancia fabulosa da sua receita.

Que-belo sólo portuguez onde o estrangeiro tem nas suas mãos a fortuna dos maiores negocios!

E tu burguez porque te revoltas contra os pequenos, contra os pobres? E' só pela tua educação reaccionaria? Não. E' porque olhas para os gândes da terra e tens, por tendencia e por serviçào, o gosto e o prazer de te pôres a seu lado, e olhas depois para o proletario e chamas-lhe «canalha»!

Mas atenta, se és ao menos humanitario, que mais de 1:000 homens estão sem trabralho e representam 4:000 bôcas que não têm sustento. E tu sabes o que é ter fome? Passaste tranquilo e julgaste tudo em paz. Eu te digo: aquelas clavinas abafaram os gemidos, os gritos de protesto, mas não resolveram nada. Podesses tu profundar os espiritos desses homens e verias que acusações tremendas eles fazem aos dirigentes deste paiz. E esses homens são o povo — aquele povo que fez a Republica, cheio de fé.

B. S. FERNANDES.

Criminosos e cobardes

Encapelou-se o mar sobre que flutuavam os barcos da pirataria reaccionaria, audaciosos no gôso da impunidade.

Recuaram na iminencia do castigo.

A tripulação fitou-se espavorida: divisavam-se ao longe os canhões da Justiça—Justiça que em nome da Verdade aponta aos criminosos o local onde hão-de cumprir a pena aplicada ao crime, isolados daqueles a quem o seu halito queima e infama.

Aos labios, onde permanecia o sorriso impudico, cinico do sarcasmo, aflorou o esgar do medo, da cobardia.

Recalcaram dentro dos peitos o odio que antes saia desaforadamente, lançado sobre a Liberdade.

Aqueles rostos estanhados velaram-se de lividez, no sumo terror de merecido castigo.

Transpareceu neles toda a hediondez do seu abominavel crime.

A cobardia denunciou-os.

Produziu este efeito a iminencia dum decreto de defeza da Republica, que a Camara dos Deputados, no dia 30 do mez passado, votou.

Tarefa vã seria dizermos aqui o quanto nos regosija esse decreto, ha muito desejado por todos os bons republicanos.

Temos vivido numa atmosfera de inquietações constantes, ante o desaforo dos inimigos.

Não havia bom republicano algum que não se sentisse desolado ante a mesquinha benevolencia do regimen contra os seus rancorosos adversarios.

O cancro alastrava, deixando por onde passava a sombra da traição.

Agora sentem-se fracos.

Tão grandes no crime como na cobardia, escondem-se medrosos.

A' luz não tornarão a aparecer, á sombra alguém os irá arrancar— os suprémos bandidos!

ACACIO SERRA.

Noticias militares

Foi deferido o requerimento em que o 2.º sargento d'infanteria 35, sr. Manuel Augusto Cordeiro, pedia passagem a infanteria n.º 24.

— Teve passagem a infanteria n.º 28 o 2.º sargento d'infanteria 22, sr. Manuel Pedro d'Almeida, por troca com o 2.º sargento sr. Emilio Augusto Batalguia.

— Requereu 30 dias de licença disciplinar o capitão do secretariado militar, sr. Francisco Faustino.

— Está comandando o regimento d'infanteria n.º 28, o major sr. Felisberto Alves Pedrosa.

— Requereu 30 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar, o 2.º sargento de cavalaria 8, sr. Carlos Augusto Duarte.

— Pediu para consorciar-se o alferes d'infanteria 28, sr. Henrique Correia.

— Foi transferido para infanteria 35 o 2.º sargento d'infanteria 24, sr. Fausto Tudela de Frias Ribeiro.

— Foram nomeados secretarios das juntas de recrutamento dos D.ºs R.ºs 24 e 35, respetivamente, os alferes do secretariado militar, srs. José Augusto Gomes e José de Oliveira Miranda, para onde seguem a apresentar-se no proximo domingo.

— Requereu 30 dias de licença disciplinar o 1.º sargento de infanteria 28, sr. Rogerio Augusto.

— Requereu 30 dias de licença disciplinar, o 1.º sargento de infanteria 25, sr. Norberto Amancio Alves.

— Foi classificado para empregos publicos de 3.ª categoria, o 2.º sargento de cavalaria 8, sr. Eugenio Artur Candeias Pereira.

— Foi classificado para empregos publicos de 1.ª categoria, o 2.º sargento de cavalaria 8, Casimiro Artur Pereira.

— Pediu passagem a infanteria 22 o 2.º sargento de infanteria 28, sr. Emilio Augusto Bataglia.

Concurso hipico

Efetua-se nesta cidade, no dia 14, um concurso hipico promovido de harmonia pelas sociedades de Defeza e Propaganda e Tiro e Sport.

Ao concurso virão muitos officiaes que entraram nos concursos realisa-dos em Lisboa e Porto, esperando-se que a Coimbra venham tambem os concorrentes estrangeiros que tomaram parte nos mesmos concursos.

Entre os premios que serão offercidos ha alguns de valor, destacando-se os da Associação Commercial, do sr. visconde de Fontalva, dos ministerios do fomento e guerra, etc.

Os sargentos só desejam o que fôr justo

Recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

Cidadão.

Tendo lido no seu conceituado jornal, n.º 74, de 26 do corrente, um artigo com a epigraphe — *Sem melindre para a classe*, o qual diz constar que vão promover a alferes para o quadro auxiliar da administração militar, todos os 1.ºs sargentos das companhias das referidas tropas, sem o curso da escola central e sem o tempo de serviço de escala a que por lei são obrigados.

Nós somos solidários nesse protesto, porque para o desempenho cabal do posto de alferes é necessário haver uns certos conhecimentos, os quaes só se podem adquirir com a frequência do curso da escola central, bem como o tempo de serviço de escala, que é o tempo de preparação para o posto de acesso.

Crêmos que o ex.º Ministro da Guerra, não pensa, nem nunca pensou n'uma injustiça de tal quilate, porque seria um absurdo, n'uma época em que se pede instrução para todas as cousas.

Parece-nos isto, não passar d'uma balela inventada por *alguem* que é retrógrado, visto odiar a instrução, mas como a lei está muito clara, não terá outro remedio senão esperar e ir a Mafra soffrer algumas *dôres de barriga* (calão de estudante), para obter o que agora vê em illusão.

Vimos por este meio perante v. ex.ª declararmos peremptoriamente, que não achamos justo que taes promoções se effectuem sem as condições exigidas por lei.

Saude e Fraternidade.

Muito grato ficamos e queira desculpar do tempo que lhe tomamos, e creia-nos sempre

Muito obrigados
attentos veneradores,

(a) *Um grupo de 1.ºs sargentos das tropas da administração militar.*

Visita

Tivemos o prazer de abraçar nesta redacção o nosso amigo e assignante sr. Anibal de Lemos Guardado, distincto solicitador em Pombal, que acompanhado de sua ex.ª esposa veio de visita ao seu cunhado, sr. capitão d'infanteria 35, José Augusto Ferreira Lopes.

O Povo de Santa Clara

Entrou no 4.º anno da sua publicação, este nosso bem redigido colega local, motivo porque sinceramente abraçamos o seu director e nosso amigo sr. Mario Pio, que tão bem se tem conduzido na ardua tarefa a que se dedicou.

No correio

Um *touriste*: Precitava comprar uma estampilha, mas esqueceu-me o frasco da goma arabica.

O empregado sem se desconcertar: Tem aqui este com que me sirvo.

LITTERATURA

OS SONETOS DA VIDA

VII

Criar! Erguer á Vidá um pensamento
Uma conquista, um gesto redentor,
A harmonia dum verso, o movimento
Duma ideia abrazada em puro amor. . .

Criar! Dar vida á Vida, — e ao sentimento
Fórmulas esculturaes, e á propria Dôr
Fazer dela o mais rutilo ornamento
Da Vida, um ideal jardim em flôr. . .

Dar vida á Vida, ao sonho, á Naturêsa,
Deixar a vida em nós dizer Belêza,
Nos braços de uma lira ou de uma cruz. . .

Labios da Vida: — santos e poetas,
Almas heroicas, olhos de profetas,

Antêro e Hugo, Prometeu, Jesus! . . .

AUGUSTO CASIMIRO.

O PROCESSO DAS ROSAS

No jardim de um hospital de doidos, um poeta louco paseiava triste e abatido. De repente, passando por uma moita de rosas, parou, encanou as e colheu uma rosa branca, outra amarela e outra encarnada.

Colocou-as sobre um banco e dirigindo-se á rosa branca, disse-lhe:

— E's acusada de, quando eras mulher, joven e formosa, ter abandonado sem piedade um pobre rapaz pobre mas inteligente e que te adorava, para casares com um velho rico. O que alegas em tua defeza?

Esperou um pouco e como a flôr não tivesse nada que responder, proseguiu:

— A' vista d'isso condeno-te á morte.

Dirigiu-se em seguida á rosa amarela:

— E's acusada de, quando eras mulher, teres torturado com o teu sorriso enganador e com o teu infame coquetismo, um pobre que te amava loucamente e que os teus enganos mataram. O que tens a alegar em tua defeza?

E como ella tambem se não podesse defender, disse-lhe:

— Tambem te condeno á morte.

E voltou-se para a rosa encarnada:

— E's acusada de, quando eras mulher nova, formosa e leviana, enlouquecer com as tuas viciosas caricias, arruinar e aviltar um rapaz que se deixou fascinar pelos teus encantos. O que tens a alegar em tua defeza?

Como ella não podesse tambem desculpar se disse-lhe:

— Condeno-te igualmente á morte!

E tirando do bolso uma pequena e muito polida tesoura, aniquilou a vida e a formosura das tres rosas, separando os talos das pétalas, que se espalharam pelo chão.

Depois quando viu todas aquellas pétalas, ainda ha pouco tão viçosas, já meio murchas, sujas e confundidas com a pulvorenta areia do ca-

minho, apanhou-as uma a uma e esteve-as contemplando longamente.

Em seguida foi ao fundo do jardim, procurou um lugar solitario, e sob a copada rama de uma arvore secular, deu sepultura ás justicadas, cobrindo as com areia fina e folhas de acacia. E depois ajoelhou ao lado da mimosa sepultura, e as lagrimas deslizaram-lhe pelo rosto macilento e triste! . . .

Era já noite quando os guardas o foram tirar d'ali.

CATULE MENDÉS.

GUIA MEDICO

PARA OS

COLONOS DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

Aperto de urethra

a) *Definição* — São estreitamentos que diminuem o calibre da urethra ou canal por onde a urina sahe da bexiga, formados por bridas ou pregas cicatriciaes consecutivas a pequenas feridas que tempos antes existiram.

b) *Symptomas* — São muito variaveis de individuo para individuo, no entanto o que se nota desde o principio é a diminuição na grossura ao facto de urina que lentamente se produz e se acentua de cada vez mais, chegando este facto a bifurcar-se, a ser filiforme e por fim nos casos graves o doente urina ás gotas. O doente faz esforços de cada vez maiores para urinar. Muitas vezes qualquer excesso ou congestão dá logar a uma retenção de urinas. Nos casos mais graves a bexiga começa a não ser completamente evacuada e a infecção pode apoderar-se d'ella e subir aos rins, começando então a ameaça á vida do doente a ser muito séria e grave.

Examinando a urethra com algalias de calibre cada vez mais pequeno, chega-se a uma que passa ou

então não pode passar nenhuma. Po meio das olivas graduadas chega se a determinar o numero de apertos, o grau e a séde.

c) *Tratamento* — O fim unico é alargar ou dilatar o canal da urethra nos pontos apertados. Este tratamento só pode ser feito por technicos, todavia fala-se aqui d'elle para mostrar os perigos e por isso a necessidade de o tratar convenientemente.

Todavia quando se produzem difficuldades grandes da missão, os semicupios quentes prolongados podem ser de vantagens.

d) *Prophylaxia* — Evitar os traumatismos da urethra e as urethrites blenorragicas ou outras será evitar os apertos.

Porem uma vez estabelecidos, devem ser tratados convenientemente e a dilatação deve annualmente ou biannualmente ser verificada por tecnico.

Abcesso urinoso

a) *Definição* — E' o formado nas visinhanças das vias urinarias que contem puz com cheiro urinoso.

b) *Symptomas* — São os de uma colleção purulenta nas visinhanças das vias urinarias que se produz em seguida a uma algaliação mal feita, ou em seguida a qualquer outro traumatismo da urethra, que se dê nos casos de apertos, por exemplo.

Aberto o abcesso pode a urina tambem sahir junta com o puz e assim estabelecer-se uma fistula urinaria.

c) *Tratamento* — Devem ser abertos quanto antes e se se estabelecer fistula urinaria pode o todo curar-se bem com uma algalia permanente, de forma que a urina sahindo pela algalia em nada prejudica a fistula e ella pode curar sem mais tratamento, sobretudo sendo no principio.

(Continua.)

Felicitações

Damol-as ao nosso velho amigo e assignante José Barbosa de Campos, pela sua recente nomeação de ajudante de notario em Soure.

Desastre

O sr. Eduardo Ferreira, empregado da casa comercial dos srs. Cortinhas & Ferreira, quando ha dias examinava um revolver, este disparou-se, furando-lhe a bala a mão esquerda.

Os sargentos d'infanteria

Pedimos a attenção de s. ex.ª o sr. Ministro da Guerra para o memorial e quadro demonstrativo de promoções, que em seguida publicamos:

Ultimamente a promoção aos postos de sargento ajudante e alferes nas diferentes armas e serviços trouxe nos uma desigualdade flagrante, principalmente com respeito á infanteria em que os seus 1.ºs sargentos só conseguem aquelles postos. muitos annos depois dos seus collegas das outras armas e serviços.

O mappa junto elucidada bem claramente o assumpto, mostrando de uma maneira frizante differenças verdadeiramente desanimadoras que vão de quatro a nove annos e que de modo algum devem subsistir,

porque é o mesmo que frustrar a carreira aos 1.º sargentos de infantaria, além do inconveniente disciplinar que resulta de sargentos incomparavelmente mais modernos, ascenderem ao officialato, enquanto os de infantaria continuam por tanto tempo ainda a cumprir os arduos deveres do seu posto.

Nos ultimos oito mezes houve apenas duas promoções a alferes, proveniente da classe dos sargentos.

Se continuar esta medida e ainda mesmo que se alargue, o futuro da classe não pode vir a ser mais desesperado.

Remediar tanto quanto possível estes inconvenientes, eis o que pedem os 1.º sargentos de infantaria, de modo a desaparecer numa proporção razoavel aquellas diferenças que quando sejam como a que se dá com a cavallaria, é naturalmente aceitavel, quanto á promoção a alferes.

Na promoção a sargento ajudante é tambem bastante consideravel essa diferença, principalmente com relação aos 1.º sargentos de engenharia, em que essa diferença sobe a cinco annos, sendo dois em relação á artilheria e cavallaria.

Nestas circumstancias um 1.º sargento de infantaria que actualmente conte neste posto 8 annos não será promovido ao posto de alferes tendo em conta a media da promoção no corrente anno, senão d'aqui por vinte annos, ou seja depois de ter attingido o limite de idade, 45 annos.

Outras considerações poderiamos ainda fazer dos factos apontados para justificar a nossa causa, mas evidentemente ellas resultam da sua simples enumeração, parecendo-nos que a situação em que se encontram os sargentos de infantaria não pode ser mais lamentavel e digna de attenção de todos aquelles que procuram por todos os meios attender os bons servidores da patria, dando-lhes a justiça que pedem.

Maneira de remediar a diferença nas promoções, nas diferentes armas e serviços em relação á infantaria, ao posto de alferes proveniente da classe dos sargentos:

Pelo decreto de 25 de Maio de 1911 que reorganizou o exercito foi cortado aos 1.º sargentos o ingresso no quadro de officiaes da administração militar, e no secretariado militar admittiram-se a concurso individuos da classe civil que tendo deixado a carreira das armas em geral no posto de 2.º sargento, para se dedicarem á vida burocratica durante algumas duzias de annos prejudicaram nos assim nos nossos legitimos direitos adquiridos á custa de tantos trabalhos e sacrificios, pois no ultimo concurso realiado foram promovidos individuos naquellas condições com mais de cincoenta annos de idade, com o tempo quasi para a reforma, motivo porque não lucraram o thesouro, nem o paiz, nem o exercito.

Seria pois justo preencher as vagas existentes já no corpo de officiaes d'administração militar, ficando por consequencia restabelecido o terço, visto que a escola do exercito não pode dar no presente anno o numero de alumnos sufficiente para preencher as vagas em aberto, por meio da promoção dos sargentos ajudantes mais antigos das diferentes armas e serviços, sem ser necessario recorrer a concursos, que nunca podem ter caracter de Justiça, enquanto o favoritismo não for completamente banido em todos os ele-

mentos que constituem a sociedade.

Justo é tambem preencher as vagas de subalterno existentes nos serviços administrativos do exercito, por meio tambem da escala geral d'antiguidades, visto que os 1.º sargentos das companhias de administração, não tem habilitações nem tempo para promoção a alferes e ainda por serem aquelles 1.º sargentos, saídos do quadro da infantaria e que por felicidade d'elles e nossa infelicidade, pertenciam á data do D. de 25 de maio de 1911 á companhia de subsistencias.

Para o secretariado militar proceder-se-ia de forma identica, excluindo é claro, os individuos da classe civil e banindo o actual concurso.

Quando depois de completa execução á doutrina que acima se expõe e se a promoção na infantaria desse ainda motivos a sensiveis reparos, recorrer-se-ia á promoção por

diuturnidade de serviço aos 9 annos de posto, não podendo, para que a disciplina se exercesse em toda a sua plenitude, ser promovido a alferes um 1.º sargento enquanto tivesse noutra arma outros mais antigos que o não tivessem sido ainda.

Para justificar a eliminação dos concursos basta citar que quando o secretario dos conselhos administrativos e dos tribunales militares, não estão em effectivo de serviço, são substituidos pelos subalternos de qualquer arma sem que sejam submetidos a qualquer exame.

Com todas estas considerações, não desejam os sargentos d'infanteria, agravar as condições em que se encontra o thesouro publico, mas se é patriótico exigir-se a determinada classe, um certo sacrificio da em beneficio colectividade — **A Nação** — é quasi criminoso coagir os sargentos d'infanteria a calar os seus

queixumes para melhorarem numa desproporção quasi escandalosa, os sargentos das outras armas.

Terminem as promoções para todas as armas e serviços até que a egualdade se faça sentir nas diferentes classes do exercito, visto que todos pertencem á mesma familia, com os mesmos deveres e direitos, mas o que não parece justo, é, os sargentos d'infanteria, porque acima dos seus interesses, põem os interesses da Patria, verem progredir os seus camaradas das outras armas incomparavelmente mais modernos e em egualdade de circumstancias, enquanto que aos da infantaria se lhe perpetua a permanencia nos arduos deveres de 1.º e 2.º sargento.

Confiados na egualdade, perante a lei, esperam a justiça a que se julgam com direito.

(a) Um grupo de sargentos

Quadro demonstrativo da promoção ao posto de alferes e sargento ajudante nas diferentes armas e serviços

Atrazo dos sargentos de infantaria em relação aos das outras armas e serviços

Corpos	Nomes	Data da promoção a 1.º sargento			Data da promoção a sargento ajudante			Data da promoção a alferes			Diferença na promoção por armas em relação á infantaria			Ordem do exercito em que foram promovidos
		Dia	Mez	Ano	Dia	Mez	Ano	Dias	Mez	Ano	Dias	Mezes	Anos	
Serviços de saude	Alberto José Luiz	3	Março	1910	Não foi sargento ajudante			1	Junho	1912	27	9	9	N.º 11 (4-6-912)
Serviços administrativos	José Manuel dos Reis....	4	Março	1904	Idem			21	Agosto	1911	10	7	4	N.º 22 (30-9-911)
Serviço de engenharia e artilheria	Adelino Vicente.....	1	Maio	1904	28	Agosto	1911	10	Maio	1912	17	—	4	N.º 10 (20-5-912)
Engenharia e companhia de torpedeiros	Manuel Alves Mineiros...	22	Dez.	1904	Não foi sargento ajudante			8	Junho	1911	16	7	5	N.º 14 (9-6-911)
Cavallaria	Joaquim da Costa Saleiro.	24	Outub.	1900	28	Outub.	1909	6	Abril	1912	11	7	—	N.º 8 (25-4-912)
Infantaria	Augusto Conceição Fontes	5	Fev.º	1900	10	Agosto	1908	2	Março	1912	—	—	—	N.º 6 (22-3-912)

Data de posto de 4.º sargento dos que estão numero um para sargento ajudante, para confronto entre as diferentes armas

Engenharia	José Malaquias.....	5	Nov.º	1907
Artilheria	João Simões de Carvalho.	1	Maio	1904
Cavallaria	Adelino da Costa Rego...	16	Junho	1904
Infantaria	Francisco Fer.ª do Carmo	26	Nov.º	1902

Promoções a alferes, provenientes da Escola de Guerra e Escola Central

Annos	1901	1902	1903	1904	1905	1906	1907	1908	1909	1910	Somma	Media nos ultimos 10 annos
Provenientes da Escola de Guerra	6	55	74	55	68	68	58	64	73	74	595	59,5 (a)
» » Central de sargentos	11	20	9	17	5	8	3	12	6	7	98	9,8 (a)

(a) Não são contadas as promoções para o Ultramar

PENSIONATO ACADEMICO

Situado na rua n.º 6 do aprazível, saudável e hygienico bairro

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de Coimbra, num edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e muito perto da Universidade

TRATAMENTO EM FAMILIA

Direcção e administração a cargo de

José d'Albuquerque
Oficial do exercito

Alojamento: — Em magnificos quartos, todos com grandes janelas. — Dois ou tres pensionistas em cada quarto conforme a sua capacidade e tamanho.

Preço do alojamento por cada pensionista: — Até ao fim do anno lectivo, 8:000 réis, pagos no acto da admissão.

Mobiliario — a cargo dos pensionistas.

Os pensionistas que quizerem um quarto só para si, pagam o dobro do preço marcado.

ALIMENTAÇÃO: — 15:500 MENSAES

Almoço — Sopa e 1 prato ou 2 pratos, chá e torradas.

Jantar — Sopa e 2 pratos, 3 decilitros de vinho e sobremeza.

Ceia — Chá e torradas.

A's 5.ª feiras e domingos ha doce á sobremeza.

NOTAS

- 1.º — A verba alimentação deve ser paga sem falta até a dia 2 de cada mez, e bem assim qualquer outra despeza.
- 2.º — O Pensionato fornece livros, pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.
- 3.º — A alimentação especial e tratamento por doenças, são pagas á parte.
- 4.º — O Pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento de roupa dos pensionistas, por 1:000 ou 1:500 réis mensaes, conforme a roupa de goma que usar.
- 5.º — A importancia do alojamento só é restituída por falta de cumprimento d'estas condições.
- 6.º — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das verbas de alojamento e alimentação já pagas.

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO
COIMBRA.

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e Impressão de Jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento
PREÇOS COMMOTOS

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu
LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Bolões dourados. — Preços limitadissimos.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro
Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, comerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis. párocos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguêsa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis
Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrucção Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMARIAS

Em harmonia com os actuaes programas de instrucção primaria

POR

Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscricção Escolar, professor diplomado de instrucção primaria e sócio honorario de El Fomento de Las Artes de Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado..... 160 réis
Cartonado..... 210

A' venda na livreria F. FRANÇA AMADO

Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 123

COIMBRA

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 1\$600 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livreria Editora—Moura Marques & Paraizos—19. Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.



A VOZ do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL
—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 166

ASSIGNATURAS Continte, trimestre - 300 reis
Ultrammar, semestre - 600 *
Numero avulso, 30 reis
ANNUNCIOS — Preços convencionaes
Anunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A NOSSA CRUSADA

Cidadão Director de *A Voz do Sargento*.

Meu presado camarada e amigo
Lisboa, 5 de julho de 1912.

A Voz do Sargento, a que o meu caro amigo dá a honra da sua brilhante direcção, acolhendo e animando o nóbre alvitre apresentado pelo nosso camarada Manuel Antonio Vieira, 1.º sargento do grupo de metralhadoras n.º 4 e distinto colaborador da *Voz*, dignou-se encarregar-me de organizar em Lisboa uma comissão para solicitar do parlamento uma amnistia, que teria por fim anular as penas disciplinares applicadas aos nossos camaradas segundos sargentos, por ocasião da modificação do armamento e do equipamento dos primeiros sargentos do exercito.

A escolha do meu modesto nome para a incumbencia desta importante missão honrou-me sobremodo, se bem que pelas circunstancias especiaes que a natureza do assunto requeria das pessoas a quem fosse confiado, me julgasse insufficiente para desempenhar com bom resultado um tão melindroso encargo.

Para obviar difficuldades, e porventura não ficar este assunto na impossibilidade de ser tratado com a amplitude que ele exigia, não se lhe deu carater official, e os trabalhos iniciaram-se por parte de um grupo de 1 sargento-ajudante e 5 primeiros sargentos que, para tal fim, foram por mim convidados a trocar impressões, assentando-se logo no caminho a seguir para a realisação da amnistia. Assistiu aos nossos trabalhos um segundo sargento que nos foi apresentado por um dos primeiros sargentos do grupo como sendo um belo elemento para nos auxiliar, o que efetivamente se verificou.

Quem foram esses nossos camaradas que me acompanharam nas diferentes fases do nosso intento não estou autorisado a dizê-lo, mas posso assegurar que

todos eles serviram desinteressadamente esta causa e deram absolutas provas de um grande amor á classe e de uma bela camaradagem.

Compreende o meu caro amigo que desde que a nossa missão tomou desde o principio um character particular eu estou naturalmente inhibido de mencionar neste pequeno relatorio ou, pelo menos, desenvolver sem risco de ser tomado á conta de inconfidente, os passos que nos levaram á infeliz conclusão de que, por agora, é totalmente impossivel amnistiar os nossos camaradas. E, francamente, de que serviria contar-lhe as minudencias, as resoluções cheias de fé, o entusiasmo sincero que por vezes tomámos na esperanza de vêmos bem succedida a nossa cruzada? Tudo isto se advinha em homens que desde o principio da sua missão quizeram manter ignorados os seus nomes. Só eu, para desobrigar-me com a *Voz do Sargento*, aqui venho com o meu, declarando, todavia, que, pessoalmente e de motu proprio, nada fiz e nada poderia fazer em face das circunstancias que impediram o proseguimento do nosso trabalho.

A amnistia aos nossos camaradas segundos sargentos, está no animo de todos os cidadãos. D'isso tivemos exuberantes provas. Posso mesmo assegurar, em nome dos que comigo pretendiram creal-a, que ella ha de beneficiar os interessados ainda este anno.

Alguna coisa de bom, porém, se conseguiu para os nossos camaradas punidos, mas ainda aqui eu me vejo obrigado a reservar uma confidencia que constitue uma promessa que está garantida pela alta categoria de quem a fez.

Para que este prometimento possa cumprir-se em devido tempo, torna-se necessario que o meu caro amigo, como director da *Voz*, convide um individuo

de cada unidade a remetter a essa redacção uma nota dos nomes dos nossos camaradas que soffreram castigos e desejem aproveitar de quaesquer beneficios. Esta nota será aqui entregue á pessoa competente.

A amnistia, como já disse, está naturalmente indicada a exercer o seu benefico resultado ainda este anno. Seria ocioso dizer-lhe as razões que me levam a fazer estas afirmações, porque são do conhecimento de todos, mas tenho motivos de ordem particular que me animam a reforçar esta declaração.

E ninguem pode duvidar que a Republica, por cujo advento tanto trabalharam os sargentos, ponha obstaculos a uma lei de amnistia que faça perpetuo silencio sobre este acontecimento.

Satisfeita a razão disciplinar pela applicação das penas aos nossos camaradas, só desta resta o registro; mas a existencia desse registro é altamente dolorosa para toda a classe, porque constantemente ele parece testemunhar de uma quebra de solidariedade que de facto se não deu, de uma incompatibilidade de vistas em que ninguem pensou, de uma imaginaria rivalidade que nem sequer passou pela mente dos atingidos por aquelas penalidades.

A existencia daquele registro afeta consideravelmente a situação e o futuro dos referidos segundos sargentos e poderá reflectir-se no de suas familias.

Para apagar a recordação triste destas penas, voltaremos, na devida oportunidade, numa só aspiração e num só intuito, a fazer segundo apêlo aos dirigentes do paiz e especialmente aos ex.ºº Ministro da Guerra.

Cabe-me agora o dever de lhe agradecer as amaveis mas imerecidas referencias que a redacção do seu conceituado jornal me dirigiu e pedir-lhe mil desculpas de tão inutilmente ter occupado o logar que cabia a quem tivesse os recursos intelektuaes que não possuo.

Creia-me sempre, com consideração e estima

amigo certo
BENTO DA SILVA FERNANDES

CONVITE

A fim de darmos cumprimento ao nosso desejo, convidamos um individuo de cada unidade a remetter a esta redacção uma nota dos nomes dos nossos camaradas que soffreram castigos e desejem aproveitar-se de quaesquer beneficios.

AS READMISSÕES

Sem que descortinemos as razões de tal disposição, vemos determinado no regulamento de recrutamento que a readmissão deve ser concedida por periodos anuaes, depois de previa inspecção medica.

Quando vimos a Republica implantada suposemos que o sargento passaria a ser considerado, como o official, um profissional e não um contratado.

Suposemos que o sargento passaria a ter um vencimento unico, como se pratica com o official, tendo, todavia, uma gratificação por diuturnidade como, tambem, para com o official se procede.

Tal, porem, não succedeu e os periodos de readmissão, que eram trianuaes, passaram a ser anuaes, sem que o regulamento nos dissesse, ou fizesse ver, a utilidade para o serviço, disciplina e para a classe de sargentos. Sim, pois que se compreende a alteração a uma lei com o fim de melhora-la e aos individuos a quem ela abrange e não só pela mera fantasia de altera-la.

As inspecções medicas subsistiram com o novo regulamento e d'ái o continuarmos todos anos (muitos de nós sem durante a ultima readmissão termos uma parte de doente, um dia de convalescença ou de hospital) a sermos presentes aos medicos; e, quando elles o determinem, a termos de desnudar-nos para reconhecerem a nossa aptidão fisica.

Muitos, cujos direitos a serem reformados não podem ser contestados, a terem de requerer, anualmente, a continuação no serviço activo.

Mas quando o sargento alcança o posto de official vigarisam-

se de tal forma, que, em geral, só está doente quando o requeira.

Se o lema da Republica é igualdade e fraternidade, ordem e trabalho, devem as suas leis ser mais consentaneas com ele, para não ser irrisoria tão sublime base a tão mal acabado edificio.

A' monarchia convinha, sob todos os pontos de vista, draconianos regulamentos: muitas vezes ouvimos ameaçar camaradas nossos com a informação para a readmissão. A Republica, porém, não necessita de leis de excepção para se impor aos sargentos, porque em cada um conta Ela um dos seus maiores e mais denodados defensores. Se tem havido excepções, essas só a imbecilidade de alguns junta á má fé de muitos justifica, como esses casos de infantaria 7 e cavalaria 7.

Quando a grande comissão de sargentos convidou as corporações da provincia a enviarem os alvitres que julgassem de utilidade para sua coadjuvação, a comissão de sargentos do batalhão de caçadores n.º 4, á qual pertenci, alvitrou, se não estou em erro, a conveniencia de se terminar com as readmissões aos sargentos, apresentando n'um projecto de alterações ao regulamento disciplinar, devido ao nosso saudoso ex-camarada João dos Reis Severo, a maneira de, quando o sargento não conviesse ao serviço, ser d'ele ileminado.

Creio que a maioria dos trabalhos que da provincia foram enviados desceram ao limbo; e, por isso, o nosso progresso, em muitos casos, ser negativo,

Elvas, 3 de julho de 1912.

Manuel Antonio Vieira,
1.º sargento do 4.º grupo de metralhadoras
d'infantaria.

Cartas dum jornadeador

IV

Minho, 24-7-910.

Quizera eu enchêr esta carta ainda com a paisagem sem igual dêste Minho. Mas o acaso, sempre a olhar por fora, não mo consente. E, assim estou eu emperrado e quiçá até desgostoso, sem sabêr que partido tomar: dum lado a naturêza a censurar a leviandade do meu espirito por lhe não cantar o seu homem minhoto; e do outro, esta pernicioso vocação que me tenta em absoluto pãra dizêr com verdade, desta sociedade de hospedaria que o acaso me deu.

Mas, visto o effeito da causa, vamos começar; e, que eu encha de sinceridade tôdo o podêr ridículo que meus olhos vêem, os meus ouvidos escutam, e a minha imaginação adivinha dentro dêsses manequins presentes, e que eu vou vestir, pãra disfarce de quem os conheçêr.

Eis aqui uma aberração natural, pois que sinceramente convencido do equilibrio das minhas faculdades mentais, onde eu julgava uma hospedaria, se me depãra nesta hora

um jardim zoológico Pequeno, é bem verdade, mas genuíno, palpável, sério e pacato jardim da animalidade.

Aqui apresento êste primeiro espécimen raro de chimpanzé: o senhor Simão. Duro no trato, como tôdos os da sua grei, êlle tem nas unhas compridas e escuras umas cavidades sujas onde, em dias de saída de algum hóspede, recebe, curvado e mesurado, com esgares da bôca e olhos arregalados, a gorgêta banal, meia cordã chincalhona. A sua jãula predileta é a sala de jantar; a sua banca de feição é a mēsa longa, de toalha que á um mês não vê lavadeira, findada a refeição dos hóspedes. Como seus irmãos de raça êlle não caminha, salta, e... guincha. Elle não se curva á mēsa a inquirir dos hóspedes, antes mette o focinho sôbre os hombros dos gastrónomos, e desastrosamente fere com seus pêlos hirsutos o rôsto amaciado, escanhado dos miseros commensais.

Agora um pouco mais adiante eis que vejo outro espécimen, duma espécie bem diversa daquella que á vol d'oiseau deixei descrita. Este animal veio dos Arcos; conhêço o pelo nariz; Pernalta de nascença, ei-lo presentemente um kangurú de officio. A sua mão esquêrda, guardada com cuidado na algibeira das calças dá-me quando me entrego a êlle, a impressão dum ataque á minha vida, e que num palavrado com corda infinita me amanha os queixos, e mos põe de ponto em branco.

Mas quem é êste trambôlho, nêgro como a aza dum cõrvo grasnador, curto de pernas, espécie de peralta já maduro, querendo parecêr um beau diseur, que leva pãra as thermas o almanaque Bertrant, que fala num circulo onde as raparigas novas soltam tolices dum flirt mal pôsto em scena, que ri, que chora, que dorme, quando vê nos outros o riso contrafeito das suas banalidades, as lagrimas piegas das suas horripilantes historietas, o sono a evadir o cêrebro alheio? é o Marradas.

Não sei qual fôsse o género que lhe deu o mestre Linneu em sua classificação zoológica; mas sendo êlle Marradas, julgo quanto bem comprehendido ficará a tôda a gente san.

Ainda em um reservado, escolhido, se observam, misturados, sem etiquêtas de distincção específica, patos, patas e cysnes avariados, e, Deus nos valha, a peor raça de gente que vem a Portugal: os brazileiros, os cariocas. Aqui se vêem êlles no seu: sbodégãr, máçádôr, mé márido, só gájo, e tudo o mais que se quizer vêr, ouvir e... decorar. Mostra-os limpinhos, ricos de prendas e de dinheiro. Quem quizer escolherá a seu gôsto. Porém, dou-lhe um consêlho: guarde-os no toucadôr, limpe-lhes o pó de quando em vez, e limite se a mostrá-los ao domingo aos seus amigos.

NON NEMO.

Ao sr. Ministro das Colonias

Pedimos a atenção de s. ex.ª o sr. Ministro das Colonias, para a carta que em seguida publicamos:

Macau, 22 de março de 1912.

Meu caro amigo Rodrigues

Rogo-lhe a fineza de por intermedio do seu muito conceituado jornal, defensor da nossa classe, chamar a

atenção de quem competir para o seguinte facto.

Em julho de 1910 faleceu na coluna d'operações contra os piratas de Coloane o 2.º sargento do corpo de policia de Macau, Joaquim Perico, que deixou na mais triste miseria, viuva e um filho de 2 anos de idade; esta infeliz senhora tem vivido durante este espaço de tempo do produto d'uma subscrição promovida pela corporação dos sargentos da guarnição e na esperança de que lhe seria em breve mandada dar a pensão de sangue em virtude do seu marido ter falecido em operações.

Por tudo quanto possa fazer em favor d'esta pobre senhora que luta com a miseria, lhe fica muito grato o que é um

amigo e camarada

Joaquim Manuel Cortez
1.º sargento d'infantaria

INCOERENCIAS

A classe dos officiaes possui, desde alferes a coronel, as mesmas garantias, em todas as situações, diferenciando-se, apenas, em vencimentos e deveres a cumprir.

Na classe dos sargentos, cujos deveres tantas vezes se confundem, não succede o mesmo no respeitante a garantias.

Vejamos: Quando em tratamento nos hospitaes o sargento ajudante usa o seu uniforme e a sua roupa branca, podendo receber diariamente a visita de sua familia; aos 1.ª e 2.ª sargentos, ao baixarmos aos hospitaes é nos distribuida a roupa dos mesmos, que ninguem veste sem uma bem visivel repugnancia e aquele uniforme hospitalar tão estético e igienico, que nos faz parecer uns presidiarios ou indigentes albergados em qualquer casa de caridade, em troca da nossa roupa e dos nossos uniformes; mas ainda isto não é tudo, pois que só podemos ser visitados por nossas familias duas vezes por semana.

Estas disposições tão antagonicas com a harmonia que deve existir em uma classe assaz numerosa e todo necessaria, cujos serviços e utilidade só desconhecem aqueles militares, que só têm este nome por vestirem uma farda, parecem adrede feitas para a desunir.

Que têm os nossos postos com o amor que nos liga a nossas esposas, filhos, paes e demais familia?

Eles amam-nos mais, ou nós a eles, porque tenhamos mais ou menos divisões, mais ou menos galões? Decerto que não! Só quem desconhece estes sentimentos tão nobres, seria capaz de inventar uma tal barbaridade, que sendo legislada no tempo da monarchia, a Republica conserva.

Infelizmente já encontrei um camarada, cujo dolman ainda acusava as divisões de 1.º sargento, que me respondeu ao apontar-lhe estas incoerencias «que certas garantias só vinham com os postos!»

A nós, que estamos a atingir a ultima etape na vida de sargento, repugna-nos tanto as disposições vexatorias (deixem-me classifica-las assim) que aponte, como o ouvi de um sargento, frases de tal jaez.

E' por isso que das colunas d'este semanario ousou pedir a s. ex.ª o ministro da guerra, que torne extensiva a todos os sargentos e equiparados o que se acha determinado para com os sargentos ajudantes,

quando em tratamento nos hospitaes militares.

Elvas, 1-7-912.

Manuel Antonio Vieira,

1.º sargento do 4.º grupo de metralhadoras
d'infantaria.

REPUBLICA

Passados vão 21 mezes de Republica, sem que afinal se tenha d'uma forma clara e concisa, defenido o que quer dizer a palavra que acima nos serve de epigrafe.

Dizia Hamon que a significação d'uma palavra era tanto mais precisa quanto mais raro era o seu emprego. E que o uso frequente lhe alterava a sua significação.

Pois bem; a palavra Republica compreende-se sobre diversas formas e feitos ao prazer de cada um por infelicidade nossa.

Todo o mundo fala da Republica, mas no geral não sabem do que se trata nem tão pouco do que dizem, por não terem a consciencia formada de forma a poderem definir a essencia da palavra.

Muita gente ha que se reveste com o rotulo de republicano democrata, liberal, etc., etc. Mas com um fim particular e não geral, faz-se a côrte ao povo, e este que vê ali um mar de rosas, accita-lh'a; uns com fins electoraes, outros para serem agradaveis ás massas populares para serem no dia immediato collocados num logar chorudo que lhe dê uma vida desafogada para si e para os seus, e porque o seu chefe politico vê que d'ali lhe podem vir algumas centenas de votos, e o exemplo temo lo nas ultimas eleições de deputados, dizia e apregoavam muita trêta, mas são esses que teem feito menos letra e ainda por cima de tudo isto a nação lhe dá um ordenado descumonal para que podessem dispôr de toda a sua actividade no interesse geral da nação; mas dá se o contrario com um grande numero que tratam só de politiquisse e do bem estar e o interesse nacional ficou esquecido.

O termo Republica está hoje tão familiarisado com o povo portuguez que se não ouve senão dizer sou republicano, mas como o uso da palavra lhe altera a sua significação fundamental, está defenido o procedimento de muitos homens que dentro deste paiz lhe toleram tudo quanto lhes apetece fazer.

Muitos d'elles desconhecem por completo, por não terem recebido a educação necessaria apezar de terem frequentado as escolas scientificas do paiz; que só podem ser democratas ou classificados como tal todos aquelles que desejam o bem estar d'um povo, a liberdade, a egualdade, a fraternidade, progresso e não a repressão, os que procuram a gloria e prosperidade d'uma Patria e ao mesmo tempo a felicidade da Humanidade que ensinam o respeito ás leis e não o desprezo por ellas, como tem acontecido em Portugal.

A auctoridade transgrediu, seja punida, e só assim poderá entrar no caminho que escolheu esta pobre gente ha 21 mezes, para ter mais tarde dias felizes como todos os portuguezes esperam que tal aconteça.

Coimbra, 5 — 7 — 912.

J. A. Cruz.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos, a importancia de suas assignaturas:

Por anno e meio, do sr. Augusto A. Vieira, 1.º sargento de infantaria, Angola.

Por um trimestre, da sr.ª D. Delina da Conceição Duarte, Tremez; Luiz de Castro e Almeida, tenente de infantaria n.º 23; Henrique Herminio Branco, 2.º sargento de infantaria n.º 21; H. Santos Calleya, Lisboa.

Balancete de 1 a 30 de junho de 1912

DESPEZA	
Composição e impressão dos n.ºs 71 a 74.....	24\$400
Expediente gasto com os mesmos numeros.....	10\$960
Cobrança postal.....	1\$520
Somma.....	36\$880
Saldo positivo.....	6\$410
Somma.....	43\$290
RECEITA	
Saldo antecedente.....	12\$740
Recebido como consta do n.º 71.....	15\$600
Idem do n.º 72.....	11\$100
Idem do n.º 73.....	2\$200
Idem do n.º 74.....	600
Annuncio de H. Santos Calleya.....	1\$050
Somma.....	43\$290

A tratar de negocios do seu estabelecimento, esteve entre nós o nosso amigo e assignante Anibal Soares da Cruz, de Luzo.

RESPONSABILIDADES...

A hora que escrevemos este artigo nada ha resolvido ácerca do famoso projéto de regulamentação do jogo.

Não nos é facil mesmo prevêr quem sairá vencedor da luta, se os que o atacam, se os que o defendem; isto é, se a Moralidade se a Imoralidade.

Não sabemos, mas é facil calcular que será a primeira, para prestigio da Republica, para honra de todos nós.

Chovam que argumentos chovam em defeza do projéto, que ninguem conseguirá fazer nos demover de protestar altisonantemente contra ele.

Quando uma crise tão dura asoberba o paiz, é vergonhoso até gastar-se tempo em discutir tão indigno projéto, porque é indignidade tudo que se não compatibilise com a Moralidade e com a Justiça.

Nós repelimos com fundo desprezo a ideia de que teremos jogo permitido dentro d'uma Republica que quer viver e tornar-se grande.

Se alguém ha que a aplauda, esse alguém não poderemos ser nós.

O jogo tem sido a origem de ruina de milhões de pessoas, de milhares de familias.

O jogo tem levado a miseria a muitos lares, tem tirado o pão de corpo e espirito a muita gente.

N'uma epoca em que é preciso incutir em todos os espiritos fundas lições de civismo, não podemos conceber a ideia de que a permissão

Quadro demonstrativo da promoção ao posto de alferes e sargento ajudante nas diferentes armas e serviços

Atrazo dos sargentos de infantaria em relação aos das outras armas e serviços

Corpos	Nomes	Data da promoção a 1.º sargento			Data da promoção a sargento ajudante			Data da promoção a alferes			Diferença na promoção por armas em relação á infantaria			Ordem do exercito em que foram promovidos
		Dia	Mez	Ano	Dia	Mez	Ano	Dias	Mez	Ano	Dias	Mezes	Anos	
Serviços de saude	Alberto José Luiz.....	3	Março	1910	Não foi sargento ajudante			1	Junho	1912	27	9	9	N.º 11 (4-6-912)
Serviços administrativos	José Manuel dos Reis....	4	Março	1904	Idem			21	Agosto	1911	10	7	4	N.º 22 (30-9-911)
Serviço de engenharia e artilharia	Adelino Vicente.....	1	Maio	1904	28	Agosto	1911	10	Maio	1912	17	—	4	N.º 10 (20-5-912)
Engenharia e companhia de torpedeiros	Manuel Alves Mineiros...	22	Dez.º	1904	Não foi sargento ajudante			8	Junho	1911	16	7	5	N.º 14 (9-6-911)
Cavalaria	Joaquim da Costa Saleiro.	24	Outub.	1900	28	Outub.	1909	6	Abril	1912	11	7	—	N.º 8 (26-4-912)
Infantaria	Augusto Conceição Fontes	5	Fev.º	1900	10	Agosto	1908	2	Março	1912	—	—	—	N.º 6 (22-3-912)

Data de posto de 1.º sargento dos que estão numero um para sargento ajudante, para confronto entre as diferentes armas

Engenharia	José Malaquias.....	5	Nov.º	1907
Artilharia	João Simões de Carvalho.	1	Maio	1904
Cavalaria	Adelino da Costa Rego...	16	Junho	1904
Infantaria	Francisco Fer.ª do Carmo	26	Nov.º	1902

Promoções a alferes, provenientes da Escola de Guerra e Escola Central

Annos	1901	1902	1903	1904	1905	1906	1907	1908	1909	1910	Somma	Media nos ultimos 10 annos
Provenientes da Escola de Guerra.....	6	55	74	55	68	68	58	64	73	74	595	59,5 (a)
Central de sargentos	11	20	9	17	5	8	3	12	6	7	98	9,8 (a)

(a) Não são contadas as promoções para o Ultramar

do jogo em Portugal será um facto — não!

No emtanto — oh irrisão! — o projéto de regulamentação do jogo tem acerrimos defensores.

Defensores republicanos, que todos os dias lançam pregões de moralidade e que tão inconscientemente se deixam arrastar para o abismo de vergonha!

Vergonha que, a ser permitida, lançaria sobre o regimen uma no doa cujas consequencias seriam bem funestas.

Que fiquem onde estão, irredutivelmente, se é essa a sua vontade; mas que fiquem sabendo serem responsáveis pelas tristes consequencias a que dá origem semelhante vergonha, a ser permitida.

Nós, por nossa parte, n'este caso, repelimos com desprezo qualquer especie de solidariedade com eles.

AGACIO SERRA.

SERVIÇO DA REPUBLICA

Concelho Tutelar e Pedagogico do Exercito de Terra e Mar.

Estrada de Bemfica n.º 378

Está aberto o concurso nos termos do artigo 5o do regulamento provisorio do Conselho, (O. E. N.º 19 1.ª serie de 1911) por espaço de 60 dias a contar da presente data, para preenchimento das vagas d'alumnos existentes no Colegio Militar, no Instituto Proficional dos Pupilos do Exercito de Terra e Mar e do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, até ao numero maximo de: Colegio Militar—57 alumnos, sendo 28 purcionistas e 29 pensionistas. Instituto Proficional dos Pupilos do Exercito de Terra e Mar—40 alumnos.

Instituto Feminino de Educação e Trabalho—54 alumnas.

Os requerimentos deverão ser entregues na secretaria do Conselho Estrada de Bemfica n.º 378 ou nas sedes das Delegações Tutelares do respectivo districto.

Os programas dos concursos estão patentes na secretaria do Concelho. Estrada de Bemfica 1 de Julho de 1912.

O Secretario do Concelho

Liberato Pinto,
tenente.

Noticias militares

Foram mandados apresentar em Lisboa, para fazerem o tirocinio para major, os capitães d'infantaria 35, sr. José Ignacio da Silva e d'infantaria 24, sr. José Freire de Mattos Mergulhão.

PENSIONATO ACADEMICO

Situado na rua n.º 6 do aprazível, saudavel e hygienico bairro

DO PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de Coimbra, num edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e muito perto da Universidade

TRATAMENTO EM FAMILIA

Direcção e administração a cargo de

José d'Albuquerque

Official do exercito

Alojamento: — Em magnificos quartos, todos com grandes janelas. — Dois ou tres pensionistas em cada quarto conforme a sua capacidade e tamanho.

Preço do alojamento por cada pensionista: — Até ao fim do anno lectivo, 8:000 réis, pagos no acto da admissão.

Mobiliario — a cargo dos pensionistas.

Os pensionistas que quizerem um quarto só para si, pagam o dobro do preço marcado.

ALIMENTAÇÃO: — 15:500 MENSAES

Almoço — Sopa e 1 prato ou 2 pratos, chá e torradas.

Jantar — Sopa e 2 pratos, 3 decilitros de vinho e sobremeza.

Ceia — Chá e torradas.

A's 5.ª feiras e domingos ha doce á sobremeza.

NOTAS

1.º — A verba alimentação deve ser paga sem falta até a dia 2 de cada mez, e bem assim qualquer outra despeza.

2.º — O Pensionato fornece livros, pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.

3.º — A alimentação especial e tratamento por doenças, são pagas á parte.

4.º — O Pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento de roupa dos pensionistas, por 1:000 ou 1:500 réis mensaes, conforme a roupa de goma que usar.

5.º — A importancia do alojamento só é restituída por falta de cumprimento d'estas condições.

6.º — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das verbas de alojamento e alimentação já pagas.

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUIZIÇÃO
COIMBRA

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memórias, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e Impressão de Jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMOTOS

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

E

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis

Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrucção Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Ortografia Portuguesa, 100 réis.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuais programas de instrucção primaria

POR

Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscrição Escolar, professor diplomado de instrucção primaria e sócio honorario de El Fomento de Las Artes de Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado..... 160 réis
Cartonado..... 210

A' venda na livreria F. FRANÇA AMADO

Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 123

COIMBRA

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 14600 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livreria Editora—Moura Marques & Paraizos—19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

A Voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
 Composto e impresso na
 Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS
 Continente, trimestre - 300 reis
 Ultramar, semestre - 600 »
 Numero avulso, 30 réis
 ANNUNCIOS — Preços convencionaes
 Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A INVESTIDA DOS TRAIADORES

Está definida a situação: d'um lado a horda de Couceiro empenhada em nova aventura, onde poz todos os seus recursos e todas as suas energias, para tentar, não tanto restaurar uma monarchia cujo throno corroído pelo remorso do seu extenso colonialismo de crimes baqueou de podre ficando submerso na lama do seu absurdo sustentaculo — o latrocinio que foi sempre o seu apanagio, — mas mais, muito mais a pôr na contingencia d'um perigo serio a nacionalidade d'um Povo, de gloriosissimas tradições, cuja prova exuberante acaba de ter, escripta em caracteres de fogo e sangue, o proprio odierno Miguel de Vasconcellos.

Do outro lado um Povo que sequioso de pão e liberdade e crivado de dividas e inumeras vezes vexado aos olhos do estrangeiro, repele nobre e altivamente, justificadamente enojado, um rei, esse magarefe, que outra qualificação não tem, quem d'esse proprio povo a propria pelle expoliou.

O insucesso d'esta aventura já ha muito estava vaticinado, comtudo alguma coisa nos inquietava a escandalosa protecção que a nossa vizinha sempre dispensou aos traidores que em seu seio contra a propria Patria tramaram.

A horda de Couceiro pode, pois, considerar-se vencida moral e materialmente, porque desde que o concurso da população com que contava para o engrossamento das suas fileiras lhe fálhou e com ela todo o exercito que fiel e unido defende com ancia a Republica e consequentemente a Patria, sacro legado de seus avós, Paiva Couceiro tem apenas dois caminhos a seguir: ou o trilhado por judas, que constantemente acossado pelo remorso do osculo traidor se viu compelido a enforçar-se, ou então o do judeu errante, cami-

nhando sempre, ou ainda o do presidente Castro da Venezuela, como aquele caminhando sempre, mas constantemente escoraçado!

A nossa vizinha tudo tem consentido ao bando que em seu seio se organisou, reorganizou e, talvez, quem sabe, se para mal dos nossos pecados se reorganizará outra vez para invadir de mão armada a Patria, que para cumulo da sua vergonha lhe deu o nome de portuguezes.

Sim. Hespanha tudo tem consentido a esse bando de degenerados.

A sua cumplicidade é iniludível e o seu procedimento a mais irritante violação dos mais elementares direitos internacionaes, não havendo, julgamos nós, memoria nos annos do Povo civilisado de identico procedimento.

Mas porque semelhante afronta a um Povo que em nada, absolutamente em nada, afecta os seus interesses?

A Hespanha acoitando em seu seio esse bando de renegados a quem presta auxilio para invadir a sua Patria, parece que esquece que essa mesma Patria foi tambem de Brites d'Almeida, a Padeira de Aljubarrota, que pode ter embryonaria ainda, uma nova Brites d'Almeida, Padeira de Aljubarrota e que é esse mesmo Povo, pigmeu no ouro e no numero, mas gigante colossal na alma, honra e tradições, que outrora em luctas consecutivas de seculos venceu sempre a Hespanha e soube altivamente expulsar os seus intrusos reis.

Não esqueça pois a Hespanha que os modernos progressos da sciencia tem especificos para todas as fraquezas organicas, ainda as mais rebeldes e que o fruto que hoje se nos apresenta em ambryão estará sazonado amanhã — assim o aspecto doen-

tió das nossas finanças não é de morte, se o fosse, essa morte seria por contagio de quem de nós mais perto está!

Mais tarde melhoraremos.
 E d'aqui até lá luctar, luctar sempre!

SALVÊ

No norte do nosso paiz está presentemente desenrolando-se, quiçá, o ultimo acto d'essa comedia, que classificariamos de burlesca, senão fossem as barbaridades canibalescas que os seus actores, essa horda de facinoras, essa escoria que esvurma odio e crime, tem cometido.

Senão fosse a perda de vidas preciosissimas que a Patria têm sido roubadas, senão fossem as despezas inormes que a nação é obrigada a fazer, exultariamos por os *paivantes* terem pisado o nosso solo; porque a sua entrada veio provar á sociedade, bem evidentemente, bem frisantemente, a união, disciplina e bravura que caracteriza o nosso exercito (qualidades que sempre lhe foram peculiares); o espirito que anima a todos quantos vestimos uma farda, na defeza do regimen Republicano.

De hoje em diante ficam sabendo o nacional e o estrangeiro, que o exercito portuguez ama e defende a Republica, como sempre tem sabido amar e defender a sua Patria, tanto na Europa como em qualquer parte do mundo onde os nossos antepassados foram descobrir terras, semear a fluxa civilisação, chamando os seus naturaes ao convivio dos outros povos.

De hoje em diante ninguem, com verdade, poderá dizer que nas fileiras do exercito existem homens affectos ao regimen dos adeantamentos, ao regimen de posto dos pusilanimes Braganças.

Todos os actos de heroicidade praticados pelas nossas tropas no norte ficarão bem vinculados nas paginas gloriosas da nossa historia. Eles provarão a todo o mundo a razão porque tanto nos orgulhamos de termos o nome de

portuguez; e os nossos descendentes, ao lerem os épicos feitos de hoje, notarão com desvanecimento, que os portuguezes hodiernos são dignos descendentes d'esse celebre pastor dos montes Herminios e dos grandes capitães cujos nomes são outros tantos padrões de gloria da nossa nacionalidade.

Chaves, porem, luzirá no futuro como estrela de primeira grandeza no firmamento da historia da incursão d'esses renegados, que para conseguirem os seus criminosos fins, não trepidaram em fazer entrar na terra onde nasceram, na terra onde alguns dos seus estavam com armas na mão em defeza da Republica, estrangeiros mercenarios.

A defeza de Chaves pode com orgulho para nós todos, enfileirar ao lado das de Aljubarrota e Linhas de Torres, porque em todas elas entraram os nossos soldados muitos d'elles recrutados, e todos tinham como fim a independencia da Patria.

Patria e Republica estão tão intimamente ligadas n'um indissolvel amplexo, que a instabilidade de uma acarretaria a queda da outra.

A monarchia morreu em 5 de outubro de 1910 e foi sepulta na costa da Ericeira: um cadaver jámais ressuscitou e jámais poderia governar.

D'este canto fronteirico do Alemtejo, saúdo reverentemente os nossos officiaes, camaradas e soldados, que tão heroicamente souberam segurar nas suas possantes mãos, a honra, valor e tradições seculares do nosso exercito, acrescentando á nossa historia militar uma das suas mais bellas paginas.

Salvé a campa d'esses a quem armas fraticidas ceifaram a vida e com ela todas as aspirações, verto uma lagrima de pungente dôr e ouxalá ela podesse minorar as angústias de suas desoladas familias.

Elvas, 10 de junho de 1912.

Manuel Antonio Vieira,

1.º sargento do 4.º grupo de metralhadoras de infantaria.

LITERATURA

CHÓ, TALASSAS!

(A proposito d'um manifesto paivante)

Um certo rev'rendissimo casmurro
Mandou-nos da Galiza uma mensagem
E a gente cora, só ao pensar que um burro
Tal aborto pariu de linguagem.
Estes parvos só a cacete e só a murro!
Não se pode aturar tal malandragem,
E uma *vêsta* assim, de tal jaêz,
Ind' é mais *urro* do que o pae que o fêz!

Se a vida se resume unicamente
N'acerba inquietação d'estes dois dias,
Para que haveis de vós continuamente,
Andar aos coices nas estrebarias?
Não meus caros paivantes, se o consente
A pachorra de vossas senhorias,
Permitti que vos diga com franqueza:
Fazei... colheres que é melhor empreza.

E eu cantarei a paz harmoniosa
Que spero reine d'hoje pró futuro
N'esta villa risonha e deleitosa,
Terra das boas moças e do duro
Cacete que põe tudo em polvorosa;
E se qu'reis as costas no seguro
Portae-vos como gente em toda parte
Se a tanto vos chegar o engenho e arte.

Porqu'isto, meus amigos couceiristas,
D'elle entra, não entra agora vae entrando,
Apesar de ser só fogo de vistas
Já nos vae a paciencia esgotando
Com este infernal coro de sachristas
E padres a zurrar de vêz em quando:
Elle entra. E elle entra, é certo, agora vem!
Mas... só se entrou o seu nariz no... d'alguem.

E p'ra qu'este arrazoado acabe em *istas*
E para que igualmente rime em *em*
Eu direi: O' meus amigos carteiristas.
Qu'estaes 'spalhados p'la fronteira alem
Estáes no vosso papel de fadistas,
O unico por signal que vos convem,
Pois só gente de Alfama e Mouraria
E' digna de servir a monarchia.

Vieira 5 de junho de 1912.

RAMALHO DE BARROS.

JUSTIÇA!

Os sucessos que se estão desenrolando na fronteira do paiz são em parte devidos á benevolencia mesquinha do regimen contra inimigos declarados que se teem conservado em luta latente contra a sua estabilidade.

Couceiro não ia atirar o seu bando de encontro á inaccessivel barreira das tropas republicanas sem contar com o auxilio dos que dentro do paiz teem pela Republica um odio reconcentrado, mas implacavel!

Sobre isto não pode haver a minima duvida. Couceiro esperava de dentro do paiz auxilio ás suas miseraveis facanhas. Não esperava dos seus adeptos tão grande cobardia, e só esse facto lhe conservou a esperança de que o seu triunfo seria certo.

E deixem-nos dizer que o heroe não deixava de ter muita razão.

A audácia, o descaramento com que certos discolos monarchicos, numa impunidade revoltante, teem atacado as instituições, podia muito bem, por quem não conhecesse o admiravel espirito republicano da consciencia coletiva do paiz, traduzir-se por fraqueza do regimen.

Ao passo que os cornetins do monarchismo trombeteavam a aria da calunia e da difamação, do odio e do insulto; ao passo que os residuos vis dos *adeantamentos*, trocavam e riam alvarmente das leis da Republica; ao passo que a escoria putrida da sociedade portugueza lançava impunemente sobre bons republicanos o sarcasmo e a afronta, eram presos alguns destes, cujo unico crime era o de terem pela Republica um fervoroso amor, e a de

defenderem por todas as maneiras contra desleaes inimigos.

O caso da Chamusca é prova elucidativa do que dizemos.

Ao mesmo tempo, os tribunales, transformada a béca do magistrado, — que volveria, temos a certeza, no caso d'uma restauração, em esbirro cruel — em mascara da injustiça, eram absolvidos, um a um, todos os dias, criminosos que tentavam atear na terra que os viu nascer, a guerra civil, a luta fratricida, com o fim unico — quem o não acredita? — de entregar á cubiça estrangeira, a Mãe-Patria!

Justiça! — Era o grito de todos os que viam calcar ignobilmente o prestigio do regimen.

E o grito, alto, justo, não conseguia despertar da apatia criminosa os que tinham o dever de o ouvir!

Como se podia ele ouvir se era abafado pelo pregão de guerra que resoava tambem pelos arraiaes republicanos, entre homens que trabalharam em comum na edificação da Republica?!

Alguns dos homens que foram os grandes mestres do Povo na obra da emancipação, envaidecidos pelo triunfo e por um passado cheio de brilhantismos, quebraram bem depressa os estreitos vinculos que a ele os unia.

Outros conservaram-se no lugar de sempre, mantendo por ele a mesma acrisolada amizade, pondo todo o seu esforço, toda a dedicação de almas grandes ao serviço da sua causa.

Estes conquistaram, por outra, mantiveram a simpatia que aqueles não poderam ou não quizeram manter.

A inveja, o despeito começava de ferver, desenrolando-se em breve até ás primeiras pedradas da afronta!

Desde então ficaram marcadas as balisas dos combatentes — era já impossivel uma reconciliação

Podia travar-se um combate leal, puro combate de principios contra principios; mas travou-se uma luta insana de paixões pessoases, descambando em breve no insulto e na agressão.

E foram estas lutas cujo ruido abafou o grito de Justiça soltado pelo Povo contra os seus desleaes inimigos.

A aventura couceirista liquidará em breve, e liquidará como merece, estamos certos.

Que depois se reconsidere e se tome caminho diferente do que teem trilhado.

Que o amor da Patria e da Republica, calando bem fundo no animo de todos, suplante o personalismo, a vaidade, as réles invejas.

E, sobre tudo, não nos esqueçamos que, para os inimigos, tem de haver, inflexivel, uma — **Justiça!**

ACACIO SERRA.

CONVITE

A fim de darmos cumprimento ao nosso desejo, convidamos um individuo de cada unidade a remetter a esta redacção uma nota dos nomes dos nossos camaradas que soffreram castigos e desejem aproveitar-se de quaesquer beneficios.

Anniversarios jornalisticos

Completaram um anno de existencia os nossos colegas locais *Jornal de Coimbra* e *Gazeta de Coimbra*. As nossas felicitações.

Noticias militares

Foi nomeado continuo do ministerio do fomento o 2.º sargento de infantaria 35, sr. Adriano da Conceição Carmo, que estava desempenhando o lugar de amanuense no Parque da manutenção militar.

— Marchou para a Figueira da Foz em serviço da sua especialidade, o capitão de engenharia, sr. José Marques Pereira Barata, adjunto á inspecção das fortificações e obras militares da 5.ª divisão.

— Está fazendo serviço no quartel general da 5.ª divisão, o capitão do estado maior de infantaria, sr. Julio Augusto da Conceição Vilar.

— Estêve nesta cidade, a fim de receber fundos, o tenente da administração militar, sr. Antonio José de Faria Loureiro, adjunto do regimento de artilharia n.º 2.

— Marcharam para o Carregal do Sal em serviço de inspecção do recenseamento de animaes e veiculos, o tenente-coronel de cavalaria, sr. José Candido de Andrade e pessoal adjunto.

— Fixou residencia nesta cidade o tenente-coronel de cavalaria, sr. Joaquim José Salema.

— Pediu 30 dias de licença disciplinar o 1.º sargento de cavalaria 8, sr. Carlos da Cunha Pinto Balsemão.

— Foram mandados apresentar em Chaves os tenentes de administração militar, srs. Canelhas e Moutinho, respetivamente, adjuntos de infantaria 24 e 28.

— Pediu classificação para empregos publicos o sargento ajudante de I. R. 28, sr. Emidio Afonso de Barros.

— Pediu 30 dias de licença disciplinar o sargento-ajudante d'infantaria 35, sr. José Maria de Lacerda Gomes.

"A Justiça,"

Com este titulo vae aparecer em Lisboa, um jornal que se propõe advogar os interesses da classe dos cabos do exercito e armada.

Bem vindo seja, porque esta classe bem necessita despertar do letargo em que ha tanto tempo estaciona.

Da nossa parte desde já lhe offerecemos todo o nosso apoio moral e material, porque somos companheiros na luta e irmãos no infortunio.

Luctar sempre!

A Aveiro

O Club Recreativo Conimbricense assentou já definitivamente em realisar a anunciada excursão a Aveiro no primeiro domingo de agosto, ou seja no dia 4 daquele mez.

E' certo que o rancho infantil acompanhará a excursão, devendo os pequenos representar umas comedias no Teatro Aveirense, para o que começaram já a ser ensaiados, dansando tambem no Jardim Publico daquela cidade.

Do produto das entradas no teatro e jardim, será descontada uma percentagem para um estabelecimento de caridade aveirense, revertendo o restante para despesas da excursão.

Os preços dos bilhetes são: 580 réis em 3.ª classe e 850 réis em 2.ª, ida e volta, o que representa á certeza da maior concorrência á excursão.

Cartas dum jornadeador

Minho, 25-7-1910.

Este jardim minhoto é como a mulher que o nosso coração escolhe e santifica. E quando digo o nosso coração, falo de mim, que honrado sou na raça portuguesa. Em toda a terra de Portugal de norte a sul, da raia estrangeira ao mar hercúleo, lendario e azul, não ha, que eu saiba de o ouvir ou ver, rincão mais bello e mais... harmonioso.

Por toda a parte o meu olhar se aprofunda num cántico sagrado ao poisar os pláinos curtos e natosos, fertelizados em grenhes fios de agua saborosa e crystallina, que se debruam num conchêgo amorôso e tépido á beira das montanhas suavemente erguidas ao azul do céu. Como produto desta laboração natural fica o character ethnico da gente que aprofunda o solo num labôr de todos os dias uteis, que se dispersa pela terra abençoada ajuntando os casais, a procrear nas multiplas aldeias, mercadejando nas ruas estreitas das villas, a laborar nas praças arborizadas das cidades comezinhas.

Aqui, como em todo o país, é preciso esperar benedictinamente pelo domingo a vêr os homens nas fatiotas dos dias santos e a ouvir as raparigas nas canções alegres, garganteadas nos bailaricos.

Mas ei-lo que chéga; e então ainda o sol pouco subiu na abobada do céu, e já o macho povoleu se abeira dos portais, cigarro de capa de milho na commissura dos lábios, mãos nas algibeiras rectas das calças apertadas, *bom dia* ao visinho, *Deus o salve*, a quem vai passando. As mulheres, mais prudentes, demoram-se mais tempo de portas a dentro; é que o almoço, singello e quente é neste dia repartido á mész entre todos da familia; é que a saía negra de castorina forte e o casaquinho de chita cintado e folhudo como a corolla de um malmequer, o lenço garrido de verde e amarelo, de amarelo e vermelho levam mais tempo a enfiar, mais tempo a compôr no corpo polpudo, crestado e forte.

Depois, quando o movimento dos aquistas se faz mais volumoso e impertinente á sombra das árvorez da estrada e do parque, ei-los ambos caminho das immediações das thermas, êlle gingão, forte no passear lento, mãos nas algibeiras, cabeça erecta olhando quem o vê, ou quem tem a paciencia de o estudar. Ella, quasi sempre, segue-lhe as pégadas, atraz e de mansinho. Se no casal ha filhos, e raro é que os não haja, caminham agrupados á mãi. As jovens sam amplas e torneadas de perfeitas carnações. As suas roupagens externas de côres sombreadas, sam talhadas á mingua e lèvemente postas sobre o corpo: a saía curta deixa a descoberto o começo da perna, calçada, lisa e francamente arremettida na chinela de verniz ou no sapato grôssô de cordovão; e o casaquinho polychromo arregaçado nos ante-braços roliços e crestados, sobe numa linha de harmonia e de perturbação aos estranhos olhos, á linha de perfeição do pescôco,... e descê numa ondulação franca e amerosa á cintura normal duma deliciosa mulher.

Hôje, de tarde, armou se um bailarico; por soallo o solo arenáceo do largo fronteiriço á hospedaria; por tecto a abóbada verde-escure-

cida da copa dos carvalhos. E durante algumas horas, ainda pêla noite dentro, rapazes e raparigas rodopiaram numa endemoninhada vertigem do vira aos pares, passando-se entre si em um labyrintho de voltas que a minha vista apenas adivinha, á caninha-vêrde, numa alegria doidejante, ora uma vêz ora outra garganteadá por uma voz crystallina e incisiva a modular na canção as mais dôces promessas que um namorado vai escutando nos passes imliricados da dança.

E pêla noite cálda, branca como a toalha santificada do altar, eu, debruçado na janella, escuto as impressões do meu espirito, e na modulação do pensamento adivinho sôb a apparencia grosseira, o character simplez e bom desta laboriosa gente, que, pâra sêr feliz em tudo, até desconhece a razão material por que é governada, e, franquêza da minha educação, eternamente espoliada.

(Continua.)

NON NEMO.

O EXERCITO COLONIAL

Continuamos na mesma, projétoz e mais projétoz para uma reorganisação do exercito colonial; mas nada de converter êsses projétoz em Leis; não admira, porque somos Portuguezes!

Vão passados quasi dois anos de regimen liberal e economico, e comtudo continua a desigualdade, a má administração colonial, e o proteccionismo que nos legou a extinta monarchia.

Pelo visto estão as nossas colonias condenadas á iterna exploração, e talvez por isso ainda ninguem até hoje tentou minorar o mal que as aféta ha tantos anos, dos quaes o maior é o já bem conhecido de todos os Portuguezes, o celebre D. de 14 de Novembro de 1901 que organisou as forças coloniaes com um grande aumento de despeas e desigualdade, tanto de vencimentos como de promoções entre os officiaes do exercito da Metropole, em commissão, e os dos quadros do Ultramar, e em especial a dos do quadro privativo.

Estas desigualdades não podem continuar, não só por prejudicarem os interesses coloniaes porque um official em commissão ganha por dois do Ultramar como se vê dos numeros que passamos a descrever:

Alferes em commissão, soldo, réis 350000, gratificação de patente, 50000 réis e subvenção 360000 réis, total 760000 réis, afóra uma ajuda de custo equivalente a dois méeses de soldo que recebe no acto do embarque e custo das passagens de vinda e regresso.

Alferes do Ultramar, soldo, réis 350000, gratificação 50000 réis, total 400000 réis e nada mais.

Existe portanto uma pequena differença de vencimentos entre estas duas classes d'officiaes, Metropolitanos e Ultramarinos, e por isso vale bem a pena promover a alferes para o Ultramar, 1.º sargentos da Metropole com seis anos de posto e deixar de promover os 1.º sargentos do Ultramar com oito ou mais anos de bom e efetivo serviço como ha por aí tantos, que vêem já o seu futuro perdido, depois de terem passado toda a sua mocidade ao serviço da Patria e nos logares mais perigosos (Ultramar.)

Pedimos pois a Sua Ex.ª o Mi-

nistro das Colonias, a urgente ampliação do quadro privativo do Ultramar, ou a criação de outro que melhor compense os martirios que passam por estes inospitos paizes, os servidores e filhos da Patria Portuguesa (sargentos das forças do Ultramar) que tão dignos são como os seus irmãos da Metropole.

Mas ainda ha mais um grande motivo porque o actual quadro privativo deve ser ampliado ou modificado, para melhorar a situação dos atuaes 1.º sargentos e até dos alferes desse quadro; e o decreto ultimamente publicado, concedendo promoção aos sargentos ajudantes e 1.º sargentos das companhias de saude do Ultramar, o que aliás é muito justo, porque o sol quando nasce deve ser para todos, mas o que não achamos justo é que um 1.º sargento venha a ser capitão primeiro que o alferes, por isso ser anti-disciplinar.

Tambem pedimos a Sua Ex.ª o Ministro que mande organizar e publicar uma lista de antiguidade dos 1.º sargentos em serviço no Ultramar com direito á promoção a alferes para o quadro privativo.

Macau, 20 de Junho de 1914.

Um interessado.

PORTUGAL NA ATUALIDADE

Fala-se da substituição do desenvolvimento inconsciente da Humanidade, pelo desenvolvimento consciente e no agrupamento de todas as forças progressivas dos seres humanos, para se equilibrar por este meio, tanto o trabalho mental como o trabalho manual de cada um, segundo as suas aptidões, para serem recompensados igualmente na mesma regra de proporção, abrindo assim o caminho ás gerações futuras é nesse dia de gloria que estará a sociedade no seu auge de civilização.

Mas quando terá este logar?

Muitos dias se hão de passar de amargura até se chegar ao fim desejado.

Nesse dia não teremos a Republica, teremos em sua substituição o *socialismo*, tantas vezes apregoado em algumas nações onde a civilização marcha a passos agigantados para o bem estar dos povos.

Portugal vae caminhando com passo de lesma para esse fim; começando pelo exercito, caminha tanto que até já fecharam as escolas regimentaes onde se não fazia despeza alguma. Devemos calcular que por este andar devemos dentro em poucos annos estarmos proximos do ponto de partida (tempo de Afonso Henriques) e digam lá que não é progresso de caranguejo! Quando todo o mundo está abrindo escolas para educação intellectual, em Portugal fecham-se as portas a esses casos.

Em principios de 1819 apareceu o primeiro termo «socialismo» na Inglaterra, em 1832 em França, e desde então para cá milhares de significações lhe tem dado, não sabendo qual a fundamental que devia presistir, mas com o aperfeiçoamento do vocabulo chegou-se á conclusão que o termo se pôde empregar sobre diversos sentidos.

«O socialismo pôde ser considerado como um movimento que procura por meio de mudanças economicas destruir a desigualdade existente nas condições sociaes do mundo.»

Por enquanto contentar-nos êmos com a teoria, e a realidade ficará para mais tarde. Quando...

Foi talvez n'esta ordem de ideias que Portugal desejava viver porque tudo fica para mais tarde, nunca ha pressa senão para esvaziar os cofres do Estado, tudo vae andando a passos vagarosos, quando em geral o portuguez é agil bastante, e tão agil que temos visto cada vò em certas creaturas que é para se ficar espantado!

Já me ia afastando do fim principal, mas retrocederei novamente para o mesmo caminho.

Para que possamos de hoje para o futuro combater os nossos maiores inimigos, é necessario trabalhar com grande afino para contrariar esses grandes abutres da natureza, que constantemente se nos deparam na marcha encetada por cada um, segundo o ramo de vida a que se dedicam.

Unidos todos pelo mesmo ideal, chegar-se ha um dia a colher o fruto semeado.

Nós temos o defeito de esperarmos que os poderes constituídos nos venham trazer a casa aquilo que precisamos, quando é certo que deviamos fazer o contrario e mal dos povos que pensam como nós pensamos.

Coimbra, 7-1912.

J. A. CRUZ

Festival

Realizou-se no ultimo domingo em Santa Clara o festival promovido pela comissão de Beneficencia e Ensino Escolar, cujo produto reverterá em beneficio do seu cofre, para compra de livros e material escolar aos alunos pobres.

Club Recreativo Conimbricense

AVISO

São convocados os ex.ªs consocios para uma assembleia geral no dia 21, ás 21 horas. Não comparendo numero legal fica a mesma transferida para o dia 28, ás mesmas horas.

ORDEM DO DIA

- 1.º — Tomar conhecimento de 2 officios dirigidos á direcção, um pelo presidente e outro pelo vice-presidente da mesma.
- 2.º — Apresentação de contas.

Coimbra, 12 de julho de 1912.

O secretario,
Heleodoro Veiga

Em virtude dos Estatutos, só teem voto nas deliberações da assembleia geral, os socios em dia.

O FRANCEZ

Inglêz, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2.500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 400 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 3.º e Ferregal de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

JORNAES USADOS

Vendem-se na redacção de *A Voz do Sargento*, rua da Sophia, n.º 166 — COIMBRA.

PENSIONATO ACADEMICO

Situado na rua n.º 6 do aprazível, saudavel e hygienico bairro

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de Coimbra, num edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e muito perto da Universidade

TRATAMENTO EM FAMILIA

Direcção e administração a cargo de

José d'Albuquerque

Official do exercito

Alojamento: — Em magnificos quartos, todos com grandes janelas. — Dois ou tres pensionistas em cada quarto conforme a sua capacidade e tamanho.

Preço do alojamento por cada pensionista: — Até ao fim do anno lectivo, 8:000 réis, pagos no acto da admissão.

Mobiliario: — a cargo dos pensionistas.

Os pensionistas que quizerem um quarto só para si, pagam o dobro do preço marcado.

ALIMENTAÇÃO: — 13:500 MENSAES

Almoço — Sopa e 1 prato ou 2 pratos, chá e torradas.

Jantar — Sopa e 2 pratos, 3 decilitros de vinho e sobremeza.

Ceia — Chá e torradas.

A's 5.^{as} feiras e domingos ha doce á sobremeza.

NOTAS

1.º — A verba alimentação deve ser paga sem falta até a dia 2 de cada mez, e bem assim qualquer outra despeza.

2.º — O Pensionato fornece livros, pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.

3.º — A alimentação especial e tratamento por doenças, são pagas á parte.

4.º — O Pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento de roupa dos pensionistas, por 1:000 ou 1:500 réis mensaes, conforme a roupa de goma que usar.

5.º — A importancia do alojamento só é restituída por falta de cumprimento d'estas condições.

6.º — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das verbas de alojamento e alimentação já pagas.

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO
COIMBRA.

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e Impressão de Jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMODOS

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, comerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS.

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis

Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrucção Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Política da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Orlografia Portuguesa, 100 réis.

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 1\$800 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora — Moura Marques & Paraizos — 19. Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Aritmética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuais programas de instrucção primaria

POR

Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscricção Escolar, professor diplomado de instrucção primaria e sócio honorario de El Fomento de Las Artes de Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado..... 160 réis
Cartonado..... 210

A' venda na livreria F. FRANÇA AMADO

Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 125
COIMBRA

A VOZ do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 166

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600 " "
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

ESPAÑHOIS—NÃO

A Republica foi recebida como uma promettedora esperanza por todo o paiz. Não houve uma unica terra onde um manifesto repudio mostrasse com ela a incompatibilidade do povo. Os erros politicos e administrativos dos dirigentes monarchicos e dos ultimos chefes de Estado haviam-se accumulado por tal forma — que o paiz, farto de ser ludibriado tinha como melhor — tudo quanto não fosse o que estava.

E foi por isso que a Republica tão facilmente se tornou uma realidade. Não esperámos que ela transformasse tão cedo um paiz exausto, péssimamente educado, peor instruido, e bastante indisciplinado, numa nação rica, onde a economia, a ordem a sciencia e a moral — pudéssem pô-lo em paralelo com os paizes mais adiantados.

Podiam ter corrido melhor os negocios publicos.

Sem duvida. Mas não é para admirar isso, sobretudo a quem fôr um pouco lido na historia das revoluções e mudanças de instituições em todos os povos.

Mezes após a implantação do novo regimen deleniou-se um começo de revolta. A corrente dos despeitados, dos ambiciosos insofridos, de muitos indevidamente perseguidos, de outros feridos nos seus interesses e vaidades, foi aumentando. O paiz, porem, não os secundou. E não o fez, como o não fará, muito principalmente porque lhe repugnou, como repugna, vêr que para campo de operações foram procurar uma nação estranha, nossa tradicional inimiga.

Por que vê, ou presente, que esses que na Galiza prepararam uma revolta contra a Republica estão fazendo o jogo da Espanha e promovendo a perda da nossa independencia.

Por que a alma dos conspiradores tem sido a companhia de Jesus, e o paiz, como varias vezes aqui o temos acentuado, não

é anti-catolico, mas é, do fundo d'alma — anti-jesuita.

Porque o paiz vê como agentes da conspiração os clericais, não o padre portuguez, o verdadeiro patriota e honrado cidadão, o bom cura d'almas que prefere o breviario á intriga, o trabalho honesto á politiquice, — mas o ultramontano e ajesuitado eclesiastico, a quem a curteza de vistas e a obcecção não deixam vêr que para servir os interesses dos sem patria, (porque só uma teem onde podem predominar e enriquecer) põe em risco a independencia do seu paiz.

Este não os secundou, nem pôde secunda-los, porque lhe falta um individuo com prestigio moral e intelectual que possa representar devidamente o simbolo das antigas instituições.

O paiz viu, finalmente, a miseravel situação criada pelos agentes da conspiração.

Viu — e revoltou-se. E como não havia de revoltar-se toda a gente que vê: formar e adestrar em paiz estranho os incursionistas; *contratar espanhóis para combater Portugal; adquirir em Espanha, e das proprias fabricas do Estado, armas, canhões, metralhadoras, material de guerra, cavalos, muares, burros, até, para vir provocar uma guerra fratricida, alimentada, fomentada e ambicionada pelo governo da nação visinha; que vê a cumplicidade com que êsse governo posterga os mais rudimentares principios do direito internacional para com a nação visinha; que vê o ministro de Espanha, Vilalobar, percorrer todos os pontos escusos de Lisboa, e procurar, insistentemente, os pontos onde qualquer desordem appareça, para ver se por qualquer modo o alvêjam; que sabe que esse mesmo ministro se não recata para dizer — que de véras estimaria que o matassem, porque deixaria á Espanha uma boa herança; que presente, como o viu o deputado espanhol Soriano, um telegrama enviado de*

Tuy a Canalejas, que este premeditadamente busca um coflito com Portugal!!!

O paiz não esqueceu o odioso jugo de 1580 a 1640.

Hoje, como ontem, como amanhã — terá a maior repulsa por todos os Migueis de Vasconcelos.

E parece que êsse miseravel, êsse infame vendido, deixou descendentes. O paiz votar-lhe-á o odio e desprezo que merécem.

Viu tarde, talvez, a desgraçada situação que, de boa fé ou criminosamente, lhe criaram. Mas viu a tempo ainda.

Espanhois — nunca.

El-senór D. Pepe...

Os argumentos que *el senór* Canalejas apresenta para a liberação das enormissimas faltas por si cometidas contra o direito internacional, nesta questão da incursão dos saltadores realistas, são tão falhos de razão, tão ineptos, que nem ao menos logravam servir, com exito, numa comedia d'um escritor principiante.

Valia mais, muitissimo mais ao sr. Canalejas remeter-se a um profundo silencio e sofrer com resignação a dura expiação a que a sua consciencia o deve ter submetido.

Ainda que o chefe do governo hespanhol tivesse a prespicacia romanesca de um Xavier de Montepin ou novelista de um Conan Doyle, nem assim conseguia sair triunfante da malfadada teia em que se meteu, para eterna vergonha sua! *taes* são as culpas originadas pelo seu exagerado palacianismo.

Mas *el senór D. Pepe* atira boçalmente á opinião mundial, justamente afrontada pela sua torpe atitude, argumentos de defeza que mais veem agravar, pela sua inepecia, as culpas que lhe cabem, por desleixo, ou por cumplicidade (que é o mais certo), na celebre questão da incursão dos traidores.

Esses argumentos de defeza, voltados na mais dura acusação, além d'isso, constituem quasi uma afronta ao mundo civilisado, tal foi a espreteza saloia com que o

seu autor os forjou, julgando que com eles podia fazer frente a quem lhes pede estrictas contas do seu inconcebivel procedimento.

Sim, o sr. Canalejas, julgando convencer a opinião de que em nada foi culpado, apresenta ao mundo argumentos de que a mais limitada inteligencia se riria perdidamente.

E eis comprovada a suficiencia d'um homem que passava por ser um dos principaes estadistas da Europa: — Estupido e sem brios!

ACACIO SERRA.

Um pseudo legalista

Dizia ele que a Republica Portugueza era uma Republica feita por armas e não pela vontade da maioria do Povo; feita pela força e não pela evolução das ideias; que o Povo Portuguez não estava republicanisado, mas falho de instrução para bem decidir do regimen que devia adotar.

Mas, a par d'estes disparates e de outros de igual jaez, queria que se fizesse uma consulta ao paiz, a fim de este se pronunciar definitivamente.

Este legalista é evidentemente louco ou mau, pois que afirmando gratuitamente que o nosso Povo não está instruido, deve ser o supremo juiz dos seus destinos.

Pobre povo que tanto tens sido roubado, escarnecido, vilipendiado e arrastado, como agora muitos de teus filhos, a tomar armas contra a liberdade, contra aqueles que procuram o teu bem estar, por esses vampiros que te sugaram e escarneceram, pelos padres, fidalgos e caciques — triologia criminosa, apangio do retrocesso, defensora do trono e do altar, os maiores males da humanidade, origem dos maiores crimes de todos os tempos.

Mas queria ele que fosse o Povo que se pronunciasse? Evidentemente não!

Ele queria que em todo o paiz, como em Cabeceira de Basto, o padre, o cacique e o fidalgo, o arrastassem a uma loucura criminosa, que ele continuasse formando a base do pedestal que, mercê de vilanias de toda a especie, de actos os mais nefastos, possuíam antes de 5 de outubro de 1910.

Pois não viu este legalista que todo o exercito, aquele que decide da sorte das batalhas, aceitou de

braços abertos o regimen que Lisboa aclamou?!

Pois não viu a confiança e acatamento que o nosso Povo desde logo lhe votou?

Não assistiu a esses espectaculos grandiosos e comoventes que por todas as terras do paiz se realisaram, quando a Republica foi implantada?

Não tem reparado o entusiasmo que se nota em todos os portuguezes amigos da sua patria ao sabermos das derrotas d'esse heroe de triste figura?

Aonde nota o desanimo? Só nas hostes reacionarias, que, como o *legalista*, trazem sob a camisa o escapulario do santo da sua devoção.

Que mais quer este legalista?

Que mais provas o Povo Portuguez lhe pode fornecer do seu amor ao regimen Republicano?

Percorra este Alemtejo todo, visite a aldeia mais sertaneja que possa imaginar e verá a actividade com que as classes proletarias, aquellas que trabalham de sol a sol, que da officina e da terra arrancam todos os productos necessarios á humanidade, se instruem e preparam o futuro, para que o pão de nossos filhos seja mais claro e menos duro do que aquelle que nós comemos.

Desça do pedestal balfo em que se coloca, arranque o monoculo e veja como o nosso Povo aneia por se instruir, batalha por melhores dias, visto a monarquia lhe ter fechado a escola e entropécido toda a sua actividade.

Saia, tambem, do Alemtejo, percorra as demais provincias, faça sair d'elas o padre, o cacique e o fidalgo; e, depois, diga se o Povo quer ou não a Republica.

E ha homens d'estes que se dizem portuguezes! Ha d'estes legalistas a quem a Republica paga os servicos negativos que eles lhe prestam! Ha em Portugal homens que sacrificam vidas e dinheiro, para assentar num trono que a podridão do crime tinha minado e que o Povo Portuguez, num dos seus mais hepicos e belos feitos e no pleno uso dos seus direitos, lançou por terra para jámais se erguer, um imbecil e jalfo tarado que nem ao menos possui a valentia peculiar a todos que nascemos neste rincão feracissimo da Europa! Já é maldade! Atinge o cumulo da hipocrisia e da endiodez.

A Republica Portugueza tem sido benevola e carinhosa; porque, sendo feita pelo Povo, tinha de ter os seus caracteristicos.

Todavia, como tudo tem o seu termo, a benevolencia, que os retrogrados portuguezes presumiam ser temor, teve o seu fim e hoje o povo portuguez e o seu exercito estão dispostos a provar ao mundo civilisado, que a grande maioria da nação portugueza—a parte trabalhadora e honrada—quer e ama a Republica e que nunca poderá ser feudo de qualquer homem, ainda que ele seja o mais prestigioso.

Elvas, 15 de Julho de 1912.

Manuel Antonio Vieira,

1.º sargento do 4.º grupo de metralhadoras d'infantaria.

Espanhois — Não

E' do nosso presado colega O Comercio de Vizeu, o excelente artigo que com este titulo publicamos em editorial.

LITTERATURA

LUZ E PÃO

Oh! quão pesada é a cruz, proletario,
Que te verga no calvario da vida:
Se te finas nada importa á sordida
Ambição do capital, vil corsario.

Atulha o seu cofre e ao usurario
Tanto basta, consciencia fundida
De foros velhos e lama putrida,
Só quer dinheiro, dinheiro, o erario.

A ti, cadeia, hospital, sepultura,
A trilogia horripilante e mais nada
Te proporciona a ingrata natura.

E para cum'lo a justiça é-te assim dada:
Por luz, se pedes, azeitona . . . dura;
Por pão, se tens fome, peixe . . . espada.

Castelo Branco, Julho de 1912.

Henrique Herminio Branco

O EXERCITO COLONIAL

O que conviria fazer

Ha tempos a esta parte, ou por outra, desde 5 d'Outubro, data em que para nós raiou uma nova aurora, que ansiosamente esperamos uma reorganisação do exercito colonial.

Com magua vëmos decorridos quasi dois annos após esse dia memoravel, sem que, mau grado nosso, a despeito do muito que se tem fallado sobre o assumpto, essa reorganisação venha pôr termo á actual rotina, tão velha quanto inconveniente nos novos exercitos, e sobretudo no nosso exercito colonial, ao qual concupiscencias desesperadas devem pôr o de atalaia e á altura de, no momento oportuno, poder fazer face a qualquer coice.

Num anterior artigo já expozemos o que de inconveniente havia nessa demora, aliás censuravel de tão almejado melhoramento; hoje porém resignando-nos com a pouca sorte que assim nos fáz esperar quasi dois annos, procuramos demonstrar o que conviria fazer emquanto que o direito que háde pôr em execução a citada reorganisação não vier desanuviar este horizonte de anomalias e de injustiças.

Do mal o menos, e assim o que vamos expôr, julgamol-o nós, como uma necessidade inadiavel, tanto de verá ser a sua eficacia no nosso exercito colonial onde a instrucção descorada em absoluto tanto tem concorrido para a sua decadencia.

Fiat lux, faça-se luz sim, ministre-se a instrucção social e militar áqueles que ora se dedicam á defeza das nossas tão ricas quanto abandonadas colonias, e vereis que em breve, uma nova epocha de prosperidade raiará, tão proficua quanto até aqui a falta de conhecimento tem sido pernicioso!

Se não estamos em erro, mesmo que admittir o contrario seria contraproducente, há a intenção de criar nas capitães das provincias ultramarinas escolas centraes, onde os candidatos ao posto d'official no exercito

colonial, adquiram os conhecimentos necessarios ao bom desempenho da missão tão complexa quanto melindrosa que mais tarde terão de desempenhar, impondo-se não só como modelos de actividade e com criterio, como ainda pelos conhecimentos especiaes que todo official deve possuir.

Até agora esses conhecimentos—afóra os casos em que o official conscio do seu papel procura armazenar á custa de viglias e vencendo a reluctancia quasi geral pelo estudo, um certo numero de conhecimentos—são por assim vedados, aquelles que não tendo principios e não lhe proporcionando o Estado estabelecimentos officiaes onde a aprendizagem seja obrigatoria e sirva de degrau onde se apoie todo aquelle que aspire ao officialato, se deixaram vencer pelo desamor ao estudo, fiados tão sómente nos conhecimentos assáz incompletos colhidos no restricto campo da sua observação.

Por outro lado, a menos que uma grande força de vontade não seja como que a poderosa alavanca que tudo remova, o proprio clima predispondo á indolencia e não permitindo grandes lucubrações intellectuaes, a pouca estabilidade que não permite possuir mais do que os livros restrictamente indispensaveis, são poderosos factores para que o official não possua uma illustração tão cuidada e complexa quanto era para desejar.

As escolas pois, são a base fundamental em que deve assentar a nova reorganisação; descorado este principio, o cahos avolumará, e ai de nós! Não somos um povo que possa viver confiados na providencia e na lealdade de aqueles que fazendo-se nossos amigos amanhã nos depilarão se a tanto se lembrarem; o nosso dominio colonial é vasto e mal defendido.

Pensar em organisar convenientemente essa defeza sem que primeiro tenhamos em vista a instrucção geral e especial devida a todos aquelles que intellectual e materialmente teem de corroborar nella e ainda na sua regeneração social, é utopia que nos acarretará difficuldades e que de resultados retroactivos, mais servirá para nos aniquilar do que para nos

prestigiar aos olhos das outras nações queolicitos tem pensado a serio no seu problema colonial mas emquanto que amalgamamos ideias, na espectativas de embora vermos este nosso desideratum satisfeito, queriamos nós que essas escolas que certamente pouco dispndio acarretarão, fossem desde já enviados e postas a funcionar, não só porque todo o tempo é precioso em tal caso, como ainda para que dada a hypothese de pela mesma reorganisação não poderem ser promovidos a official os individuos que não tenham o competente curso, não sejam prejudicados com a demora que a frequencia do mesmo curso lhe acarretará na promoção.

Admittindo que o nosso alvitre cabe no animo de Sua Ex.ª o Ministro das Colonias, deverão ser chamados a representarem a respectiva escola de 15 a 20 1.ºs sargentos dos mais antigos na escala da provincia a que pertencerem, podendo ser admittidos á frequencia 2.ºs sargentos na proporção de 1/2 dos 1.ºs sargentos.

Cabinda, 5 de Junho de 1912.

Arnaldo Gama Duarte,
1.º sargento de infantaria.

Noticias militares

Pela secretaria da guerra, foi transferido para o regimento de artilharia 1, o 2.º sargento de artilharia 2, José Joaquim dos Santos Calado.

Pediu para ser nomeado amanuense do ministerio do fomento, o 1.º sargento de infantaria 28, sr. Antonio Maria.

Pediu para contrair matrimonio o capitão do regimento de infantaria 28, sr. Teofilo Alberto Juanelho.

Pediu para ser presente á junta hospitalar de inspecção, que deve reunir nesta cidade, o capitão de infantaria 24, sr. José Freire de Matos Mergulhão.

Requeru a medalha militar de permitido ao tenente de artilharia, sr. Antonio de Souza Pinto Machado Coutinho, completar em cavalaria 8, o tirocinio do serviço do estado maior.

prata de comportamento exemplar, o 1.º sargento de infantaria 28, sr. Manuel Joaquim Caldas.

Pediu para gosar a licença da junta na Figueira da Foz, o 1.º sargento cadete de cavalaria 8, sr. João Amorim Pires.

Pela secretaria da guerra foi reunida em 15 no hospital militar de Coimbra, foram arbitradas diversas licenças a praças presentes á mesma junta.

Foi proposto para ajudante do regimento d'infanteria de reserva n.º 23, o sr. alferes José Albuquerque.

Pediu para ser nomeado capitão de 1.ª classe, o capitão-medico do 2.º grupo de companhias de saúde, sr. Fernando de Miranda Monterroso.

Pediu passagem a um dos corpos da guarnição de Lisboa, o 2.º sargento d'infanteria n.º 35, sr. Gaspar dos Santos.

Pediu 30 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar, o 1.º sargento de artilharia 2, sr. Manuel Mendes da Rocha.

Pediu passagem ao 1.º ou 2.º batalhões d'infanteria 28, com sede na Figueira da Foz, o 2.º sargento do 3.º batalhão com sede em Agueda, sr. Afonso Marques da Silva.

HESPAÑHA E CANALEJAS

Sobre queda eoice!
 Os periodicos diarios inserem trechos de um artigo publicado no orgão officioso do sr. Canalejas, no qual, para complemento da afronta que ha anno e meio a Hespanha nos dirige, consentindo que em seu territorio os bandos de traidores se armem e se exercitem ás descancar-as para invadir o nosso, nos ameaça, dizendo: — «O governo hespanhol está disposto a conservar e cimentar a concordia.» — Mas, *terrible massa*, continuam os agravos e as injurias, o governo e o espirito publico hespanhoes não poderão suportar um certo genero de demazias e de desconchavos!
 Simplesmente irrisorio e illusorio!...
 Nuestro hermano e señorito Canalejas, deve convir numa coisa: Os juizos antecipados são sempre temerarios, e que os psicologos são, nas coisas da opinião publica e nas diversas maneiras de definir o seu espirito, da opinião publica, teem entendido, invariavelmente pessimistas, pelo que desconchavo é, contar com o espirito publico hespanhol!
 Não erra, el-señorito Canalejas, contando, como até aqui, simplesmente com o seu governo, e, se dermos credito á infalibilidade dos ditos populares, que com o decorrer dos tempos tomam merecidos fóros de verdades axiomáticas, é natural que no proprio governo com que conta e a que presido, haja *uma ovelha ranhosa*, que não comungue na sua falhada tactica politica. — Porque sempre hade haver uma ovelha ranhosa!

O sr. Canalejas demonstrou já sobejamente que á resolução do problema que agora se apresentou errado presidiu um mau tacto politico. Porém não se desconsolle, Canalejas, que *errare humanum est*.
 Tudo tem remedio, embora tardio e incompleto; porque, até mesmo, o que não tem remedio, remediado está. Certamente não tem remedio o gigante escandalo mundial, de Portugal accusar Hespanha — Governo — de ter armado os conspiradores para a incursão!
 E' mentira? não, não é; a attentalo está o armamento apreendido, que as marcas das fadricas de Oviedo, de Toledo e de Placencia!... Fabricas do estado, fabricas onde é feito o armamento para o exercito hespanhol!...
 Est'outro escandalo remedio não tem, é do mesmo quilate, manifesta clara e suficientemente a mesma afronta, a qual é permittir que do territorio hespanhol se fizesse fogo para Portugal, com cartuchos que foram carregados onde? nas fabricas do proprio governo hespanhol!...
 Os prejuizos de toda a sorte que a inlealdade do governo do sr. Canalejas nos causou, tambem podem ser cobertos; reflecta o governo do sr. Canalejas e confesse se arrependido, que sem violencias de parte a parte, — porque as póde haver — d'essa reflexão e arrependimento brotará, certamente, uma indemnisação d'esses prejuizos, pois ninguém ignora que houve da parte do sr. Canalejas a mais aberta parcialidade, com quebra absoluta e manifesta da

neutralidade que deve existir como lei nos povos civilisados.
 Emquanto ao destino dos realistas que ainda se encontram em Hespanha, e que segundo declara o *Diario Universal*, orgão do sr. Canalejas, a Hespanha, não quer abandonar ao desespero e á miseria, que por sua expontanea vontade buscaram...
 O melhor é permittir-lhe a naturalisação hespanhola, escusa de abrir créditos especiaes para o seu internamento e mesmo porque o nome de hespanhoes lhe fica a matar, por que Miguel de Vasconcellos, tambem era hespanhol, e nós, se assim o quizerem, faremos o mesmo á nobre colonia hespanhola residente em Portugal, que, cujo amor ás instituições que o Povo Portuguez escolheu, acaba de provar o protesto por ella enviado ao seu governo.
 Ha acções que nobilitam e dignificam quem as praticou, e outras que envilecem e infamam.
 A umas e outras o fatal destino se encarregou de, ou mais tarde ou mais cedo dar o premio condigno.
 A morte moral é bem mais dolorosa que a material, porque as victimas d'esta inspiram só comiseração, ao passo que as d'aquella, odio perpetuo, que se propagará de geração em geração; n'estes casos está o sr. Canalejas, que para os Portuguezes morreu moralmente!
 Castello Branco, 18 de Julho de 1912.
 Henrique Branco.

PREVENÇÃO
 Tendo o nosso director entrado no goso de licença disciplinar toda a correspondencia lhe deverá ser enviada para Luzo, onde vae fixar residencia até 15 do proximo mez de agosto.

No concurso para o posto de 2.º sargento que se realisoou no corrente mez no 4.º grupo de metralhadoras d'infantaria, foi classificado com 15,4 valores, o 1.º cabo do mesmo grupo, João Pedro Ruivo.

Cartas dum jornadeador
 VI
 Minho, 26 7-910.
 Eu hoje vou sair dos meus *antigos* hábitos. Costumado á solidão das árvores e ao rumorejar dos regatos, eu vou por esta tarde tépida e cheia de luz suave, procurar impressões ao convívio do formigueiro humano que veiu até aqui, a procurar allivio ao mal imperdoável, ou a buscar na sociedade com os outros a occasião de se mostrar: vêr e dar nas vistas.
 E assim, eis que vou a caminho do parque, jantar no estômago, charuto na ponta dos dentes, e a minha alma, este espirito irrequieto e sonhadôr, a divagar, eu sei lá em quê?... em coisas tristes, da tristeza miserável que nos traz, a nós doentes, até aqui, mas, logo, desviado o olhar pára uma mulher bonita, a scismar quanto é condescendente a mulher que não sabe prezar a sua consciência, e a atira ao pri-

meiro perálvilho que lhe mira avidamente as meias de *mousseline* em côres da moda.
 Sentado neste banco, o banco da paciência, eu quero vêr agora este demimonde da moda que se pavonea por sobre o saibro destas ruas talhadas a capricho. Silêncio! Quero sêr tôdo ouvidos, tôdo olhos.
 Sobre a relva fina e mollemente derribada estão sentadas três raparigas. Os olhos duma teem a alvura da neve: é cega. Outra tem no olhar a luz coada através das ondas; a terceira, não sei porquê! aquêlles seus olhos teem a coloração negra dum côrvo grasnadôr e pérfido. Em volta do canteiro onde ellas se aninham, andam dois rapazes: calças de linho, caras rapadas, cravos nas botoeiras dos casacos pretos. Falam alto, gesticulam a miudo, passeiam de vagar: namoram. No grupo das três cochicha-se, dam-se de quando em vêz um que outro beliscão, ri-se alto.
 Admirando o que via, assim estava eu, mais como estátua no seu nicho de pedra, menos como homem analysando o que se ia passando dentro em meu sentir.
 De repente, sinto-me tocado nesta abstração. Reparo, e sem nunca o meu pensamento descêr a tamanhas ninharias, eis que me julgo a fazêr namôro.
 E a quem, meu *divino S. António*? á menina dos olhos negros.
 Desgraçado de mim! Decididamente estas águas de S. Vicente embotaram o gume dos meus sentidos. A mulher que eu fizera subir no meu conceito, pela soberana luz do seu olhar, a *dar-me sorte!*? Lesto me levanto...
 Quando eu passava perto dos meus dois adoradores, um, fitou-me: olhar de fôgo, onde eu li — despeito. Olhei de frente o meu presumido rival. Depois num passo miudinho, eu rindo-me pára dentro, dizia á minha alma: — Pobre tôlo. Não serás capaz de a comprehendêr, e ella... ha de enganar-te.
 Acabou-se o chá; e eu vou subir ao meu quarto. Depois arranjada a mala, pois que me irei amanha, debruço-me na minha janela, e espreito a noite. O luar ainda não espêlha o horizonte, e apenas no espaço scintillam as estrellas.
 O silêncio é profundo; apenas o quebra o murmúrio abafado duma conversa amorosa entre uma vizinha aqui do meu lado direito, e o Romeu que gargareja lá de-baixo de ao pé do terraço.
 Vou deitar-me agora. E no meu espirito bailam como phantasias duma paranóia commum, tôdos os detalhes do namôro usual e... compromettedôr. Pobres criaturas de Deus! — Quando haveis vós de têr juízo? — quando os homens o tiverem, dizeis vós.
 Mas não. Fazei o amôr pela amizade, e não deixeis fazêr o amôr pela vaidade de namorar. E, porque na vossa vida sentimental e amante nada ha que vos dignifique na sinceridade, eis a razão porque o homem em tôdas as occasões é o senhôr do vosso espirito e... cruel educação ainda desta gente *civilizada*, o eterno desconfiado da vir-tude do vosso côrpo.

PLACARD
 Terminando com o presente numero, o 6.º trimestre da nossa publicação e tornando-se a cobrança postal bastante difficil e dispendiosa, pedimos aos nossos assignantes a fineza de enviarem as suas importancias em estampilhas ou vales do correio, o que antecipadamente agradeceremos.

Recebemos e muito agradecemos a importancia de anno e meio do sr. Carlos de Jesus, 2.º sargento em Macau; a de um anno do sr. Alzirio João de Matos, 2.º sargento enfermeiro, S. Vicente; a de 3 trimestres do sr. Jeronimo Negreiros, 2.º sargento em Moçambique e a de um trimestre do sr. Francisco Duarte Reis Correia, 2.º sargento, Lagos.

Vimos hoje uma planta do antigo palacio episcopal d'Elvas, trabalho executado pelo nosso presado camarada Frederico Augusto Vidigal Nunes, 1.º sargento do 3.º batalhão de infantaria 22, que não só faz honra a este nosso amigo, como a faria a um tecnico, tão perfeito e completo ele está.
 E' para nós motivo de jubio quando qualquer nosso camarada tem ensejo de patentear os seus conhecimentos gerais e profissionais, o que, indubitavelmente, contribue para o bom nome da classe; e o trabalho executado pelo nosso particular amigo Vidigal é de uma correção tal, que sendo motivo de orgulho para ele, é honra para todos os sargentos.

Infantaria 23
 Está prestes a realizar-se neste regimento a festa da bandeira, que vae ser uma patriótica consagração e resultará decerto imponente e grandiosa no seu significado.
 A comissão continua coligindo elementos para ter tudo em condições logo que dimane do ministerio da guerra ordem para se efetuar o juramento de bandeira, ocasião em que é feita a entrega solene do pavilhão mandado executar.
 Ha pouco formou-se uma outra comissão que se incumbiu de mandar executar uma vitrine luxuosa, apropriada para guarda e exposição da bandeira, a qual comissão encetou já os seus trabalhos tendo aberto um concurso entre os artistas de Coimbra, a fim de apresentarem projetos, em estilo moderno, absolutamente originaes, subordinando as condições e orçamento elaborados pela comissão.

Colonias Balneares
 E' na proxima quinta feira, ás 11 horas, na séde da Cantina Escolar, a inspeção das creanças que requereram.
 As que não comparecerem são excluidas.

O FRANCEZ
 Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fase. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 3.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

NON NEMO.

PENSIONATO ACADEMICO

Situado na rua n.º 6 do aprazível, saudavel e hygienico bairro

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de Coimbra, num edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e muito perto da Universidade

TRATAMENTO EM FAMILIA

Direcção e administração a cargo de

José d'Albuquerque

Oficial do exercito

Alojamento: — Em magnificos quartos, todos com grandes janelas. — Dois, ou tres pensionistas em cada quarto conforme a sua capacidade e tamanho.

Preço do alojamento por cada pensionista: — Até ao fim do anno lectivo, 8:000 réis, pagos no acto da admissão.

Mobiliario — a cargo dos pensionistas.

Os pensionistas que quizerem um quarto só para si, pagam o dobro do preço marcado.

ALIMENTAÇÃO: — 15:500 MENSAES

Almoço — Sopa e 1 prato ou 2 pratos, chá e torradas.

Jantar — Sopa e 2 pratos, 3 decilitros de vinho e sobremeza.

Ceia — Chá e torradas.

A's 5.ª feiras e domingos ha doce á sobremeza.

NOTAS

1.º — A verba alimentação deve ser paga sem falta até a dia 2 de cada mez, e bem assim qualquer outra despesa.

2.º — O Pensionato fornece livros, pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.

3.º — A alimentação especial e tratamento por doenças, são pagas á parte.

4.º — O Pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento de roupa dos pensionistas, por 1:000 ou 1:500 réis mensaes, conforme a roupa de goma que usar.

5.º — A importancia do alojamento só é restituída por falta de cumprimento d'estas condições.

6.º — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das verbas de alojamento e alimentação já pagas.

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO
COIMBRA.

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circularés, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e Impressão de Jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento
PREÇOS COMMOTOS

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colysen
LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collariños e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro
Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, comerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párcos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguêsa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Código do Registo Civil, 200 réis
Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrucção Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Política da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Ortografia Portuguesa, 100 réis.

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

**Para a historia da revolução
que depós a monarchia**

2 GROSSOS VOLUMES, 14600 RÉIS

Remessa franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora — Moura Marques & Paraizos — 19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

**Arimética, Sistema métrico
e Geometria**

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuais programas de instrucção primária

POR

Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscrição Escolar, professor diplomado de instrucção primária e sócio honorario de El Fomento de Las Artes de Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado..... 160 réis
Cartonado..... 210

A' venda na livraria F. FRANÇA AMADO

Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 123
COIMBRA

A Voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA
Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continte, trimestre - 300 reis
Ultramár, semestre - 600 reis
Numero avulso, 20 reis
ANNUNCIOS — Preços convencionaes
Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

CHEGOU A HORA!

Sofucado o movimento insurreccional que se planeava dentro do paiz, destinado a auxiliar a tentativa de incursão realista; liquidados, a nosso ver, de vez, todas as tentativas monarchistas; restabelecida a normalidade publica, ligeiramente agitada pelos acontecimentos que veem decorrer; plenamente demonstrado que a Republica é inabalavel, porque se apoia na forba indutritivel que é o Povo — é preciso dar inicio á obra de reconstrução nacional.

Serenamente, sem precipitações, olhos fitos, todos, nos superiores interesses da Patria e da Republica, abandonando as secundarias questões do partidatismo, visando todos ao mesmo fim, é necessario que provemos, por factos e não só por vãs palavras, sermos portuguezes dignos deste nome.

E' que ser portuguez, hoje, que a Patria reclama de seus filhos muitos esforços e até muitos sacrificios, é ser mais alguma coisa do que temos sido até agora: — uns indiferentes em tudo, o que diga respeito ao levantamento do nosso nome, á redenção nacional.

Este indifferentismo, esta criminosa apatia em que temos hibernado, desdourando deploravelmente a nossa tradição de actividade máscula, arredados de tudo quanto diga respeito a progresso e civilização, provando sómente o nosso viver por rapidas convulsões, como para sacudir pesadelos que, durante o sono, nos teem angustiados, — esta apatia, diziamos, tem que dar lugar a um despertar que prove a força do nosso querer.

Se temos progredido alguma

coisa no que diz respeito a ideia, é porque temos dous instinctivos que nos impulsionam irresistivelmente para esse fim, e não que tenha havido esforço sensível que secunde esses dous.

A Republica foi mais feita por um ato instinctivo do Povo, que, instinctivamente tambem, compreendeu, ainda que um pouco tarde, a marcha vertiginosa para a ruina a que o conduzia a monarchia, do que por toda a persistente propaganda republicana pela palavra e pelo escrito.

Foi obra dum desses pesadelos de que falo acima, convulsão rapida a que succedeu a mesma sonolencia, apenas intervalada com ligeiros estremeções de vida, que, diga-se a verdade, não sendo, como agora, para provar amor pela Republica, teem vindo prejudicar mais que a propria sonolencia.

Pois temos que acordar, a não ser que queiramos, nós mesmos, abrir sepultura para a Patria.

E, como não queremos, estando até dispostos a defende-la, em profunda abnegação oferecendo a propria vida para essa defesa, ofereçamos-lhe os nossos melhores esforços, para que ela se levante, activa e sorridente, a atestar um passado e a prometer um futuro de brilhantismos, agasalhando-nos, a todos, com o seu manto.

E, para isso, como o Povo Portuguez possui características de dignidade e firmeza como nenhum outro, basta só acordar da letargia em que tem jazido.

Chegou a hora!
ACACIO SERRA.

Noticias militares

Pela O. E. n.º 13 (2.ª serie) de 20 do corrente, houve o seguinte movimento na guarnição desta cidade:

Foi collocado como adjunto a 8.ª repartição da secretaria da guerra, o tenente sr. José Maria Batista,

adjunto do regimento d'infantaria n.º 23.

Foi nomeado comandante d'infantaria n.º 10, com sede em Bragança, o tenente coronel comandante do 5.º grupo de metralhadoras, sr. Alexandre Almeida Oliveira.

Foi nomeado comandante do

5.º grupo de metralhadoras, o tenente-coronel sr. Teotónio Moniz Barreto do Couto.

Foram collocados em infantaria n.º 23, os seguintes srs. officiaes: capitães Eduardo Gomes da Silva, Boaventura Augusto da Cunha Figueiredo, Joaquim Maria da Silva Zuqueli e tenente Manuel de Jesus Moreira.

Foram collocados em infantaria n.º 35, os seguintes srs. officiaes: major Adalberto Gastão de Sousa Dias, capitães Júlio da Conceição Vilar, Joaquim Artur dos Santos Machado e Carlos Bandeira de Lima.

Foi collocado no hospital militar d'esta cidade, como clinico adjunto, o capitão medico da escola de guerra, sr. Carlos Alberto Lopes de Almeida.

Foi deferido o requerimento do 2.º sargento d'artilharia n.º 2, sr. Alexandre Pereira Trindade, que pedia passagem a artilharia 6.

Foi reformado com 300 réis diarios o 2.º sargento d'infantaria 35, sr. Gil Ramos Pereira.

Foram nomeados para irem á Suissa assistir ás manobras do exercito, os capitães de estado maior srs. Vitorino Henriques Godinho e Luiz Augusto Ferreira Martins.

Pediram 30 dias de licença disciplinar os 2.ºs sargentos d'infantaria n.º 24, srs. Alfredo Marques de Oliveira e Manuel Neto.

Pediu para ser presente á junta hospitalar d'inspecção, o capelão de infantaria n.º 35, Antonio Martins d'Almeida.

Pediu 30 dias de licença disciplinar o major d'artilharia 2, João Pinto Azevedo Meireles.

Pediu para ser presente á junta hospitalar d'inspecção o major d'infantaria 28, sr. Manuel Lucio de Loureiro.

RECTIFICANDO

Quão longe estavamos da verdade ao afirmarmos no nosso artigo inserto em o n.º 77 do nosso semanario, que o exercito estava unido como um só homem na defesa da Patria e da Republica. Como podiamos presumir que no nosso exercito, que sempre foi modelo de patriotismo e disciplina, motivo de orgulho para Portugal e tambem para a raça latina, havia traidores á Republica, depois da deserção desses serventuarios da realta e da companhia de Jesus, que alem fronteiras conspiravam contra a independencia da Patria?

Sabiamos, é certo, que havia em serviço activo officiaes que *distraidamente* faziam bonecos offensivos

á Republica; outros que, tambem *distraidamente*, trauteavam o hino dos adiantamentos; mas, na nossa ingenuidade de filho do Povo, supuzemos, lembrando-nos desta grande verdade que Nietzsche nos ensinou: *por vezes, um abalo violento, um rompimento energico com o passado e, tanto para os povos como para os individuos, uma condição de renovação da vitalidade*, que ao entrarem a fronteira esses renegados, cuja *valentia* ficou bem provada na forma, como em fuga vergonhosa retiraram de Chaves, todos os militares romperiam com o passado, tornando-se, apenas, soldados da Republica, defensores do torrão natal.

Ingenuo que fomos! Pois não é sabido de todos, que alguns soldados Portuguezes foram educados em Campolide e S. Fiel? Não sabiamos, tambem, que muitos desde o berço receberam uma educação autocrata e cuja base era o desprezo pelo Povo?

E', por acaso, segredo que muitos homens praticam os maiores crimes, despresando a justiça dos homens, pensando sómente nessa imensa mentira da justiça de Deus? E o que foi essa aventura de Couceiro, senão um movimento reaccionario, no qual foram os principaes elementos os jesuitas de farda, casaca e sotaina?!

Todavia, estes foram coerentes com os principios que mais se harmonisavam com o seu caracter, foram coerentes com os principios que sempre defenderam — trôno e altar, roubo e trevas!

Mas, que haja sargentos que com eles se mancomunem, que haja sargentos, filhos do Povo evidentemente, que conspiram contra a Republica (que o mesmo é que conspirar contra os seus e contra eles) é que de forma alguma a nossa consciencia admite.

Não vêem esses imbecis, criminosos da maior especie, que a queda da Republica teria como consequencia inevitavel o desaparecimento da independencia da Patria? Não vêem esses traidores que uma guerra civil devastaria as nossas aldeias, assolando os nossos campos? Não sabem que as nossas cidades seriam arrasadas, os nossos rios engrossados com torrentes de sangue portuguez, e as nossas terras regadas com o sangue de todos nós, para depois o estrangeiro vir fruir os productos que estas mesmas terras, que estes mesmos rios lhes dariam?

Qual tem sido o fim de Canalejas protegendo essa escoria que sob a bandeira hespanhola se armam e exercitam?

O enfraquecer-nos, indubitavelmente, fomentando a desordem entre os Lusitanos para, depois, como ave carnívora, quando a nossa ener-

gia estivesse esgotada, cair sobre nós, para compensar a patria de Cervantes, de tantos desastres que tem sofrido, mercê da incapacidade dos seus dirigentes e, que serve negalo, se toda a Europa, America e Africa, o sabem dos seus soldados.

E ha na classe de sargentos, uma das classes mais liberaes de Portugal, uma das classes medias mais illustradas (ainda que pese a muitas creaturas, individuos que não vejam isto, que não suspeitem que esses renegados, cobardes e snobs conspirantes, queiram fazer d'elles degraus para ascenderem ao erario da nação, mesmo á custa de a riscarem do mapa da Europa.

Estupidos e criminosos!

Elvas, 22 de Julho de 1912.

Manuel Antonio Vieira,

1.º sargento do 4.º grupo de metralhadoras de infantaria.

O PRESENTE E O FUTURO

O progresso dos povos ou da civilização moderna, tem desenvolvido no cerebro humano as mais fundas aspirações que se podem imaginar; já não basta a republica ou o socialismo fala-se dezabridamente no Anarquismo como se fosse uma operação tão facil como a transformação da monarchia pela republica e mesmo esta transformação raras são as nações que a conseguem, só o rasgo de coragem, inergia dum povo nas horas de erritação quando um regime não faz caso da prosperidade do seu paiz, o vexa com velhos preconceitos e o conduz á decadencia.

Não. E' mais e muito mais porque até hoje não ha memoria que povo algum se tenha dirigido pelo anarquismo.

Vae alem do que nós pensamos, Christo (se o ha) foi um grande sociólogo do seu tempo, mas não chegou sequer a prever ao seu povo, o que era o anarquismo tal é a sua base fundamental.

Foi na verdade um grande socialista de que deu as maiores provas segundo reza a Lenda e que bastante contribuiu para a civilização, da Umanidade e estariam hoje no maior grau da civilização se os seus representantes na terra não entrepretassem a sua doutrina duma forma mui diversa como se a educação que receberam fosse ministrada em alguma remise, emfim mal de nós, se continuarmos a seguir a doutrina desses sicarios do banditismo tanta vez apregoado por eles. Não mais se tolera, porque dentro em pouco estariamos transformados em judas como eles.

Essa ceita maldita que vê fugir debaixo dos seus pés o povo que eles tinham ajudado a escravizar de mãos dadas com a gentalha que fazia parte das camaras reais, de quem o povo se vai libertando proclamando novas institui-

ções á medida que vai recebendo a luz redentora que os ha de guiar no caminho da civilização.

Todo o ser humano que ouve falar em anarquismo, foi completamente aterrado pelo pavor que lhe mete tal palavra.

O' ignorancia porque te não afastas para longe da Umanidade? Virás ainda que é cêdo para tal resolução ser tomada, e na verdade assim é.

Tu povo que vés e pensas alguma cousa, porque não entras no caminho da verdade?

Sabes o que quer o anarquismo. Quer a transformação completa da sociedade. Quer o bem estar de todos, e a nivelação da desigualdade, abolição da exploração do homem pelo homem, a ausencia do mando e a liberdade completa para todos. Eis o que deseja o anarquista e o que quer dizer o termo Anarquismo.

Dirás que o anarquista estabelece o pavor na sociedade e ele responder-te-ha o que se não consegue pela evolução conseguir-se ha pela força ou por outro processo edentico até completa transformação da sociedade; quando ela tenha compreendido o seu dever nada disto sucederá.

Cada um o ramo de vida a que se dedica para conseguir o seu fim.

Coimbra, 19 7-1912.

J. A. Cruz,

DEFEZA NACIONAL

Receita e despeza do sarau levado a efeito pela comissão de sargentos da Gnação militar de Coimbra

Dispendido com o documento n.º 1 (selo).....	80980
Idem — n.º 2 (um banco para a musica).....	600
Idem — n.º 3 (carroças)..	13600
Idem — n.º 4 (impressão de bilhetes e prospétos)	2400
Idem — n.º 5 (despeza com o teatro).....	39790
Idem — n.º 6 (um trem).	2500
Correspondencia telegrafica.....	5130
Viagem a Lisboa, de um membro da comissão).	10480
Despezas diversas.....	1770
Importancia a receber...	15700
Importancia em deposito	63310
Soma.....	152200

Coimbra, 18 de julho de 1912.

A comissão liquidataria.

Tivemos o prazer de abraçar nesta redacção o nosso velho amigo Antonio Gomes Santiago, sargento-ajudante de infantaria n.º 31, que seguiu para a Moita, Anadia, terra da sua naturalidade, onde vae gozar alguns dias de licença.

Está em Coimbra o nosso camarada Henrique Herminio Branco, 2.º sargento de infantaria n.º 21, que vem servir como amanuense no tribunal militar para julgamento dos conspiradores.

CARTA

E.º Sr. Redactor do jornal A Voz do Sargento.

Tendo ha dias lido no seu mui conceituado jornal não sei de quando, um assumpto tendo por epigraphe «Noticias militares do Cuamato» venho pedir a V. Exª a publicação desta carta.

Ao autor das noticias militares do Cuamato.

Seria mais veridico que o autor só falasse por fora, mas tambem que falasse um bocadinho por dentro pois que, sobre este sentido, tambem se deve fallar um bocado.

Talvez a pouco e pouco se vá apreciando e avaliando alguns casos para se poder ver bem claro, ver o bocadinho que o autor deixou escurecido na sombra lustrosa.

Não sei quem é nem preciso saber quem foi o autor das «Noticias militares do Cuamato,» mas o que é certo é que como vi n'ellas um esquecimento da parte do autor, desejava que o mesmo se lembrasse e tornasse a rectificar as suas noticias, pelo que anticipadamente lhe agradeço.

O autor, decerto, não desconhece os casos a que me refiro, e portanto não deve ter receio em pedir para serem publicados, visto se intressar pelos acontecimentos do Cuamato.

Queria no novo regimen seguir uma carreira pulchra, e ser um militar exemplar, mas vejo que não posso, porque durante o tempo que estive no Cuamato fui desconsiderado e punido pelos casos que mais tarde talvez os leitores leiam e apreciem.

P. do C.

Lubango 30 de maio de 1912.

LITTERATURA

A INSTRUCCÃO

— Pequeno, d'onde vens sósinho a lér Nesse livrinho, assim tão socegado? — Do estudo, meu senhor, sempre adorado Para quem, como eu, quer aprender.

— Então, pelo melhor que estou a ver E's tu ás boas letras dedicado? — N'outra coisa não penso — e o meu cuidado F' compulsar bons livros p'ra saber.

— E p'ra isso onde vaes por condição Um ou outro elemento mais seguro Colher do que se chama — a instruccão?

— Eu, a um santuario em tudo puro, Que tem por dogma o crêdo da Razão, E por escola — a Luz do meu futuro.

ANTONIO JOSÉ HENRIQUES.

Reorganisação do exercito colonial

Ha poucos dias ainda que em conversa com um distincto official aqui em comissão, discutiamos as bases provaveis em que assentará a nova reorganisação do exercito colonial.

Como o assumpto é bastante transcendente e de molde a prender-nos toda a nossa atenção, não quizemos deixar passar tão boa occasião de saber a opinião d'um official inteligente e sobretudo pertencendo ao exercito da metropole, e por isso mesmo, desinteressado de tudo o que possa vir beneficiar o quadro colonial, acrescendo de mais a circumstancia de em breve terminar a comissão, e não querer segundo afirma, voltar a estes inhospitos climas.

Encetámos, pois, discretamente o nosso inquerito, e perguntámos:

Acha v. ex.º rasoavel que na nova reorganisação do exercito colonial se continue com a actual rotina, comissionando officiaes do exercito da metropole como ora succede?

«Não. Respondeu o inteligente e ponderado official, tanto mais que,

como v. sabe, essa errada orientação tem sido o dragão rapace que reduziu as nossas colonias ao deploravel estado financeiro em que se encontram.»

Mas, replicámos nós, dado o modo de vêr de v. ex.º as nossas colonias, d'ora ávante, sem officiaes do exercito da metropole que intervenham nos servicos mais complexos e por isso mesmo carecendo de mais ponderação e conhecimentos technicos, em vez de se engrandecerem e prosperarem, antes mais se afundarão no cahos!

Não creia isso, respondeu. Sobre esse ponto permitta-me que lhe diga, que os que assim pensam são menos rasoaveis, visto que eu proprio tenho observado que entre os officiaes dos quadros coloniaes ha individuos bastante inteligentes e habéis; e de resto, deixe-me dizer-lhe servindo-me do seguinte pensamento d'uma escriptora celebre: «Os mais sabios não são os que mais estudaram, senão os que mais lêram e aprenderam.»

Claro está, que com isto, não quero dizer que se prescindia em absoluto da sua cooperação, tanto mais que ha individuos entre os officiaes do exercito da metropole, qu

teem consagrado grande parte da sua vida ao estudo de problemas colonias nos quaes teem dado provas de grande competencia e que seria sem duvida contraproducente desprezar as suas qualidades e aptidões.

Captivados com a amabilidade e desinteresse com que sua ex.^a fallava, ousamos arriscar mais esta pergunta:

Pelo que comprehendemos é V. Ex.^a de opinião que para os logares de confiança sejam nomeados aquellos individuos que, quer pertencendo ao exercito da metropole, quer não, tenham dado exuberantes provas de profundo conhecimento das questões colonias!

Isso mesmo, vejo que interpreta bem o meu modo de pensar. Mas note, pensando assim, não deixo tambem de concordar que esse numero deve ser limitado para que não vamos agora a pretexto de qual quer coisa chamar ás colonias grande numero de individuos, cujas funções possam ser desempenhadas sem concursos da sua cooperação e sem prejuizo publico.

Pensando em não insistirmos mais, visto que as respostas dadas por s. ex.^a se cuadunavam perfeitamente com o nosso, ainda que não autorisado modo de pensar, assaltou-nos todavia o desejo de formularmos mais a seguinte pergunta, como complemento de tudo o que desejavamos saber:

— Do pouco que nos é dado saber com relação aos topicos principaes em que assenta o projecto da reorganisação, e que certamente v. ex.^a não ignorará tambem, concluindo que serão promovidos para o exercito colonial os individuos habilitados com um curso especial profesoado numa estola adequada, os 1.^{os} sargentos do exercito da metropole que para isso se offereçam e que obedeçam a determinadas condições, e por ultimo os 1.^{os} sargentos do exercito colonial, sim os parias... mas estes diz-se na proporção de 4/3.

Perguntamos pois:—acha V. Ex.^a razoavel que tratando-se de obter um exercito privativo das colonias e de individuos concededores do meio, sejam para elle promovidos os 1.^{os} sargentos do exercito da metropole, com manifesto detrimento dos seus camaradas do exercito colonial que ha annos por cá arrastam vida de privações e de fadigas?

Sobre esse ponto, de capital importancia, visto que n'elle se joga o futuro de tantos rapazes que até aqui teem feito do seu mister um sacerdocio, confiados na justiça que até mesmo na Guyana ou em Loanda assiste ao ultimo dos facinoras, e ainda que ao contrario do que v. pensa eu desconhecisse em absoluto essa particularidade, devo confessar-lhe que não só é uma injustiça que lhes fazem, como ainda mais um fiasco a infleirar-se no já não pequeno numero de elles, que infelizmente nos tem sido dado observar na nossa governamentação.

E como não ser assim, se o 1.^o sargento do exercito da metropole, — aliás instruido — na sua maior parte desconhecedor do meio colonial e commodista, difficilmente poderá ser um bom official colonial!

E' bem difficil creia, a aclimatação n'estas paragens, e de resto v. por experiencia propria o sabe.

No caso de que vimos tratando, haverá o arrependimento pelo passo dado, e já irremediavel que impreterivelmente hade acarretar o desa-

nimo, e atraz d'elle a nostalgia que impossibilitará o paciente de se conduzir á altura da missão que se propôz desempenhar.

Em poucas palavras ficamos, pois, ao corrente do que pensavam dos poucos que desinteressadamente olham os assumptos de interesse geral.

Se os homens que teem nas suas mãos a direcção d'este funambulisco carro, que enquanto conduzindo uns comodamente installados em fôfas almofadas, arrastam outros pelos cabellos, proporcionando-lhes solavancos de toda a especie, pensassem como o nosso interpellado, crêmos bem, que tantissimas anomalias deveriam ter fim, e que satisfazendo as aspirações de cada um na medida do justo e do razoavel a nossa divisa — *Egualdade e Fraternidade* — calaria ainda no animo dos mais incredulos.

Já vae longe o tempo em que a *Egualdade* entre nós portuguezes, não passava de uma aspiração.

O regimen temeratico que discripta e blandiciosamente nos acorentava, não nol-a deixava converter em realidade, e hoje comquanto pareça á primeira vista paradoxal, ainda que livres, sim livres pois que para isso a Rotunda se avermelhou de sangue e nos redimiu o mesmo sangue, saindo em cachão de corações ardendo em amor patrio, já sem essa corrente esmagadora que no seu peso nos curvava servis, vemos ainda ao longe uma tenue neblina que a pouco e pouco se vae condensando, mostrando-nos que a bonança, que se segue ao temporal, nem sempre é de dura.

Lembramo-nos de ter lido algures que em certa occasião o notavel socialista e propagandista russo, principe de «Kropotkine», recentemente chegado á Suissa, perguntára aos seus amigos onde poderia informar-se sobre o grande movimento socialista que se produzia nos outros paizes, «leia», responderam lhe elles.

Assim tambem nós responderemos «trabalhem» aos que nos perguntarem os meios a empregar para que nos seja feita inteira justiça.

Lembraiv-vos que o «Velossino de oiro», que a lenda nos dá como origem da guerra de Troia, era de bem mais difficil conquista e que não obstante isso *Jazão*, um dos *Argonautas*, logrou a sua posse.

Cabinda, 24 de junho de 1912.

Arnaldo Gomes Duarte

1.^o sargento d'infantaria

Explosão de duas bombas no tunel do Salgueiral, na linha da Boira Alta

Fomos ha dias verificar os estragos feitos pela explosão que, comquanto sejam de pouca importancia, denotam bem a evidencia a tenção selvagem e criminosa com que ali foram postas as referidas bombas.

O padre de Villa Nova de Monsarros e o de Trezoi, que dizem ser os auctores do criminoso attentado, ainda andam a monte, não havendo meio de os lóbrigar.

E' pena, porque bem merecem uma recompensa pelo seu altruismo de malandrisse.

Correu ha dias a noticia de já estar a ferros da Republica, o famigerado padre de Villa Nova de Monsarros, mas infelizmente não se confirmou.

RETALHOS

UMA PAGINA DE HISTORIA

Ao camarada director d'*A Voz*.

Na cronologia do tempo começava a contar-se junho de 911, quando os holandezes, induzidos talvez pelos jesuitas uns e desejosos por possuir o que não era seu outros, começaram com aparatos belicosos ante o nosso pequeno posto, sito na falda do monte de Laca Maras, pretendendo á viva força, sempre que queriam ir ao seu territorio de Maucatar, violar terrenos nossos; porém sempre que tal pretendiam, lá tinham pela frente um nosso camarada, com 2 ou 3 landins, ou alguns moradores da irrisoria guarnição que tinha a dizer aos que pretendiam consumir a afronta: — Que mataria o primeiro que ousasse violar os terrenos portuguezes!

Durou isto semanas e como ao acampamento holandez chegassem continuamente tropas e os ares da diplomacia se turvassem, foi pedida a comparencia em Bulobulo, logar dum posto nosso, de autoridades superiores, em vista do que marcharam para o referido posto os commandantes militares de Bobonaro e superior da fronteira... trocaram-se notas...

As ordens de *sejam prudentes e valentes* e as de para ninguém dar um só tiro, fossem quaes fossem os motivos, eram terminantes!... Entretanto junho passava á historia.

Num dos dias de julho era recebido pelo commandante do posto de Lacamaras um *ultimatum* dos holandezes, em que lhe dava um prazo de poucas horas para retirar com a guarnição, e as horas então passaram a ser de cruel incerteza para aquele punhado de homens; entretanto o prazo findava, o posto era tomado e destruido e a sua guarnição aprisionada sem dar um só tiro!!! E tudo em plena paz!!!

A salvar-nos desta vergonha tive mos 3 landins que tentando opôr-se á passagem da horda cruzaram baionetas e viram cair trespassados a seus pés alguns martires da ambição, mas miragem fugitiva foi esta a que estes heroes viram, porque não demorou muito que atravessados pelas balas assassinas dos holandezes, caissem manguins, pelas 2 horas da tarde dum belo dia tropical, estes martires da disciplina.

Decorrendo alguns minutos e enquanto se abriam as covas no centro do pequeno reduto para receberem os corpos daqueles heroes obscuros, viram que a algumas dezenas de metros uma ordenança esforçava o cavallo que trazia a toda a brida... era a que levava a ordem para o commandante do posto retirar!!!

O sol declinava, os que do posto de Bulobulo assistiam a esta scena choravam e enquanto os prisioneiros seguiam sob baionetas para Cupang, os holandezes escreviam mais uma pagina vergonhosa na sua historia de fraudes e ladrocinhas...

Timor, 20-5-912.

Agostinho Leonardo Rodrigues,
2.^o sargento d'artilharia.

Parabens

No Instituto dos Pupilos da Exercicio de Terra e Mar, fizeram exame de instrução primaria (2.^o grau), os

alunos do mesmo instituto, Armando de Moraes Sequeira e Cesar Marçal Vidigal, filhos respectivamente dos nossos camaradas 1.^{os} sargentos Sequeira e Vidigal Nunes de infantaria n.^o 22.

PLACARD

Terminando com o n.^o 78, o 6.^o trimestre da nossa publicação e tornando-se bastante difficil e dispendiosa e cobrança pelo correio, pedimos aos nossos presados assignantes do continente a fineza de nos enviarem a importancia de suas assignaturas em vales ou sellos do correio.

Aos nossos estimados assignantes do Brazil, Africa e ilhas, pedimos tambem a fineza de nos enviarem as suas importancias em vale do correio, notas do Banco Ultramarino ou ordens de pagamento por intermedio de suas familias ou casas commerciaes.

Recebemos e muito agradecemos, a importancia de dois annos do sr. Joaquim Maria de Sousa, 1.^o sargento da companhia de saude, Loanda; a de cinco trimestres do sr. Antonio d'Oliveira, 2.^o sargento da guarda fiscal, Lagos do Pico; e a de um semestre do sr. Francisco Simões dos Santos, 1.^o sargento, Benguella.

Saudação

Ao nosso illustrado collega *A Gazeta dos Correios*, agradecemos a amavel saudação e imerecida homenagem prestada ao exercito no seu n.^o 36 de 15 do corrente.

Erratas

No artigo *Hespanha e Canalejas*, que publicámos no ultimo numero na 1.^a columna da 3.^a pagina, devem fazer-se as seguintes erratas: Onde se lê «mas, terrivel massa», deve ler-se «mas, terrivel mas»; «tem entendido», «bem entendido»; «e a que presido», «e a que preside»; «quem as praticou», «quem as pratica»; «destino se encarregou», «destino se encarrega».

No soneto, 3.^a linha do 2.^o verso, onde se lê «De foros», deve ler-se «De ferros».

Outras ha que o leitor corrige e que foram devidas á precipitação com que foi feita a revisão do ultimo numero.

PREVENÇÃO

Tendo o nosso director entrado no goso de licença disciplinar toda a correspondencia lhe deverá ser enviada para Luzo, onde vae fixar residencia até 15 do proximo mez de agosto.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Goncalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.^o e Ferregial de Baixo, 31, 2.^o — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

PENSIONATO ACADEMICO

UMA PAGINA DE HISTORIA
 Sittuado na rua-n.º 6 do aprazivel, saudavel e hygienico bairro

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de Coimbra, num edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e muito perto da Universidade

TRATAMENTO EM FAMILIA

Direcção e administração a cargo de

José d'Albuquerque
Offical do exercito

Alojamento: — Em magnificos quartos, todos com grandes janellas. — Dois ou tres pensionistas em cada quarto conforme a sua capacidade e tamanho.

Preço do alojamento por cada pensionista: — Até ao fim do anno lectivo, 8:000 réis, pagos no acto da admissão.

Mobiliario — a cargo dos pensionistas.
 Os pensionistas que quizerem um quarto só para si, pagam o dobro do preço marcado.

ALIMENTAÇÃO: — 15:500 MENSAES

Almoço — Sopa e 1 prato ou 2 pratos, chá e torradas.
Jantar — Sopa e 2 pratos, 3 decilitros de vinho e sobremeza.
Ceia — Chá e torradas.
 A's 5.ª feiras e domingos ha doce á sobremeza.

NOTAS

- 1.º — A verba alimentação deve ser paga sem falta até a dia 2 de cada mez, e bem assim qualquer outra despeza.
- 2.º — O Pensionato fornece livros, pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.
- 3.º — A alimentação especial e tratamento por doenças, são pagas á parte.
- 4.º — O Pensionato encarga-se da lavagem e tratamento de roupa dos pensionistas, por 1:000 ou 1:500 réis mensaes, conforme a roupa de goma que usar.
- 5.º — A importancia do alojamento só é restituída por falta de cumprimento d'estas condições.
- 6.º — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das verbas de alojamento e alimentação já pagas.

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.
 Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA
 R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO
 COIMBRA

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e Impressão de jornaes.
 Bilhetes de visita — Participações de casamento
 PREÇOS COMMOTOS

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.
 Tintas, oleo de linhaca, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.
 Deposito de aguas medicinaes.

BONETS e ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA
 Rua de Santo Antão, 82
 Proximo ao Colyseu LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabelal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

BONETS Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya
 Rua de Santo Antão, 82
 Proximo ao Colyseu — LISBOA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado
 Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro
 58—RUA DA SÓPHIA—61
 COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.
 Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.
 Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.
 Especialidade em varinos d'A veiro Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, comerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

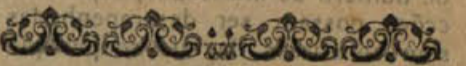
Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

- EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS
- Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.
 - Codigo do Registo Civil, 200 réis.
 - Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.
 - Lei da Instrucção Primária, 100 réis.
 - Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.
 - Constituição Política da Republica Portuguesa, 60 réis.
 - Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.
 - Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.



Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia
Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 1\$800 RÉIS
 Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora — Moura Marques & Paraiços — 10, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.



ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuaes programas de instrucção primária

POR

Ricardo Dinis de Carvalho
 Amanuense da Secretaria da Inspeccão da 2.ª Circunscrição Escolar, professor diplomado de instrucção primária e sócio honorario de El Fomento de Las Artes de Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS e o novo sistema monetario em escudos e centavos
 Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochados 160 réis
 Cartonados 210

A venda na livraria P. FRANÇA AMADO
 Livreiro — editor

115 — Rua Ferreira Borges — 125
 COIMBRA



A Voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
 Composto e impresso na
 Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
 Ultramar, semestre - 600 »
 Numero avulso, 30 reis
ANNUNCIOS — Preços convencionaes
 Anunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

PALAVAS DE JUSTIÇA

Prompto a defender a causa sagrada da Patria, com um acendrado patriotismo e com um acrisolado amor á Republica, o exercito portuguez teve agora ensejo de patentear a todo o mundo a sua rara energia de combatente, que foi sempre o atributo das suas glorias passadas quando á ponta da baioneta conquistava, palmo, a palmo a independencia de Portugal.

Chaves foi agora teatro de uma grande lição em que o soldado portuguez, nunca desmentindo a sua decidida coragem, deu á Republica a maior prova de que está sempre incondicionalmente prompto a defende-la, dando aos seus inimigos a mais bela e a mais valorosa afirmação de um soldado.

A uns, aos traidores, o castigo forte e merecido dado pela força indomavel do seu braço, em pontarias certas, para que não viessem de terra estrangeira manchar o solo da sua Patria, d'onde sahiram voluntaria e propositalmente com o fim de a traiçoar. A outros, menos traidores, mas mais cobardes, a certeza de que não podem contar com elles para qualquer traição á sua Patria, por que não se vendem por preço algum, para esse fim ignobil e criminoso.

Foi uma grande lição esta. Quando os inimigos da Republica contavam com a adesão do exercito para os seus criminosos intentos, é o proprio exercito que, representado por uma pleiada de heroes que nada se poupou para deixar bem patente o seu grande amor patrio, avança em marchas violentas, entusiasmado e delirante de patriotismo, de dia e de noite, sempre vigilante, e, com o seu denodado esforço repele e prende o inimigo com aquela nobre valentia que tanto enaltece o soldado portuguez.

Feitos d'estes, tão cheios de abnegação, coragem e patriotismo, ficam perduraveis na historia do exercito portuguez e não consegue o tempo derruir.

A Voz do Sargento, órgão da

classe dos sargentos e seus equiparados, faltaria a um importante dever se não viesse apresentar a todos os combatentes, sem distincção alguma, o preito da sua admiração, associando-se d'alma e coração a todas as demonstrações de regosijo em honra d'essa pleiada de heroes a quem envia, por este meio, um estreito amplexo.

Bento da Silva Fernandes

«Chucha que é pau doce

Compreendido sobejamente o melindre diplomatico que com a ultima investida dos mercenarios capitaneados por Paiva Couceiro sugeriu entre o gabinete Portuguez e Hespanhol, sabido que todo o apoio moral das gentes civilizadas, manifestado por todas as imprensas estrangeiras estava do nosso lado, sabido ainda, que o nosso governo com absoluto e pleno voto de confiança, dado pela opinião publica, pelos diversos grupos politicos em que se acha dividido o velho partido republicano, e ainda pela imprensa, que por uma bem nitida compreensão dos seus deveres e da alta missão que lhe incumbem em nada, absolutamente em nada entrou a marcha d'essas altas pendencias, não transigia n'unca nas suas justissimas pretensões, restávamos aguardar acontecimentos.

Reversando agora a medalha, vemos que o governo do nosso... amigo Canalejas, confiado não sei em que, e inspirado n'um... são principio humanitario, o qual era não cometer a deshumanidade de expulsar para fora do seu paiz os imigrados Portuguezes que tantos louros lhe angariaram, não estava na disposição de satisfazer completamente ao que, possuidos da mais alta justiça, nos reclama-va-mos.

E' então que surge a conciliadora intervenção da grande e nobre Republica Americana, o Brazil, nossa carinhosa irmã e amiga, n'um gesto fraternal, altivo e sublime, ungido e repassado da mais aberta e leal generosidade, a servir de intermediaria entre as duas nações, com o fito na condução da pendencia a bom termo.

A proposta do Brazil, altamente generosa e reveladora de muito altruismo é, nada mais nada menos, que propor aos dois governos o to-

tal custeamento das despesas com o internamento na America, dos conspiradores, e a prover á sua sustentação até que se coloquem.

Esta noticia devia ser sobremaneira agradável aos conspiradores, mas somente aos pobres, aos que trasbordando de ignorancia, se deixaram arastar por tartufos e poltões indinheirados, porque estes na ancia infrene de escoucinar, repelem cabisbaixos e em rancos suinos, a generosa oferta dum governo Republicano!

A Ti Republica do Brazil, credora do nosso maior reconhecimento e dedicação;

A Ti que tão altamente interpreta o grande dever da humanidade e concorres com todo o nucleo das tuas forças para o estabelecimento da paz e concordia que é mister existir entre os povos e que não vê bem que o forte queira esmagar o fraco só porque é fraco;

A Ti continuadora da nossa nacionalidade, irmã em tudo;

A Ti; o nosso respeito, a nossa amizade, a nossa admiração, emfim tudo quanto de bom possuímos.

A nuestro hermano Canalejas que tome agradece a gentileza da tua oferta, até que lhe mandes servir as «torradas»...

Argus Beirão.

Escolas de repetição

Em conformidade com as disposições das leis do recrutamento e da organização militar da Republica, vão ser convocados para um serviço ordinario de duas semanas, os militares licenciados da classe 1922 e pertencentes ás tropas ativas.

Os militares da classe 1922 são os que sentaram praça no corrente ano, e que, por esse facto, passam ás tropas de reserva em 1922.

Tomam parte nestas escolas todos os officiaes e sargentos pertencentes ás unidades ativas, quer dos quadros permanentes, quer dos melicianos, que não forem dispensados por determinação superior.

Os militares desta divisão tem que apresentar-se nos locais e dias abaixo designados até ás 9 horas da manhã:

Artilharia 2, na Figueira da Foz, no dia 2 de setembro.

Cavalaria 8, Aveiro, no dia 2 de setembro.

5.º grupo de metralhadoras, Coimbra, no dia 9 de setembro.

Infantaria 23, Coimbra, no dia 2 de setembro.

Infantaria 24, 1.º e 2.º batalhões, em Aveiro, no dia 16 de setembro; 3.º batalhão, em Ovar, no mesmo dia.

Infantaria 28, 1.º e 2.º batalhões, na Figueira da Foz, no dia 16 de setembro; 3.º batalhão, em Agueda, no mesmo dia.

Infantaria 35, Coimbra, no dia 9 de setembro.

2.º grupo de saude, Coimbra, no dia 16 de setembro.

2.º grupo de administração militar, Lisboa, no dia 16 de setembro.

Os militares que tiverem de seguir em caminho de ferro, apresentam as suas cadernetas aos chefes das estações onde tenham de embarcar para este tirar delas a requisição de transporte e mandar dar-lhes o bilhete.

Noticias militares

Regressaram do Porto, de serviço judicial, o alferes Eduardo da Cunha Oliveira e o 2.º sargento José Nunes, ambos do 5.º grupo de metralhadoras.

— Recolheu ao regimento de infantaria n.º 35 o sr. capitão José Augusto da Conceição Vilar, chefe interino da 3.ª repartição do quartel general da 5.ª divisão.

— Marcharam para Oliveira de Azemeis, em serviço de inspeção de animaes e veiculos, o tenente-coronel de cavalaria, sr. José Candido de Andrade e o pessoal adjunto á inspeção.

— Foi indeferido o requerimento em que o 1.º sargento de cavalaria 8 sr. Antonio de Oliveira pedia passagem ao 5.º esquadra de reserva.

— Pediu 30 dias de licença disciplinar o sargento ajudante do R. I. R. 35, sr. João Batista Loureiro.

— Pediu para tomar parte numa escola de repetição em setembro, o tenente-coronel do R. I. R. 35, sr. Augusto Bernardo de Freitas.

— Pediu classificação para empregos publicos o 1.º sargento d'infantaria n.º 24, Celestino Batista da Silva.

— Requereu a medalha de serviços distintos no Ultramar, o 2.º sargento d'infantaria 24, sr. Alfredo Marques de Oliveira.

— Esteve nesta cidade em serviço de instrução de telegrafia sem fios, um destacamento do regimento de engenharia, sob o comando do alferes Anibal Augusto d'Oliveira Santos.

— Foi rendido nesta cidade o destacamento de cavalaria 8, que aqui estava em serviço, sob o comando do tenente sr. Antonio Pereira da Cunha e Costa.

— Está nesta cidade um destaca-

mento de cavalaria 8, sob o comando do tenente sr. Paulo Teixeira.

—Foi mandado apresentar ao sr. presidente do juri de exames para major, o capitão d'infantaria 35, sr. José Augusto Ferreira Lopes.

—Pedi classificação para empregos publicos o 2.º sargento de cavalaria 8, sr. Antonio Maria d'Almeida Matos.

—Pedi para prestar serviço numa

unidade ativa, o sargento ajudante do R. I. R. 28, sr. Emidio Afonso de Barros.

—Pedi 30 dias de licença disciplinar o 2.º sargento de cavalaria 8, sr. Antonio Maria d'Almeida Matos.

—Pedi para ser admitido na Escola de Guerra o 1.º sargento graduado cadete de cavalaria 8, Jorge dos Santos Pedreira.

Literatura

ESPIRITO GENTIL

Espirito gentil que me fugiste,
Florita azul de que o teu corpo é haste,
Rufla as azas no céu, se o céu existe,
E pede a Deus por mim, que tu deixaste!

Perola que não tem onde se engaste,
Volta lá para d'onde tu cahiste
Anjo que me perdêste e me salvaste
Na minha vida duplamente triste!

Mas, se acaso não ha nem Deus nem céu,
Vive no chôro do meu peito aberto,
Espirito gentil, irmão do meu!

Sinto a febre gelar-me o peito nú...
Alguem me fala: alguem que está já perto...
Tu ou a Morte?... Mas a morte és tu.

A. Serafim da Fonseca Oliveira

O EXERCITO PORTUGUEZ

Haverá muito quem diga, ao lêr este artigo, que não fica bem nestas colunas meia duzia de justas referencias elogiosas ao Exercito Portuguez.

Jornal militar, não lhe compete, dirão, dar elogios a si proprio.

Mas, depois de todos saberem que quem escreve estas linhas é um civil, mudarão, com certeza, de opinião.

Ainda assim, guardei para depois de quasi todos os jornaes civis o direito de expandir aqui a minha humilde opinião acerca do Exercito.

Vamos a isto.

Havia muito quem dissesse que o Exercito não se achava, na sua enorme maioria, identificado com as instituições republicanas.

Não sei onde iam buscar a razão da injustificada e estulta afirmativa.

O Exercito Portuguez gosou sempre da fama de liberal e de patriota. E não era só a fama, porque a verdade é que o foi sempre. Não será preciso trazer para aqui, a este respeito, argumentos comprovativos, porque qualquer pessoa que haja frequentado a escola primaria o sabe sobejamente.

Qual, então, a razão porque certas pessoas duvidavam da lealdade do Exercito ao regimen?

O Exercito só combateria pela liberdade dentro da monarchia e sem dela se afastar?

Poder-me-hão dizer que sim, mas não acredito, não o posso acreditar; e estribo-me em altas razões para justificar a minha negativa.

E' que a historia, a este respeito, fala bem alto, de modo a não deixar duvidas. O Exercito foi sempre contra a prepotencia, contra o despotismo, contra a tirania.

Viu-se pelas lutas constitucionaes como ele esteve sempre ao lado d'aquelles que melhor incarnavam a alta idea da Liberdade; e se então se não fez uma Republica, foi porque os chefes dos movimentos liberaes o não quizeram.

Haverá muito quem d'isto duvide; eu nem sequer, ao menos, hesito em o afirmar.

Pois o que foi esse gesto de rebeldia vulgarmente denominado Maria da Fonte senão um aneio de liberdades republicanas?!

Como, porém, os chefes de então, como ainda agora alguns, não quizessem fazer mais de o Povo de que um mero instrumento para a exhibição de ambi-

ções e vaidades desenfreada, as Republica não se fez nesse tempo, e creio que se se fizesse, seria de efemera duração, dadas não só as condições de atrazo do Povo que, inconscientemente, levado pela ignorancia, facilmente se seduziria pelas palavras da reacção, como também, e principalmente, os mesmos chefes liberaes a derruiriam com as suas paixões tumultuosas.

Mas o que importa frisar é que o Exercito esteve sempre ao lado dos que, mal ou bem, combatiam pela Liberdade.

Não havia, portanto, razão para se afirmar que o Exercito Portuguez seria um bom instrumento nas mãos da reacção, não havia.

Dizia-se gratuitamente ou perfidamente, uns ignorando a historia, outros adulterando ao sabor das conveniencias.

Mas agora é que não pode haver a minima duvida.

O Exercito está plenamente identificado com a Republica, que o mesmo é que dizer com a Patria.

Agrupando-se em torno da bandeira republicana para a defesa das instituições, ele mostrou bem alto o seu amor pela Patria e pela Republica.

ACACIO SERRA.

EXERCITO COLONIAL

Elaborado e distribuido ás autoridades competentes para darem o seu parecer sobre as modificações a introduzir na organização do Exercito Colonial, tivemos a felicidade, se assim se lhe pode chamar, de lêr esse trabalho, tendo com os nossos rudimentares conhecimentos, compreendido que algumas disposições contém e que não devem ter a aprovação do governo e das quais vamos citar algumas por vermos nelas muita injustiça, tais são o § 3.º do artigo 598.º e § unico do art. 747.º, que dizem:

Art. 598.º § 3.º — Aos 1.ºs sargentos de artilharia, a cujo cargo estiverem no deposito do material de guerra, quando tenham ingresso no exercito da metropole, será contado como tempo de serviço prestado nas unidades da sua arma para efeitos de promoção ao posto immediato, o tempo que permanecerão no desempenho daquelas funções.

A nosso ver, parece que a doutrina deste § não é applicada aos 1.ºs sargentos de artilharia do Exercito Colonial; quando a deve ser não só quando desempenhem aquelas funções, como também durante o tempo de serviço como encarregados do material das praças de guerra.

Art. 747.º § unico. — A's praças a quem por circunstancias extraordinarias fôr permitido desarranchar, será abonado em dinheiro dois terços do equivalente da ração de alimentação calculada pela media do mez anterior.

Não achamos justo esta desigualdade, pois a alimentação deve ser igual para todas as praças da mesma classe, quer arranchadas quer desarranchadas.

Ao artigo 874.º deve acrescentar-

se mais o n.º 4.º, que dirá: — «Pe- los actuais 1.ºs sargentos das guarnições Ultramarinas que excedendo as percentagens que nesta lei se lhes destinam e se achem nas condições de promoção segundo a lei vigente.»

Tem ainda outras disposições que não são justas, tais como as promoções das praças de pré serem feitas, metade pelos individuos em serviço no Ultramar e metade pelos vindos do exercito metropolitano, quando a estes ultimos só se deve recorrer no caso de no Ultramar não haverem individuos devidamente habilitados, o que não será suscetivel desde que se criem as escolas a que se refere o projeto em questão.

Macau, 25 de julho de 1912.

Um sargento do Exercito Colonial.

Bilhetes de identidade

Foram concedidos bilhetes de identidade aos sargentos, cujos bilhetes dão direito a 50% de abatimento, quando viagem em caminho de ferro, mas só podem gosar esta concessão nas linhas do sul e sueste ou Minho e Douro, por serem linhas do estado.

Consta-nos que quasi todos as companhias de caminho de ferro estão prontas a fazer essa concessão, logo que para isso sejam convidadas pelo ministerio da guerra.

Cabe-nos, por isso, chamar a atenção de s. ex.ª o Ministro da Guerra, para que interceda para com as companhias de caminhos de ferro, afim de que taes bilhetes se estendam a toda a rede ferro-viaria, a exemplo do que já se pratica com os srs. officiaes.

Porque da forma que estão estabelecidos, só beneficiam os que, para o caso, teem a felicidade de residir nas povoações servidas pelas linhas do estado.

Por aqui ficaremos na esperança de sermos attendidos, pois que apenas depende de um bocadinho de boa vontade.

Com vista ao sr. diretor dos correios

Sr. diretor do jornal *A Voz do Sargento*, Coimbra. — Venho rogar a v. a fineza de me explicar, podendo ser, qual a razão porque ha semanas em que recebo a nossa *Voz* com regularidade, e epocas ha em que se passam 4 e 5 semanas que não tenho a honra de a ver!...

Esta semana, por exemplo, ainda não tive o gosto de ver tão aprecivel jornal!

Porque será?...

Poder-me-hia v. explicar a causa deste misterio?...

De v. assinante fundador. — Vizeu, 14-8-912. — *Carlos da Costa Figueiredo*, 2.º sargento d'infantaria 14.

M. R. — A remessa do nosso jornal é feita regularmente, cabendo a responsabilidade, a nosso ver, ao mau serviço dos correios.

Festa da Bandeira

E' no dia 25 do corrente que se realisa o juramento de bandeira, aproveitando-se essa occasião para festejar a entrega da bandeira ao regimento d'infantaria 23, que foi obtida por meio de subscrição entre officiaes, sargentos e mais praças daquelle regimento.

Ha grande entusiasmo.

CARTAS D'ALÉM MAR

A disformidade da legislação

O desejo que os nossos homens publicos, tem tido de se evidenciar em todos os tempos, ainda que a custo dos maiores atropelos, consti-tue uma febre contagiosa, que a todo momento se torna necessario de-belar, por meio do «sôno» de leis sabias e justas, sem o que, já mais poderá haver harmonia numa raça que se orgulha da sua independencia e que se rege por legislação sua.

Vem isto a proposito dos aconteci-mentos que diariamente se dão nas nossas provincias ultramarinas com a sublevação dos naturaes, aonde sempre que se torna necessario vão expedições par aos submeter, nada mais logico.

As regalias que estas expedições auferem todos o sabem, o que diga-se de passagem, nada ha mais justo e racional, porque quem trabalha é justo que se lhe pague. Em serviços como aqueles que me refiro são dema-siado espinhosos, para que não auferam regalias algumas, os que deles fazem parte.

Todas estas coisas são racionais e justissimas até, o que porem não é nada racional e muito menos justo e que emquanto aos nossos irmãos d'armas são dadas as regalias que os regulamentos prescrevem, nos sejam dadas a nós, que por cá mourijamos, com os mesmos encargos e muitas vezes com maiores responsa-bilidades, as mesmas regalias que tinha-nos antes dos acontecimentos que motivam as expedições.

Mas isto ainda não é o peor, o mais bonito, é que sempre que á alguma sublevação de respeito, o go-verno impede, que quem terminou a comissão regresso á metropole, o que é de justiça, se atendermos a que nos podessem prestar alguns au-xílios, porem o que não é nada de justiça é que aos rapazes nestas con-dições depois de encorporados nas referidas expedições, não aufram as mesmas regalias, que aos seus camaradas são concedidas; uma vez que se cá ficaram foi porque a tal foram obrigados.

Resumindo:

E' logico aos rapazes que já ter-minaram a sua comissão de serviço, e teem o mesmo encargo dos espedicionarios, sejam dados uns vencim-entos, emquanto os seus camara-das auferem outro? Não é. Por con-sequencia a quem competir se pede-m providencias para remediar este mal que tanto se faz sentir... nos lesados.

Timôr, 20-4-1912.

Nardoel

POSTAL

Recebemos ha dias o seguinte postal:

Meu caro amigo

Muito lhe agradeço as explicações que no seu jornal me deu acerca da recusa do sub-chefe da banda do 23, em mandar tocar a *Portuguesa* no arraial de S. Tomé, de Barcouço, conforme uma comissão lhe foi pedir, nisso interpretando os dese-jos do povo.

E agora permita-me que lhe diga parecer-me achar excessivo o rigor com que assim se proíbe, não só as

bandas regimentaes, mas até mesmo a nucleos dessas bandas a execução nos arraiaes do hino nacional.

E' que eu sou dos que pensam que a musica, para a alma simplista das multidões, é ainda o mais sug-estivo e eficaz meio de propaganda em prol de qualquer causa, sobre-tudo quando essa musica tem a har-monia simultaneamente emocionante e entusiastica da *Portuguesa*.

E assim, intendo ser necessario que, mais do que em parte alguma, esse hino se toque nos arraiaes das aldeias, visto que nestas a consoli-dação da Republica ainda não é o facto que só daqui a mais alguns anos será.

De resto, não se compreende bem que o hino seja proibido ás bandas nos arraiaes, e não o seja nos pas-seios publicos.

Obdeceria, porventura, essa proibi-ção ao criterio de se julgar que o talassismo dos santos desses arraiaes se poderia melindrar com a audição desse hino? Mas se tal se julgou, foi mal julgado, porque a verdade é que os santos, a começar pelo pro-prio Cristo, todos tiveram costela de republicanos e até de carbona-rios.

E o peor do caso é que este mau julgamento origina outros tão maus ou peores.

E assim foi que eu, e muita gente comigo, vi na recusa do dito sub-chefe um sentimento de talassismo, quando afinal outro não havia senão o de um estrito respeito pela disci-plina militar.

Am.º e obg.º

Joaquim Gomes

Parabens

Acompanhados com um abraço damo-los ao nosso velho amigo e assignante Evaristo José Cerveira, pela classificação que no 2.º grau obteve a sua gentil Albertina.

"O Progresso de Alquerubim,"

Este nosso collega transcreveu no seu numero 17 do corrente, os ver-sos do nosso camarada Ramalho de Barros, intitulados *Chô talassas*, gentileza que muito nos penhorou.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancia de suas assignaturas por um anno, do sr. Guilherme Nascimento Ferreira, 2.º sargento, Moçambique.

Por um semestre do sr. Antonio Diniz de Aiala, 1.º sargento d'infan-teria 29.

Por um trimestre dos srs. Manoel Antonio Vieira, 1.º sargento; Joa-quim Francisco da Silva Canhão e Albino Correia d'Oliveira Machado, 2.º sargentos, todos do grupo de metralhadoras n.º 4; Francisco Car-reira, 2.º sargento d'infanteria, hos-pital militar, Coimbra.

Felicitemos os nossos camaradas do 4.º grupo de metralhadoras d'in-fanteria, 2.º sargentos Filipe Car-doso Malhancas, Joaquim Braz Pe-reira, Francisco Julio da Silva e Francisco Maria Queiroz da Silva, pela sua aprovação no concurso para 1.º sargento.

Teve passagem ao 4.º grupo de metralhadoras d'infanteria, o espin-gardeiro do 33, Julio Fernandes Sanches.

CONFERENCIA

Por um acaso que classificaria-mos de providencial, se acreditás-somos nesse milagre, de que imbecis falam, veio-nos parar ás mãos uma conferencia, realisada em infan-teria n.º 22, ha tempo, pelo sr. te-nente de infantaria Fernando Egidio da Conceição Rego, ex-sargento, so-bre telegrafia.

O conferente dividiu o seu traba-lho em tres partes: a) telegrafia na antiguidade; b) telegrafia na epoca presente; c) telegrafia nas guerras futuras.

Falta nos a competencia para fa-zermos a critica ao seu, sobre todos os pontos de vista, utilissimo traba-lho, no qual, depois de historiar a telegrafia, dissertou com toda a pro-ficiencia acerca dos seus modernos progressos, das grandes fisicas a quem a ciencia tanto deve, e dos inestimaveis serviços que a telegra-fia tem prestado em todas as guer-ras, nomeadamente pelos pombos correios no cêrco de Paris e pela telefonia na guerra Russo-Japoneza, apresentando capciosos conhecimen-tos dos homens e caussas e quem é devido o poper-se hoje transmitir a centenas de quilometros tudo quanto a civilização hodierna neces-sita pela sua febril expansão, pre-definindo, por ultimo, a ideia de se localisarem as ondas de Herty, de for-ma que um transmissor afinado com o seu receptor permitissem, como hoje permitem, a transmissão de telegramas sem que fossem recebi-dos por estações intermedias.

Na ultima parte da sua conferen-cia, profetizou a telefonia sem fios, a telegrafia animada e outros inven-tos que, para o futuro, decidirão as guerras futuras.

Felicitando-nos por termos ensejo de nos referirmos, se bem que in-competentemente, ao trabalho de um ex-sargento, no qual patenteou os seus vastissimos e bem orienta-dos conhecimentos, felicitamos o seu autor, cuja modestia e amizade nos relevará a indiscrição.

Questões coloniaes

A pedagogia nas nossas colonias

Encarando de frente o vasto pro-blema colonial a resolver, multiplique sob todos os pontos de vista e tanto mais importante quanto depende d'ele o futuro de Portugal, a menos que o não queiramos ver resvalar para o abismo incomensuravel de que indolente e culpavelmente nos vamos abeirando, sem dificuldade veremos que uma das principaes lacunas a remediar nas nossas colonias e a que por assim dizer se impõe inadiavel para um paiz que se ufana ser dos primeiros em dominio colonial, é a instrução.

Mas, a instrução tal qual a minis-tram noutros paizes, por processos modernos, adequada ao meio, livre de preconceitos, fóra da acção ne-fasta das missões, mais propicia ao rachitismo intelectual do que ao des-envolvimento quer fisico quer moral do indigena.

Mas, para isso mister se torna acabar com os nossos rotineiros ha-bitos.

Ser nos-hia preciso grande espaço para demonstrarmos quão nefasta e prejudicial é a instrução ministrada

pelas missões que infestam princi-palmente a provincia d'Angola.

A instrução ministrada por estes estabelecimentos, que para cumulo o estado ainda beneficia, visa ape-nas dois fins:

— Chamar adeptos a uma causa por quasi todos odiada, tantos são os embustes e *chantages* de que se cerca; e gradualmente, *doucement*, ir roubando á civilização, do meio onde poderiam adquirir conhecimen-tos tornando-se uteis a si e á socie-dade aqueles que patrocinam com o duplo encargo de instruir e tornar uteis, convertendo-os antes em pa-rasitas e loucos visionarios do que em denodados cidadãos.

Temos á mão documentos com que podemos demonstrar a veraci-dade da nossa acersão se o nosso testemunho pessoal não bastar, as-sim como tambem estudando o as-sunto encontrámos opinões de afri-canistas que divergem em absoluto do nosso modo de pensar.

Assim, Ch. Vogel, na sua obra «Le Portugal et ses Colonies», é de uma prolixidade tal no elogio á obra das missões, que nós assás conhe-cedores dos processos adoptados por estes estabelecimentos, nos faz crer que o autor referido partilhava no mais elevado grau as doutrinas de tão prestimosos cidadãos...

Os dedalos intrincados da nossa legislação colonial, a rotina da cen-tralização que quebranta as maiores inergias e estrangula as mais acris-soladas vontades, manietando e tor-nando antes em brinquedos que se movem como por cordelinhos, os encarregados — in nomine — de di-rigir o governo das nossas colonias, são indubitavelmente factores pri-mordiaes que eficazmente tem con-corrido para que a instrução entre o indigena dê uma percentagem muito restricta.

Autores tem havido que errada-mente pensam não ser o indigena acessivel ao desenvolvimento inte-llectual no grau a que aspiramos.

Por exemplo: Abel Hovelacque, expende no «Dictionnaire des Scien-ces Anthropologiques», a hypothese de que o negro não pede ao branco mais do que satisfazer os seus ins-tinctos, nunca desenvolver a sua in-teligencia.

O erro é flagrante.

E' possivel que Hovelacque tome a indolencia natural do preto, como diagnostico.

(Continua.)

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mes-tre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pe-reira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

NCITE DE ENCANTO!

Melodiosa canção para piano e canto, com a poesia intercalada na musica. Magnifico papel cartonado.

Preço 200 réis

A' venda nos armazens de musica e no editor, rua de Santa Catharina, 304, Porto.

PENSIONATO ACADEMICO

Situado na rua n.º 6 do aprazível, saudavel e hygienico bairro

DO

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de Coimbra, num edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e muito perto da Universidade

TRATAMENTO EM FAMILIA

Direcção e administração a cargo de

José d'Albuquerque

Official do exercito

Alojamento: — Em magnificos quartos, todos com grandes janellas. — Dois ou trez pensionistas em cada quarto conforme a sua capacidade e tamanho.

Preço do alojamento por cada pensionista: — Até ao fim do anno lectivo, 8:000 réis, pagos no acto da admissão.

Mobiliario — a cargo dos pensionistas.

Os pensionistas que quizerem um quarto só para si, pagam o dobro do preço marcado.

ALIMENTAÇÃO: — 13:500 MENSAES

Almoço — Sopa e 1 prato ou 2 pratos, chá e torradas.

Jantar — Sopa e 2 pratos, 3 decilitros de vinho e sobremeza.

Ceia — Chá e torradas.

A's 5.^{as} feiras e domingos ha doce á sobremeza.

NOTAS

1.º — A verba alimentação deve ser paga sem falta até a dia 2 de cada mez, e bem assim qualquer outra despeza.

2.º — O Pensionato fornece livros, pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.

3.º — A alimentação especial e tratamento por doenças, são pagas á parte.

4.º — O Pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento de roupa dos pensionistas, por 1:000 ou 1:500 réis mensaes, conforme a roupa de goma que usar.

5.º — A importancia do alojamento só é restituída por falta de cumprimento d'estas condições.

6.º — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das verbas de alojamento e alimentação já pagas.

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO
COIMBRA.

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e Impressão de Jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMODO

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

E

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nationaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párcos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguêsa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis

Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrucção Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Ortografia Portuguesa, 100 réis.

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depós a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 1\$600 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora—Moura Marques & Paraizos—19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuais programas de instrucção primária

POR

Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscrição Escolar, professor diplomado de instrucção primária e sócio honorario de El Fomento de Las Artes Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado..... 160 réis
Cartonado..... 210

A' venda na livreria F. FRANÇA AMADO

Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 125

COIMBRA



A Voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR

ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis
Ultramár, semestre - 600 »
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Anunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A união

O progresso social não é devido á hostilidade, qualquer que seja a forma que esta revista, mas á ambição e ao amor, pae da invenção e da imitação.

TARDE

Vem este pensamento a proposito da união da nossa classe.

Nós queremos progredir, como que uma brisa suave nos agita, desde que o sol da Liberdade raiou em 5 d'outubro; mas o nosso caminhar que em alguns é vacilante, noutros toma as proporções de desordenada carreira, resultando d'aqui que o logar ambicionado, devido ao egoismo de alguns, á inercia de muitos e ao desvaireamento de outros, dista ainda bastante d'aquella que ocupamos.

De quem é a culpa? Dos governos da Republica? Não! Da nossa classe e só d'ela, que devendo unir-se como um corpo homogéneo, começou por hostilizar-se em conversas, em jornaes, nos quartéis, sempre que se reuniam dois sargentos.

Veio para a imprensa discutir deveres e responsabilidades dos seus membros, falar-nos em guardas, destacamentos e quejandas cousas, como se na classe houvesse leigos nestas pequenas cousas, como se o nosso horisonte terminasse ás portas dos quartéis.

Organisou em Lisboa uma comissão, que por ultimo se arvorou em mentora dos nossos destinos e do nosso proceder, arrogando-se direitos que ninguém, que saibâmos, lhe outorgou, tentando gregarizar-nos como um rebanho, sem que, comtudo, ligasse importancia aos camaradas que da provincia quizeram coadjuval-a.

Quer isto dizer que nada temos avançado? De forna alguma, porque as muitas regalias que hoje fruimos e o aumento de vencimento que nos foi dado, atestam, exuberantemente, que os governos da Republica, especialmente o provisório, bastante se preocuparam com o presente e futuro dos sargentos.

Todavia, isto não é tudo o que necessitamos e o que merecemos como educadores da parte moça da população do paiz, como fieis e dedicados soldados da Republica, pelo nosso amor ao trabalho e pela nossa justissima ambição no progredir.

Falta-nos o Monte-pio, agremiação indispensavel para nosso socego, pela garantia que nos dá relativamente ao futuro de nossas familias; a Fraternidade militar, principio associativo no qual assenta a base do bem estar do nosso presente e que serve como corolario ao monte-pio, ainda hoje em muitos corpos não passa de uma boa aspiração e, finalmente, a situação em que ficamos os sargentos de infantaria em comparação com os camaradas das outras armas, mostra-nos o futuro mais inquietador que se possa presumir.

Mas tenhamos confiança na Republica, que Ela saberá dar a cada um o que de direito lhe pertence; e, no entretanto, tratamos da nossa união. Esta, porém, não deve ter por fim a gregarização, não deve sob pretexto algum pretender constituir um obstaculo á ordem e á disciplina, elementos essenciaes para a boa harmonia do exercito e de que nós sargentos devemos ser os mais estrenuos defensores; mas, sim, para mutuamente nos ajudarmos, para não nos hostilirmos, para nos querermos como irmãos, filhos da mesma mãe — a nossa Patria—para rodearmos Esta com todo o nosso amor e civismo, enlaçando-A no nosso amplexo viril, tendo esperanças em milhores dias, visto a Republica não poder em menos de anos reedificar o que a monarchia com todos os seus crimes e latrocinios levou tantos anos a demolir.

Encontraremos alguns obsta-

culos na realização da nossa tão falada e tão pouco eficaz união?

Talvez! Mas esses obstaculos não nos virão dos poderes superiores; antes acharemos neles o maior e mais acrisolado apoio.

Esses obstaculos nascem e vivem na classe: são as resistencias passivas desta grande maquina, que ela forma.

Elvas, 24-8-912.

Manuel Antonio Vieira,

1.º sargento do 4.º grupo de metralhadoras de infantaria.

A Imprensa e a sua missão

Qualquer individuo medianamente ilustrado sabe e conhece que a missão da imprensa é tanto moral como materialmente bastante ardua.

E' como que um exercito: este batalha derramando sangue, n'uma carnificina louca e injustificada, e aquella da mesma sorte batalha derramando luz.

E quanto mais pertinas e valorosa fôr a lucta d'aquella, tão mais provavel, mais certa será a sua vitoria.

Mas a imprensa, em geral, poderosa alavanca do progresso, não pode viver, medrar e progredir, somente por si e animada exclusivamente da força que uma ou duas boas vontades lhe imprimiram para que, pela primeira vez apparecesse, ela como qualquer outro corpo vegetal ou animal, necessita de ser convenientemente cuidada e alimentada, sem o que, morrerá com certeza, deixando infecundas essas taes boas vontades.

No que respeita a imprensa de classe, ela precisa de redobrado esforço, cuidado e alimento, precisa inclusivamente do sacrificio da classe a quem defende e de quem é incansavel porta-voz, porisso que, circuncrevendo-se a sua missão defensiva apenas n'uma classe, n'ela tem de circunscrever-se todo o apoio moral e material de que, para viver, carece, visto que os assuntos militares não interessam os civis e vice versa.

Um jornal de classe, é o porta-voz de toda essa classe é um invicto defensor dos seus interesses.

Um jornal de classe, é a tribuna onde toda essa classe diz de sua justiça, onde se aceitam e discutem todas as ideias e os magnos assumptos que essa mesma classe interessam.

Um jornal proporciona recreio e instrue, quebra receios, predispõe e habilita qualquer individuo a discutir seja o que for e, não raras vezes descobre nos envergonhados, nos que a todo o transe querem abster-se de escrever para publico, somente pelo receio da critica, verdadeiras capacidades para o jornalismo.

Não se devem pedir jornaes emprestados para ler, pois que a ninguém da classe custa a dar 100 réis por cada mez, sabendo que o excedente da receita da nossa *Voz do Sargento*, se destina a um fim tão justo, altruista e humanitario.

A nós assignantes cabe o dever de fazer toda a propaganda a favor d'este jornal, já mostrando as conveniencias em o sustentar, já dizendo que todos podem escrever sobre todos os assumptos que interessem a classe, e enviar para a redacção os seus escriptos, onde serão devidamente apreciados, retocados se o necessitarem, e depois publicados.

Argus Beirão.

Sociedade de Instrução Militar Preparatoria

A ordem do exercito n.º 9 (1.ª serie), de 17 do corrente, distribuida hontem ás unidades, contém entre outras disposições, os regulamentos da Sociedade benemerita e patriótica denominada — *Sociedade de instrução militar preparatoria* n.ºs 1 e 2, tendo como base o regulamento publicado na ordem do exercito n.º 5 (1.ª serie), de 4 de junho de 1912.

E' com efeito uma medida de grande alcance, que se deve ao governo da Republica, cujo fim principal é o engrandecimento e defeza da Republica e da Patria, tendo em vista o gosto pela vida militar, assim como o aperfeiçoamento e desenvolvimento moral e intelectual da familia portugueza.

Tribunal marcial

Consta que para o fim do mez deve funcionar este tribunal, tendo-se instalado ha dias, em Santa Tezesa o respectivo pessoal, que se encontrava, provisoriamente, revendo os processos na 5.ª divisão do exercito.

Tenente-coronel Bandeira

Este brioso official, comandante de infantaria 23, deixou a presidencia da comissão distrital do Partido Republicano.

Recolheu ao corpo a que pertence o capitão sr. Domingos da Ponte e Sousa, do regimento d'infantaria 23.

Literatura

A ALGUEM

Qual náide gentil e caprichosa
Que emerge os niveos pés tão delicados
Na corrente feroz, impetuosa,
Meu coração no abismo dos cuidados,

Os sonhos duma vida d'ouro e rosa,
Anceios dentro d'alma idealisados,
Foi afundar — idéa pavorosa! —
E lá foram no vértice levados!

Nunca mais voltarão ao meu ouvido,
Os ecos desse amor em turbilhão,
Ecos dum ideal nunca esquecido!

Nesta vida sem norte a Ilusão
Feneceu; mas teu nome estremecido
Gravado ficará no coração!

Tavira, 1912.

Laurinda Serytram.

A festa da Bandeira

A's 8 horas de domingo teve lugar na Avenida dos Bentos a entrega da bandeira adquirida pelos officiaes, graduados e mais praças, a s. ex.º o general da divisão, o qual por seu turno a entregou ao comandante de infantaria 23, o nosso amigo sr. tenente-coronel Bandeira, achando-se para o efeito o regimento em formatura geral.

Este acto foi revestido da maior solenidade, tomando nele parte todas as forças aquarteladas na cidade, e fazendo brillantes discursos o sr. tenente-coronel Bandeira e alferes Augusto Casimiro.

O quartel que se encontrava artisticamente ornamentado, foi franqueado ao publico durante o dia.

Das 12 horas em diante a bandeira esteve exposta ao publico numa das salas do quartel, realisando-se ás 14 1/2 a festa desportiva, onde o publico teve acesso, a qual constou entre outras coisas de saltos em altura saltos em largura com balanço; corridas de tres pernas; corridas de velocidade; luta de cabeçalho; luta de tração; corridas de obstaculos, etc., havendo premios em dinheiro, relógios, correntes e outros objectos.

A' noite, ás 20 1/2 horas, começou o sarau comemorativo da festa, que foi promovido por sargentos e equiparados.

Teve o seu inicio na inauguração do retrato do sr. tenente coronel Bandeira, do qual fez o elogio o sargento ajudante Temido.

O sr. tenente coronel agradeceu comovido a surpresa que lhe era feita.

Seguiu-se depois o programa que constou do seguinte:

1.ª PARTE — Hino nacional. A. Keil; Sinfonia — Cordeiro; Dulce farniente, gavote. — Encarnação.

Representação da peça em 1 acto, de Octave Mirbeau — *Escrupulos*, pelos amadores Firmino da Silva, Tubal Trindade, Luiz Jacob e Julio Lopes.

2.ª PARTE — *Cavalaria Rusticana*, preludio — Mascagni; *Longe do Paiz*, valsa; *Gentil Batalhão*, mar-

cha; *Julia*, valsa, F. Ferreira; *Tragedia para rir*, monologo, por F. Ferreira; *Assalto de sabre*, A. Soares e Trindade; *A bréca*, monologo, por F. Ferreira; *A láva*, sinfonia, Carvalho; *Rapsodia de cantos populares*, J. Morais.

3.ª PARTE — *Anel de Ferro*, entremezo; *Colar de Perolas*, polca. Pelos amadores Luiz Jacob, Lino Fernandes e Antonio Rego, a comedia de J. Cesar Machado — *Para as eleições*, em 1 acto. Hino nacional.

Foi uma festa excelente, que deve ficar gravada na memoria de todos que ala assistiram.

Noticias militares

Foi nomeado ajudante do 1.º batalhão d'infanteria n.º 35, o tenente sr. Manuel Duarte Lopes Subtil.

— Foram presentes á junta hospitalar d'inspecção que reuniu no dia 19 no hospital militar desta cidade, os seguintes srs. officiaes: capitães João Pires, Guilherme Flaminio da Fonseca Veiga e Julio Augusto da Conceição Vilar.

— Marchou para a Figueira da Foz, em serviço d'inspecção ao regimento d'infanteria n.º 28, o inspetor d'infanteria da 5.ª divisão, coronel Antonio Pedro da Costa Belo e capitão adjunto, João Maria Teles de Sampaio Rio.

— Foi deferido o requerimento do 2.º sargento de artilheria 2, sr. Eugenio Cardoso de Lima, que pediu passagem a artilheria 1.

— Foi mandado apresentar no deposito de praças do Ultramar para ir servir em Moçambique, o 2.º sargento d'infanteria 24 sr. Ernesto Ferreira Franco.

Recolheu de Mafra, onde esteve frequentando o curso da Escola Central, o 1.º sargento do 2.º grupo de companhia de administração militar, sr. José Nunes Gregorio.

— Pediu 30 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar, o 1.º sargento d'infanteria n.º 35, sr. Antonio Paes Simões.

— Pediu transferencia para infantaria n.º 4 o alferes miliciano João Trigo do Ó Ramos.

— Foi determinado que os officiaes medicos do ativo e milicianos, que

fazem serviço nas juntas de recrutamento, não façam parte das escolas de repitação.

— Pediu 30 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar, o 2.º sargento de infantaria n.º 23, sr. José Simões de Oliveira.

— Foi determinado que aos officiaes que estão de licença registada e disciplinar, só devam recolher os que tomam parte nas escolas de repitação.

— Pediu para tomar parte nas escolas de repitação do regimento d'infanteria n.º 7, o alferes miliciano sr. Rui Henriques dos Santos.

Acacio Serra

Realizou-se na quarta feira, em casa deste nosso amigo e intelligente colaborador, o registo do seu enlace matrimonial com a illustre professora sr.ª D. Pureza de Jesus Pinto de Abreu.

O acto foi testemunhado pelos srs. José das Neves Machado, Joaquim Ferreira, director do *Jornal de Coimbra*, Eduardo de Sousa e Antonio Rodrigues, nosso director, e a sr.ª D. Herminia Vieira.

A *Voz do Sargento* deseja aos noivos alem de uma prolongada lua de mel, um sem numero de felicidades.

"Vida Sportiva,"

Com este titulo começou a publicar-se em Lisboa um novo semanario. E' impresso em magnifico papel e apresenta-se belamente redigido. Muitas prosperidades.

UMA INJUSTIÇA

Do *Jornal de Coimbra*:

"Junta militar de saude

Consta-nos que na ultima junta reunida no hospital militar desta cidade, se procedeu de forma a levar a crer que ainda estamos no antigo regimen, pois que, sendo presentes um 2.º sargento de cavalaria e um musico, que segundo opinião dos medicos que os trataram precisavam de uma convalescença prolongada, lhes foi oferecida baixa de serviço, e como eles não aceitassem a oferta, porque seria o mesmo que condemná-los á miseria, foram dados prontos.

Dizem-nos que o presidente da junta declarou ter recomendação para não dar licença a sargentos ou musicos, e a ser certo, não podemos deixar de nos insurgir contra tal determinação, porque quem se impossibilita em serviço da Patria, tem direito a qualquer recompensa.

O que acima fica, comquanto estejamos dentro de uma Republica que devia ter a caracterisa-la um alto espirito de justiça, não nos surpreende.

Poder nos-ha, quando muito desalentar.

E' um facto contra o qual devem protestar todos aqueles que presam o prestigio das instituições; e nós não podemos tambem, no uso de um indeclinavel direito, cumprindo uma parte do programa que a nós mesmo traçamos, que é tambem uma obrigação moral e um dever de leal camaradagem, protestar a dentro da legalidade e no limite da correcção que caracteriza os nossos processos jornalisticos, contra ele.

Mas dissémos que, comquanto estejamos a dentro de uma Republica que devia ter a caracterisa-la um alto espirito de justiça, o que diz o nosso colega, não se compreende.

E' que desde que alguns orientadores começaram a fazer do tablado da politica palco de comedias, onde se crusam vaidades irritantes e mesquinhas ambições, desprestigiando homens e principios, foram esquecidos todos aqueles que á Republica prestaram, no maior dos desinteressados sacrificios incomparáveis, sublimes abnegações.

Estão no numero destes os sargentos e equiparados do Exército Portuguez.

Sim, no numero daqueles que se sacrificaram pelo regimen, eles salientaram-se sempre, indo logo que preciso fosse na vanguarda dos que combateram pelo seu advento.

Se folhearmos a historia das lutas da opposição, eles apparecem sempre combatendo ao lado dos republicanos, cheios de ardorosa fé patriótica e de esperança no futuro.

Martires do Dever, eles souberam ocupar um lugar predominante nas lutas pela justiça e pela redenção nacional.

Oprimidos, espinhados, perseguidos pelos governos monarchicos, jamais tiveram um momento de cობardia ou indecisão quando se tratava de os combater.

Feita a Republica, eles julgaram ver recompensadas todas as perseguições que por ela soffreram.

Porém, dentro em pouco viram que, comquanto o regimen viesse corresponder a muitas aspirações, ele não tem correspondido, completamente ao que dele esperavam.

Se muitos factos não tivessem já vindo a demonstrar a verdade destas afirmações, o que do *Jornal de Coimbra* transcrevemos acima o demonstraria plenamente.

E por hoje nada mais acrescentaremos, na esperança de que neste caso se reconsidere e para o futuro se não usem destes processos que deslustram homens e principios.

Recuperando o erro

A perfeição não existe. Tudo é suscetível do errar e com especialidade o homem. O homem é de todos os seres o mais ambicioso e rancoroso.

Em Portugal, como na França, etc., onde tem havido pela necessidade social a transformação de regimens, isto é, a passagem do estado monarchico ao de republicano, se tem cometido erros e constantes erros causados pela ambição dos homens.

Uns defendem com tenacidade o bem geral do paiz escorraçando dele os gatunos de sobrecasaca, luva branca e chapéu alto; outros abalançam-se a perder a vida como miseraveis surripiadores para reconquistar o nectar da *léta*, que tanto lhes custou a largar e de novo envolverem os seus trajes de brocados e altos pergaminhos da velha linhaagem, exarandó nas suas cartas de conselho *seuhores dáquem e dálem*.

Não se lembram esses senhores que um paiz no estado republicano se avisinha o mais possivel da destruição geral das fronteiras que limitam as nações; e, que já nesta grande fase do combate, para que caminhem os povos, homem algum

pôde usar mais de dois apelidos... o acesso representa vaidade e falso engrandecimento o que se não pôde consentir numa democracia.

Erros cometem-se com frequencia.

Os homens do nosso paiz teem cometido um bom par deles; isto é axiomático.

Só depois dos cofres do estado terem levado um grande rombo pelas despesas superfluas e escusadas, é que viram a necessidade de organisarem os *tribunais marciais*; é que viram a necessidade de não mais amnistiarem conspiradores; é que viram a necessidade de dar caça a essa corja que dentro do paiz tinha o desplante de se declarar conspirador e continuava ainda a gozar o sol da liberdade pela indolencia dos juizes, fabricados no velho casarão de Coimbra.

Se no momento da declaração desse *demente* que dá pelo nome Paiva Couceiro e outros que publicamente disseram que iriam conspirar para o estrangeiro, os detives sem immediatamente e lhe fizessem sentir desde logo o peso do Codigo de Justiça Militar, a fuga não teria sido tão grande e o respeito teria sido maior, pois que, só folgava com isso o tesouro publico e a paz geral da nação portugueza.

A Hespanha, essa nação hospitaleira dos bandidos realistas, esse coração douro cantado na lingua *galaica*, costuma emudecer-lhe a voz por outra forma sem que seja preciso a decima parte do que tem feito em Portugal; a uma simples alteração da ordem publica, ela, a católica do norte da Peninsula, «*abafa-lhe a voz ao som duma Mauser*» ou faz-lhe estender a lingua de palmo e meio debaixo das tibias do carrasco e os padres abençoam com um Cristo pregado numa cruz erguida, aquela santa justiça *castelhana*!...

Por tudo isto se prova que os nossos homens teem cometidos erros, erros que só agora estão a recuperar mas não tanto como era para desejar e com um saneamento que todos os republicanos e amigos do paiz esperavam atenta a teimosia dos *Miguelistas* e *Manuelistas*.

Muitas nações teem dito que Portugal caminha na rétagarda das suas congénères; com franqueza, teem razão: pois é rara aquela que aos *malandrões* do seu paiz não côrta a cabeça; Portugal nem numa crise tão aguda experimenta a guilhotina a vêr se dava resultado e assim mostraria a generosa Hespanha que podia caminhar a par dela, para o que bastava apenas um dia ou dois de trabalho dum serralheiro e um descendente daquele que no cadafalso Belem fez vêr aos Távoras quantos pães dava o alqueire.

C. C. Figueiredo.

O sargento não é somente maquina de escrever

Agora que entre a poderosa familia o exercito, a realisacão de conferencias e palestras nos quartéis, é mais alguma coisa que uma aparatosa exhibição de dotes oratorios e que uma pertensa vaidade no orgulho de oradores, que, mui rarissimas vezes ou nenhuma é conducente ao glorificador apógeu onde conseguiram guindar-se Afonso Costa, Alexandre Braga, Antonio José d'Almeida e outros homens portuguezes de reconhecido valor e competencia litera-

ria, todos podemos consoante as nossas aptidões e capacidades intellectuales, expor com a sinceridade que forçosamente nos é peculiar, a nossa modesta opinão sobre qualquer ramo de sciencia ou arte militar. E por mais frivola e até inaceitavel que pareça a exposicão da nossa opinão, não deve ela deixar de ser pacientemente ponderada pelos doutos na materia exposta, pois que o sargento é suficientemente ilustrado e, quando mesmo o não fosse, não raras vezes sucede haver pensamentos sublimes em mentes hermeticamente fechadas á concepção de tudo o que não seja bruto e ideias maravilhosas em cerebros perfeitamente envoltos na senda do obscurantismo e que por um instinto da natureza até então latente, se tornaram celeberrimos.

Muitas vezes o homem ignorante tem optimas aptidões, mas não tem d'elas conhecimento algum, porque um sem fundo tambem nada lhe revela a sua existencia.

Os filhos de ouro não jazem ignotos nas entranhas da terra até ao momento em que o arriscado mineiro, com o seu alvião, os põe a descoberto? Pois bem pela mesma e justa rasão ha aptidões no espirito humano, que só o poderossimo efeito do camartelo da instrucção, pode evidenciar.

Pode o homem possuir sobejos de habilidade para as artes e sciencias e ignoral a até ao momento em que o estudo lhe desperta o conhecimento da habilidade que possui.

Logo por conseguinte, cada um de nós, pode possuir um talento ou uma aptidão que ignora.

O meio intuitivo de com facilidade a descobrir, é intruduzir no espirito, dentro dos limites da possibilidade, o maior numero de conhecimentos.

Comparando agora uma planta com a intelligencia, vemos: que para a planta viver, crescer e florir, é mister adubala e a regala periodicamente, cujo adubo e rega vai constituir um deposito de onde quotidianamente se alimenta, e só então, assim vivificada, mostrará em cada aste um botão, que desabrochará, florindo seguidamente.

(Conclue no proximo numero).

PUNINDO PELA RAZÃO

Sr. director.

Peço a fineza de que me seja permitido fazer uma conferencia aqui ao seu dignissimo jornal, com referencia a um alvitre dum leitor do *Seculo*, a respeito da maneira como o Estado poderia arranjar grandes castelos de cobre para a aquisicão de aeroplanos.

Ora eu, senhor director, desde que adquirei integralmente as minhas faculdades mentais e d'elas principiei fazendo uso conforme me era permitido, nunca dimentei ideias contrarias á boa orientacão do paiz, por consequencia á integridade da patria; ideias que, hoje em dia, são conhecidas pelo nome de mau agouro: — *talassas*, não chega tão longe o meu mau gosto.

Não querendo alimentar então tais ideias, muito menos alimentas-hia desde 5 d'outubro em deante, quando vejo a necessidade que ha em salvaguardar a nossa pele e bem assim a da Patria, contra as garras altivas e irrequietas d'aqueles abutres sanguinarios que muito honradamente querem passar por *apostolos* de Deus Seu Senhor;

e pela mesma razão, conservar bem longe das nossas fronteiras a rede de arrastar com que tais abutres conseguiam imbecilmente envolver e massacrar, digamos assim, a miseranda população portugueza!...

Esboçadas aqui, por palavras francas e sinceras, as minhas ideias politicas, o que neste caso era meu dever fazer, para que não haja motivo de qualquer equívoco da parte d'algum leitor supersticioso, passo agora ao tal alvitre do leitor do jornal *O Seculo*:

Dizia, pois, o arbitrista; mas por outras palavras: — que achava bem os alunos dos estabelecimentos officiais pagarem um imposto; sendo obrigados, na occasião da matricula, a subscreverem-se com qualquer quantia, que não fosse porém inferior a 5 centavos; e assim o Estado poderia obter uma grande soma de dinheiro destinado á aquisicão dos nossos aeroplanos, etc.

Está muito bem; a ideia é excelente, mas não ha bela sem «*senão*». Por ventura, já alguma vez se veria um individuo que deseja e precisa instruir-se, pagar um imposto?!...

No Liceu e na Universidade, bem basta a matricula, que de per si já acarreta grossas dificuldades para o estudante que vê a riqueza pelas costas!

Eu vejo tambem, que não seria pela modica quantia de 5 centavos, que um pai deixaria de mandar instruir o seu filho; no entanto convém observar que, para uma familia que viva em precarias circunstancias, a matricula de um ou mais dos seus membros nos estabelecimentos d'ensino do Estado, lhe basta e sobeja para que surjam espinhosas deficiencias no seu miserando lar; quanto mais agora, advindo lhe um imposto, por muito insignificante que ele seja!...

Isto, meu caro senhor, é declarar demasiadamente a ignorancia em que vive com referencia ao programa republicano, que é adverso a toda a causa que mova a origem do abate á instrucção. Sim, porque nós, os republicanos, vemos e vemos muito bem, que é a instrucção a arma que mais prodigios pode fazer nos tempos vindouros da nossa querida Republica; e por consequencia não se lucra coisa alguma prejudicando o valor e o progresso duma arma, para enaltecer o prodigio de uma outra. Assim nada se adeanta!...

Com o mesmo direito de que se pode lançar mão para crear um imposto sobre os que estudam, tambem se pode apresentar um alvitre para que todo aquele que se apresentar no rigor da moda, seja obrigado a pagar um tributo pelo gosto que tem em fazer-se galã e pelo prejuizo que pode causar ás faculdades mentais das damas!...

Estes cavalheiros sim!... Estes é que podem pagar; porque todo aquele que andar no rigor da moda é porque tem a bolsa bem recheada e portanto pronta para qualquer exigencia. Agora os estudantes não, porque nem todos são ricos!...

De v. mt.º at.º e obrg.º AMADEU.

A mocidade como passa

Coimbra foi sempre uma das terras no nosso paiz tida como encantadora pelas suas belezas

naturaes, e conhecida pela cidade das escolas de instrucção científica.

Foi de Coimbra que quasi todos os nossos sabios saíram.

Foi sempre a terra lendaria dos nossos poetas e escritores, porque tendo aqui passado toda a sua mocidade era licito que dela se não esquecessem, como preito de gratidão e relembrando-se dos seus tempos de estudante, nunca deixou de figurar nos seus poemas.

Ha porventura outro centro onde se passe uma vida como a de Coimbra, não sendo Lisboa ou Porto?

Não, não ha.

Essa mocidade d'outr'óra se hoje pudesse visitar a sua antiga Coimbra, ficaria deveras satisfeita pelas enormes transformações porque tem passado, pelos novos bairros construidos e pelas avenidas que teem aberto.

As gerações passadas do tempo das epopeias da idade media denominaram a cidade a *Rainha do Mondego*, e na verdade não se enganaram.

Que diria o nosso Camões se hoje aqui pudesse comparecer, onde teve dias de alegria e dias de amargura, que lhe derivou o desterro para nunca mais aqui voltar?

Que grande não seria a alegria se toda essa pleiade de sabios que daqui saíram com a luz reudentora, que mais tarde deixaram o seu nome vinculado á historia Patria, se hoje visitassem a terra universitaria, como eles lhe chamavam.

Sendo uma das terras mais conhecidas no paiz julgo que não é devido á sua grandeza na população nem tão pouco pela sua pequenez, mas sim as belas paisagens que a rodeiam e tambem aos melhoramentos porque tem passado.

Só poderá apreciar-se quanto é belo em dias de cortejo, quando a multidão passa pelas ruas da cidade como todas as janelas e varandas regorgitam de cabeças femininas de tudo que se pode chamar *élite* mostrando-se sorridentes aos manifestantes fazendo realçar ainda mais o entusiasmo dando assim um aspeto jovial que é familiar ás senhoras que do Mondego chamam á cidade a Rainha.

Coimbra 22 de agosto de 1912.

J. A. Cruz.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edicões melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Goncalves Pereira (pa), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificacões.

PENSIONATO ACADEMICO

Situado na rua n.º 6 do aprazível, saudavel e hygienico bairro

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de Coimbra, num edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e muito perto da Universidade

TRATAMENTO EM FAMILIA.

Direcção e administração a cargo de

José d'Albuquerque

Official do exercito

Alojamento: — Em magnificos quartos, todos com grandes janellas. — Dois ou tres pensionistas em cada quarto conforme a sua capacidade e tamanho.

Preço do alojamento por cada pensionista: — Até ao fim do anno lectivo, 8:000 réis, pagos no acto da admissão.

Mobiliario — a cargo dos pensionistas.

Os pensionistas que quizerem um quarto só para si, pagam o dobro do preço marcado.

ALIMENTAÇÃO: — 15:500 MENSAES

Almoço — Sopa e 1 prato ou 2 pratos, chá e torradas.

Jantar — Sopa e 2 pratos, 3 decilitros de vinho e sobremeza.

Ceia — Chá e torradas.

A's 5.ª feiras e domingos ha doce á sobremeza.

NOTAS

1.º — A verba alimentação deve ser paga sem falta até a dia 2 de cada mez, e bem assim qualquer outra despeza.

2.º — O Pensionato fornece livros, pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.

3.º — A alimentação especial e tratamento por doenças, são pagas á parte.

4.º — O Pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento de roupa dos pensionistas, por 1:000 ou 1:500 réis mensaes, conforme a roupa de goma que usar.

5.º — A importancia do alojamento só é restituída por falta de cumprimento d'estas condições.

6.º — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das verbas de alojamento e alimentação já pagas.

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO
COIMBRA.

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e impressão de jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMODOS

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu
LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Bolões dourados. — Preços limitadissimos.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis
Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrucção Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Ortografia Portuguesa, 100 réis.

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 1\$600 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora—Moura Marques & Paraizos—19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuais programas de instrucção primaria

POR

Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscrição Escolar, professor diplomado de instrucção primaria e sócio honorario de El Fomento de Las Artes Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado..... 160 réis
Cartonado..... 210

A' venda na livraria F. FRANÇA AMADO

Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 125

COIMBRA

A VOZ do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR

ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na

Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA SOPHIA, 166

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis

Ultramar, semestre - 600

Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

PELA PATRIA

O momento actual reclama de nós muitos sacrificios e muitas abnegações, para que dentro em pouco nos imponhamos ao mundo inteiro como um paiz forte moral e materialmente.

Quaesquer que sejam os credos quaesquer que sejam as tradições, as crenças, os principios que diferentemente se crusem no nosso paiz, se todos combatem com sinceridade e por amor á Patria, chegou a hora solene de mostrarem o seu desinteresse e o seu patriotismo.

Se temos vontade de viver, e se todas as degladações politicas que se tem usado obedecem a intuitos de bem servir a causa do resurgimento, que todos o provem unindo-se, pelo menos por algum tempo, para se acordarem nos meios a usar para se adquirir a força material que infelizmente não possuímos.

Um dos principaes é sem duvida a propaganda educativa nos povos ruraes, dos quaes até hoje nos temos esquecido de uma maneira que chega a atingir as raiais do desprêso.

Somos um paiz livre. Ainda hoje possuímos a bravura inigualável de outros tempos.

Temos qualidades natival raras em outros povos.

Nos ultimos tempos tem-se agitado e florescido entre nós todos os ramos de civilisação de uma maneira incomparavel.

Quer isto dizer: com um pouco de sacrificios e boa vontade, poder-nos-hemos enfileirar ao lado dos paizes que caminham na vanguarda da civilisação.

«Mas quem nos diz a nós, que amanhã, daqui a mezes, daqui a anos, não ha alguém que pretenda suster, pela força, a nossa marcha altiva?»

«Quem nos diz, a nós, que a cubiça estrangeira, saindo do dominio do sonho, não pretenda amanhã, em acordando, sufocarnos, escravisar-nos, esmagarnos?»

Se assim succeder, nós temos que responder como, desde remotos tempos, temos respondido: — frente a frente, ás balas com as balas.

Assim o manda a nossa altivez de sempre; assim nos ensina a nossa brilhante historia.

«Mas se não temos armamento suficiente para recebermos como o merece qualquer cubioso que, armando em ratoneiro, pretende roubar a nossa integridade?»

Então, por enormes que sejam, como são, as nossas qualidades belicas, isso de pouco nos valerá de encontro á poderosa e unica razão do existir dos povos de hoje: a Força.

Poderemos em pouco tempo tambem tambem adquiril-a?

Podemos. Como? Não escasseiam os meios, assim nos esforcemos em procura-los.

Como dizemos acima, um dos principaes é a educação dos povos ruraes, de forma a acordar neles as qualidades adormecidas e inicia-los, por meio de uma boa propaganda, dos sacrificios a operar para que sejamos aquilo que temos o dever de ser: — livres, conscientes e fortes.

Neste assunto continuaremos a debater no proximo numero.

ACACIO SERRA.

Ainda a festa da Bandeira

Bem contra a nossa vontade, deixámos de publicar no ultimo numero de *A Voz do Sargento*, o primoroso discurso proferido pelo sr. tenente-coronel Bandeira, na ocasião em que, por s. ex.^a o general, foi entregue a infantaria 23 a nova bandeira do regimento, o que hoje, e a seguir, fazemos:

«E' do conhecimento de todos vós o motivo porque hoje nos reunimos aqui, transluzindo em todos os rostos a intima satisfação que nos domina.»

E' que hoje é o dia em que o regimento de infantaria n.º 23 recebe oficialmente a sua bandeira e em que os jovens soldados vem publicamente afirmar o seu entranhado amor pela Patria, protestando sacrificar a sua vida, se tanto fôr preciso, para a defenderem dos seus inimigos internos e externos.

«Como militar apenas posso dizer, com simplicidade, o sentimento que me vac nalma, sem recorrer a flôres de estilo que muitas vezes são palavras despidas de sinceridade.»

«Meus senhores; regimento: — Após o movimento revolucionario de 1910, foi dado ao povo de Lisboa em particular, e á Nação em geral, adotar um sistema de governo pelo qual se anceava havia tanto tempo, e por cuja realisação tantas lagrimas se verteram, tantas perseguições foram infligidas e tanto sangue a realza fez derramar.»

«Quero passar em silencio essa tão triste, mas ao mesmo tempo tão gloriosa jornada de 31 de janeiro de 1891, provocada pelo brutal ultimatum de 13 de janeiro de 1890, e pela insolente e criminosa attitude do rei Carlos, em face das afrontas de estrangeiros.»

«Da mesma forma passarei um véu sobre o movimento de janeiro de 1908, igualmente provocado pelo rei Carlos e por esse chacal com rosto de homem que era seu valido. Toda a fera tem o seu nome proprio: esta chamava se João Franco.»

«Um homem que, como o rei Carlos, não foi bom filho, nem bom cidadão, nem bom rei, não podia deixar de se associar a um monstro. Completavam-se.»

«Foi esse movimento que livrou a nação de 3 dos seus inimigos: dois personificando a realza insolente, e o terceiro a ambição e o crime. Aqueles foram aniquilados pelos tiros certos de dois patriotas: e este, qual judas do cristianismo, condenado pela propria consciencia que o acusava de reprobato.»

«A estes inimigos succedeu, porém, outro mais perigoso porque era traiçoeiro: o jesuita, o mau padre.»

Apoiado ao braço duma rainha dominadora e reacionaria, e trazendo pela mão um rei creança, imbecil e medroso, o jesuita era mais temivel porque ao mesmo tempo que sufocava as aspirações de liberdade para só ele dominar, embrutecia as consciencias daqueles de quem se acercava.

«Dominando o rei, assenhoreava-se do governo; dominando a familia, tornava-se senhor da Nação...»

«Em 1910 a situação de Portugal era esta: uma divida enorme, o tesouro exausto, o povo acabrunhado ao peso dos tributos, e a liberdade esmagada pela realza e pela reacção.»

«Foi então que, nos dias 4 e 5 de outubro, o povo de Lisboa, num gesto sublime e heroico de uma Patria que quer ser grande e livre, sacudiu de vez as correntes que a algemavam, e proclamando a liberdade, defraldou uma nova bandeira, simbolo duma Patria nova.»

«Foi proclamada a Republica e

consagradas as côres da nova bandeira. Côres simbolicas: verde e vermelha.

«A côr verde simbolisa a esperanza que deve existir na alma portugueza, de que a nossa nacionalidade se afirma cada vez mais robusta e respeitavel, dentro do regimen da Liberdade e do Progresso, da Ordem e do Trabalho.»

A côr vermelha simbolisa o sangue que nos corre nas veias e nos impele ao cometimento dos feitos que tem mostrado ao mundo que o Velho Portugal é ainda hoje a Patria do Heroismo, e que não cede, em valor, ante a grandeza das outras nações.

No centro da nova bandeira vê-se um escudo com as quinias, e este sobre uma esfera armilar.

O escudo representa os enormes combates que, na sua infancia, Portugal sofreu para afirmar a sua independencia. As quinias representam os cinco reis mouros que foi necessario vencer em Ourique para a nossa nacionalidade fosse um facto; e a esfera armilar, o mundo inteiro aonde Portugal levou, com o esforço do seu braço, o facho brilhante da civilisação.

E se mais mundo houvera lá chegara, diz o grande epico Luiz de Camões.

Depois o nosso illustre amigo refere-se ao modo porque a bandeira foi adquirida e voltando-se para os soldados do seu regimento exclama:

Soldados: Seguia-a sempre, pois que, quer na refrega dos combates, quer no remanso da paz, ela representa sempre o Dever e a Honra.

Venerai-a como a uma mãe amantissima, pois que, quer nas simples paradas de exercicios, quer no fragor das batalhas, quer no amoravel clima do nosso continente, quer nas plagas adustes do Ultramar, ela representa sempre tudo quanto amamos: — A Patria, o lar e o brio de Portuguezes.

Defendei-a com valor, dos seus inimigos internos ou externos, pois defendendo-a, defendeis tudo quanto amaes: a terra onde nascestes; a casa onde soltastes os primeiros vagidos e onde balbuciaestes as primeiras palavras; os vossos paes tão queridos; as vossas mulheres, os vossos filhos tão estremecidos, e talvez as vossas noivas tão adoradas.

Soldados: Portugal é um paiz muito pequeno, é certo, mas é uma Patria muito grande, pois que é a Patria dos Heroes.

Que o digam a França e a nossa vizinha Hespanha. Que o diga o mundo inteiro que Portugal tem sempre assombrado com o valor de seus filhos!

E assim, soldados, na defeza da nossa bandeira, que é a da nossa Patria, empregae sempre todo o es-

forço, toda a dedicação, todo o brio, toda a coragem e todo o entusiasmo que fazem do soldado portuguez o primeiro soldado do mundo.

Recebei pois a nossa bandeira, e honrai-a sempre.»

Discurso proferido pelo sargento ajudante Temido, no acto da inauguração do retrato do sr. tenente coronel Bandeira, que se realizou no sarau promovido pelos sargentos e equiparados:

«Ex.ªs senhores e senhoras: — Neste dia tão solene para o regimento, não podia a corporação dos sargentos e equiparados deixar de agregar-se ás festas que se teem realisado para comemorar a entrega da Bandeira a um regimento de gloriosas tradições como é o de infantaria n.º 23.

Vv. ex.ªs sabem muito bem quem foi o iniciador deste facto historico; comtudo é dever nosso repeti lo: foi o nosso ex.ªmo comandante, sr. tenente-coronel José da Silva Bandeira.

Podia eu aqui traçar a biografia sem mancha deste devotado apostolo da Republica, mas ele é bem conhecido de todos; dir-vos-hei sómente que no regimento do seu mui digno comando, tem sua ex.ª em cada um de nós, um amigo e um defensor das instituições para o acompanhar na defeza da Patria e da Republica que a nossa bandeira representa, tendo nós nele um amigo, como todos sabem e sobejamente o tem demonstrado.

Resolveu ainda, a corporação dos sargentos e equiparados, como prova de gratidão e homenagem inaugurar na sua sala neste dia tão memoravel, o retrato do seu comandante.»

O sr. tenente-coronel José da Silva Bandeira, visivelmente comovido, levanta-se, e disse:

«A surpresa comoveu me.

Sabia que em cada um dos meus subordinados tinha um cooperador e em alguns, muitos mesmo, um amigo. Mas que essa amizade e dedicação fosse tão longe, não o su punha!

Meus amigos; não tendo palavras suficientemente buriladas para traduzir o meu reconhecimento, dir-vos-hei simplesmente: obrigado!»

Ao correr da penna

Hoje que a incursão paiva-jesuítica-fidalga mal ecôa aos nossos ouvidos; hoje que alguns d'esses facinoras estam espiando os seus enormes crimes, que outros esperam as penas que lhes devem ser applicadas e que a maioria do bando vaqueia errante pela Europa e America, sem patria, porque renegam a sua, tentando asfixial-a debaixo da sua pata criminosa, feril-a com armas fornecidas pelo nosso secular inimigo, compral-a, quiçá, para o mesmo inimigo com o dinheiro do jesuita, d'essa seita maldita que nam trepida ante o punhal, ante o veneno e a armadilha para a consecução dos seus designios, seja-nos licito encararmos, com serenidade, a imbecilidade dos seus fins patricidas.

E' sabido que a *harca* couceirista era composta desde o gallego boçal ao famigerado ex-sargento Lima, cuja psicologia daria grandes elementos de estudo a esse douto medico que se chamou Bombarda e que a reação vilimou; desde o fidalgo peralta e estúpido ao padre rude, representante atual do antigo frade. Outros elementos a constituíam dos chamados dirigentes, que começando em Paiva Couceiro, espirito avinhado, vinham terminar em Manuel Valente e Satrio Pires, o primeiro delator do 28 de janeiro e o segundo foragido e renegado republicano e pseudo-anarquista, que no *Mundo* tam acrememente atacou a proscrita familia dos Braganças.

Havia ainda os nam combatentes, que eram cretinicos como Azevedo Coutinho e Ornelas, que vendo o erario fechado para aqueles portuguezes cuja honra emparceirava com a de seus *amos e senhores*, nam podiam viver a vida regalada que os *proventos* colhidos nas nossas colonias e nos cofres da metropole, que para eles representavam a Falperra, lhes permitiam.

Com taes elementos e defendendo a monarchia dos crimes e dos adiantamentos, se é que a defendiam, era de esperar o *valor* de que deram provas nos ataques que realisaram no norte do paiz.

Eu nam sei que mais admirar nesses ataques: se a estúpida e medieval maneira de combater, se a pusilanimidade do seu proceder ante os poucos recrutas do nosso exercito que tiveram a ventura de se defrontarem com esses paladinos do roubo e da repressão, infringindo-lhes uma derrota tam estrondosa, que só Herculano, com a sua brilhante penna, saberia descrever.

E como nam devia de assim succeder? Qual a causa que trazia esses piratas, prototipos de traidores, a pisar o solo da Republica Portugueza?

A causa dos Braganças, se era esta, familia que desde o seu advento deu a Portugal cobardes como João IV e João VI e invertidos como Manuel II, rufiões como João V e Carlos I e heroes como D. Arreda.

A par dos seus fins criminosos, a sua imbecilidade é ainda maior, pois que nam viam, nam sabiam que, como disse Vanderelde, «a evolução repressiva é irreversível: 1.º porque uma instituição ou um órgão desaparecidos nam podem reaparecer; 2.º porque uma instituição ou um órgão reduzidos ao estado de vestigios nam podem desenvolver-se novamente, nem retomarem as antigas funções; 3.º porque tambem lhes não é possível assumirem novas funções.

De feito, estam mortas essas instituições e esses órgãos?

(Continua.)

O sargento não é somente maquina de escrever

Conclusão

Assim tambem a inteligencia, a memoria, essas faculdades sublimes de pensar e sentir, com que a previdente natureza nos dotou, começam tambem alimentadas pelo estudo e leitura persistente, a desenvolver-se pouco e pouco, até apresentar sazonado o fruto que d'elas pretendemos colher. — O saber.

As conferencias e palestras realisadas pelos sargentos e entre estes, têm um fim iminente grandioso, o qual é obrigar o conferente a manusear os alfarrabios em que se achar dispersa a materia ou assumpto que pretende expor.

Logo, a par e passo que vem colhendo dados para bem se desempenhar da missão que a si mesmo incumbiu, ou de que o incumbiram, vae se predispondo para uma saída airosa do acanhamento ou apathia em que, com raras exceções, nos conservamos, acanhamento ou apathia que, como propria consequencia, mais em nós se disfruta quando em qualquer reunião de familia, ou mesmo da classe, pretendemos traduzir em palavras o jubilo que nos crusa este ou aquêlê successo fausto, ou expor detalhadamente este ou aquêlê assumpto.

Não podemos, é certo, dissertar sobre qualquer assumpto com a altiloquencia dos grandes oradores, mas tambem não é menos certo que o podemos fazer com frases singelas, mas ponderadas; visto que no nosso meio tambem se admira a singeleza e modestia reconhecidas, quando estas qualidades venham animadas d'aquêlê outro predicado que deve ornar todos os homens de bem e que se chama «sinceridade». Objeitar-me-ão talvez, que não possuem dotes oratorios, que a sua inteligencia lhes não permite realizar conferencias em publico, e eu retorquir-lhes ei, que é por essa mesma razão que nos devemos esforçar por produzir alguma coisa, porque sem esforço e vontade propria tudo para nós é ineziquivel.

Não nos devemos exigir a exposição nem sumaria nem detalhada de assumptos mateologicos, ou seja o estudo inutil de coisas superiores á nossa inteligencia, mas sim, uma dissertação longa ou breve, consoante a paciencia do expoente, sendo singela mas conscienciosa, de qualquer dos nossos regulamentos, sobre historia, Geographia, ou sobre qualquer arte, sciencia ou assumpto, sobre o qual nos presumamos mais ou menos sabedores.

Nada portanto de subterfugios da nossa parte. Todos somos camaradas, porisso sem receio algum da critica seja de quem for, porque ella é indispensavel, nós devemos expor a nossa opinião, certos de que, os camaradas ouvintes, longe de desempenharem o papel de hypocritico, nos saberão emendar e corrigir os nossos erros ou missões, afim de que, limando-nos suavemente a linguagem, feitiço e costumes, nos possamos de futuro apresentar com mais algo de correção.

Finalmente mostrando nos conhecedores da arte militar em geral e dos nossos deveres em especial, impomos-nos ao preito e considera-

ção dos superiores e ao respeito e benquerer dos inferiores, e o que é mais, provamos com sufficiente exuberancia que ao sargento, que pensa, que estuda, que trabalha, e que produz, se não coaduna na verdadeira acerção da palavra, o nome do aparelho de que é inventor o sr. *Re-myptom*, com que bastas vezes o apodam.

Argus Beirão.

Noticias militares

Com o fim de tomarem parte nas proximas escolas de repetição, houve o seguinte movimento nos corpos da 5.ª divisão:

Officiaes milicianos e unidades a que ficam pertencendo:

A infantaria n.º 23, os alferes José Augusto de Serpa Ferrão, José Lopes de Matos Chaves, Augusto Emiliano da Costa e Antonio Maria Ribeiro de Vasconcelos.

A infantaria n.º 24, os alferes Jacinto Agapito Rebocho e Alberto Ruela.

A infantaria n.º 35, os alferes José Luiz Rangel-Pimentel de Quadros, Rui Henriques dos Santos, Jaime Correia da Encarnação, Bento Malva Matoso e Antonio Ernesto Simões de Carvalho Lucas.

— Foi colocado em artilheria 2 o capitão do 5.º grupo de baterias de reserva, sr. Arnaldo Joaquim da Cunha Rola Pereira.

— Foi colocado em cavalaria 8 o major de estado maior de cavalaria, adjunto da comissão tecnica de remonta, sr. José Simões da Silva Trigueiros.

— Foram colocados em infantaria 28 os seguintes srs. officiaes: tenente-coronel Albino Mendes Leal, major Paulo do Quental, capitão Eduardo Augusto da Costa Brachlamy, tenentes Alberto dos Santos Pereira Monteiro e Antonio Maria Pinto Cardoso Salgado.

— Foi nomeado comandante do regimento d'infantaria 24, o coronel do serviço de estado maior, sr. Antonio Maria de Matos Cordeiro.

— Foram colocados em infantaria 35, o tenente coronel Antonio Teixeira de Aguiar e alferes Alexandre Mascaranhas Viana de Lemos.

— Regressou de Aveiro, onde foi conduzido sob prisão um 1.º cabo, implicado no *complot* de cavalaria 7, o 2.º sargento de cavalaria 8, sr. Domingos Martins Pereira.

— Marchou para a Figueira da Foz, a fim de entregar doze cavalos no regimento de artilheria 2, para prestarem serviço nas escolas de repetição, o 2.º sargento de cavalaria 8, destacado nesta cidade, sr. Manuel dos Reis.

— Teve passagem a cavalaria 11, por troca com o 2.º sargento Tomaz Alves, o 2.º sargento de cavalaria 8, sr. Antonio de Almeida Garcia e Sousa.

— Pediu 30 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar, o tenente veterinario de artilheria 2 Antonio Julio Lobo da Costa.

— Foi mandado apresentar em cavalaria 8, para serviço das escolas de repetição, o major de cavalaria, sr. Antonio Joaquim Mendonça Bandeira.

— Esteve ha dias nesta cidade uma força d'infantaria 21, sob o comando do alferes Alfredo Ferraz de Carvalho, que veiu conduzir seis presos politicos de Castelo Branco.

— Igualmente esteve nesta cidade uma força d'infantaria 18, sob o comando do alferes Luiz José de Matos, escoltando seis presos politicos e uma mulher, de Paredes.

Literatura

PARA MINHA MÃE

Que o teu olhar materno e carinhoso
Cheio de vida e d'amor, ó minha mãe!
Me seja um luar sereno e tão formoso
Como um luar do céu e as estrellas tem.

E que p'la noite d'esta vida além
Eu oiço o *baque-baque* melodioso,
Do berço onde possa adormecer bem,
Feito de luz, do vosso olhar saudoso!

E que os braços teus emballadores
A' luz d'esta tão sentida amargura...
Me cinjam da Desdita e dos Horrôres;

Se resume n'um leito de ternura,
O balluciar dos teus tristes clamores
P'la noite d'esta vida sem Ventura!...

Lepi — Mato de 1912 — Africa Occidental.

Eduardo R. Tudella.

Questões colonias

A pedagogia nas nossas colonias

No entanto é de crêr que se a sua observação não fôsse tão superficial restringindo-se a simples notas de viajante, convencer-se-hia do contrario.

Tudo vae do methodo e por algumas estatísticas que temos á mão poder-se-ha vêr que nos paizes onde os processos pedagogicos são adequados ao meio e indole do negro, o aproveitamento é rapido e que estabelecendo a comparação entre este e o europeu, o aproveitamento deste ultimo não é superior.

O sr. Ferreira Deusdado num artigo para a *Revista Portugueza Colonial e Marítima*, n.º 9, de 20 de junho de 1898, transcreve extractos d'alguns relatorios apresentados por funcionarios inglezes, sobre os progressos do ensino publico na Africa do Sul, onde se constata o aperfeiçoamento intelétual do negro.

A evolução da pedagogia, entre nós tem sido já não direi lento, mas pouco adequada.

Olhando para o passado, vemos que após a descoberta de qualquer região se fundava ahí a primeira escola ao lado da primeira igreja.

Essas escolas na sua maior parte seminarios onde antes catechisava do que se ensinava a leitura e a escripta, não foram de resultados proficuos, ou antes de molde a estabelecer uma corrente continua de instrução, que vindo até nós, nos fizesse sentir os seus proficuos efeitos.

Por outro lado vemos que alguma coisa de bem e no sentido de minorar as trevas da ignorancia se tem feito nestes ultimos anos.

Assim, em Angola foram creadas em maio de 1906; na Chibia e Hempala (distrito da Huila) duas escolas de ensino elementar. Dez outras na circumscrições civis de Ambrizete e S. Salvador do Congo, em 4 de junho de 1906.

O decreto de 18 de janeiro de 1906, que reorganisa o ensino profissional dos indigenas em todas as

colonias, creou o Instituto Dom Carlos em Loanda, actualmente Instituto Profissional de Loanda.

Um posto experimental foi estabelecido em Cazengo em 1907: — Moçambique.

Em 19 de abril de 1907, foi creada em Mumbuna uma escola de ensino elementar.

Na escola departamental profissional de Lourenço Marques, em 4 de dezembro de 1907, foi instituido um curso especial de higiene portugueza, para aqueles que se destinam ao professorado provincial.

Abstemo-nos de enumerar os diferentes estabelecimentos d'instrução que nos ultimos anos se tem creado nos diferentes provinciaes, ocupando nos tão sómente da India.

De todas as nossas provinciaes ultramarinas a India é a que com mais solicitude tem sido tratada sobre o ponto de vista de instrução.

Tomando por base o trabalho *L'instruction dans les colonies portugaises*, do sr. Almada Negreiros, nosso compatriota residente em Paris e a quem o nosso paiz deve muito, por bastante ter escrito das nossas colonias, revelando sempre o maior criterio e profundos conhecimentos de tudo o que com elas se prende, mercê de um estudo aturado, vamos dar uma vaga ideia do que tem sido a instrução no paiz dos Brôhmanes, sob o ponto de vista da sua evolução progressiva:

Seria longo e fastidioso, descrever detalhadamente os diversos estabelecimentos, as epochas e diplomas que determinaram a sua fundação, por isso limitar-me hei a analisar o impulso que a instrução progressivamente tem vindo sofrendo:

Já em 1541, existiam nas Indias professores da lingua portugueza.

Dessa data em diante a instrução foi-se difundindo gradualmente.

De 1624 a 1634, varios missionarios como o jesuita Antonio d'Andrade, os padres Gonçalo de Souza e João Cabral, catechisam e ensinam os primeiros rudimentos de escripta e leitura, no Thibet.

Em 1540, foi fundado no Granganôr — India — o primeiro collegio.

Em 1541, é fundado em Gôa um seminario para indigenas.

Desta data até 1847 em que foi fundado por decreto de 11 de janeiro desse mesmo ano a Escola de Medicina de Gôa, diversos estabelecimentos de instrução foram fundados quasi todss sob a direção de padres jesuitas — que para o espirito da epocha, fanatico e religioso, eram estabelecimentos modelares.

Entre as escolas fundadas nesta epocha figuram muitas de ensino secundario, como uma Academia Militar, quatro escolas de lingua latina, etc.

De 1847 em diante a instrução tomou maior incremento e assim foram-se fundando sucessivamente: Escolas de Matematica, de Navegação, d'Artilharia, e outras.

Em 1867 é louvado o arcebispo de Gôa, primaz do Oriente, pela fundação de escolas destinadas a creanças pobres.

Diversos seminarios são fundados sucessivamente, bem como escolas elementares de pilotagem, cadeira d'inglez, seminario, liceu, uma biblioteca publica, um museu numismatico, escola experimental de agricultura, escolas da lingua morata e portugueza, associações literarias, etc.

Em Damão é creada em 1904 uma excelente biblioteca publica; em 1907 um instituto de analises e de vacina, anexo á escola de medicina de Gôa.

Ainda em 1907, são creadas em Taligão um parque florestal e um jardim de agricultura, destinados ao estudo de aclimação de plantas uteis.

Pela ideia geral geral que demos sobre o desenvolvimento da instrução na India, facilmente se depreenderá que sobre aquele nosso dominio tem convergido as atenções dos nossos governos por forma a proporcionar-lhe os meios necessarios ao desenvolvimento intelétual dos naturaes, e comquanto muito convenha ainda fazer, modificando e aperfeicoando especialmente os metodos pedagogicos, não sofre duvida que o ensino ali é de molde a merecer os louvores de todos os que se interessam por estas questões e vejam na instrução o meio de nos tornarmos livres e prosperarmos.

Quem dera que outro tanto podessemos dizer das restantes provinciaes ultramarinas, onde o ensino peaa por deficiente e por archaico!

A actual organização d'instrução publica que data de 30 de novembro de 1869, é sem duvida uma das melhores de todos os paizes colonias, isto emquanto aos moldes em que se baseia; pena é que — como já dissemos — o numero de escolas seja deficiente e que pela pouca fiscalisação essas poucas escolas não correspondam ao fim para que foram instituidas.

M. Paul Distère no seu Ropport official sobre a colonisação em todos os paizes, diz do ensino actual nas colonias portuguezas: *«qu'il est de beaucoup le mieux organisé parmi tous les systèmes en usage dans les payes coloniaux.»*

Em Angola, principalmente, são pouquissimas as escolas, e as que ha são na sua maior parte regidas por pretos que mal sabem o portuguez, ou então quando o não são por pretos são regidas pelos comandantes dos postos militares, que, pessimamente gratificados, pouca solicitude lhe dedicam.

Era, pois, da maxima conveniencia que ao ensino se dedicasse toda a nossa boa vontade.

Só a instrução litteraria e profissional desenvolvendo no indigena

o amor ao trabalho e creando-lhe necessidades que a sua intelligencia á maneira que vae assimilando, vae phantasiando, conseguirá converter as nossas colonias naquillo que a mãe patria tem jus a exigir-lhe, logo que contribua com o maximo da sua vontade para o seu desenvolvimento.

Já algures escrevemos, e se bem estamos lembrados, a respeito da reorganisação do exercito colonial, «que ha coisas que se impõem, embora para isso tenhamos de recorrer a sacrificios, que não são sacrificios, desde que da sua consumação dependa um atomo sequer de engrandecimento nacional», e neste caso está o assumpto que vimos discutindo.

A organização de instrução publica nas nossas colonias que tem merecido elogios da parte de estrangeiros, como o que acima examos, deixar-nos-hia em pessimo campo, se os mesmos que lhe rendem elogios se dedicassem a observar a maneira como é executada.

Entre nós, infelizmente é tudo assim.

Ao pensar-se em elaborar qualquer trabalho sobre organizações, nomeiam-se comissões, estuda-se o assunto, e por fim de toda essa barafunda de sapientissimas opiniões, sae... ou um perfeito abôrto, sem parte alguma por onde se lhe pegue, ou, caso raro, qualquer coisa de util que na pratica tende sempre de esbarrar com a má vontade de outros tantos doutos varões... deixa ficar no cahos em que se encontrava, se não peor, o serviço que dada a sua importancia, reclama a boa vontade e inergia de todos os bons portuguezes.

Cabinda, 10 de junho de 1912.

Arnaldo Gomes Duarte

Sargento d'infantaria

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 24500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçaves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

NOITE DE ENCANTO!

Melodiosa canção para piano e canto, com a poesia intercalada na musica. Magnifico papel cartonado.

Preço 200 réis

A' venda nos armazens de musica e no editor, rua de Santa Catharina, 304, Porto.

Joaquim Leite Junior

ADVOGADO

Escriptorio — Rua da Sophia, 99, 2.º

ESTÁ Á VENDA:

Vinhas, vinhos e prados

POR

A. VENANCIO PACHECO

Brochado.... 600 réis

Livrarias Aillaud e Bertrand Aillaud, Alves & C., rua Garrett, 73 a 75, Lisboa.

PENSIONATO ACADEMICO

Situado na rua n.º 6 do aprazivel, saudavel e hygienico bairro

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de Coimbra, num edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e muito perto da Universidade

TRATAMENTO EM FAMILIA

Direcção e administração a cargo de

José d'Albuquerque

Official do exercito

Alojamento: — Em magnificos quantos, todos com grandes janellas. — Dois ou trez pensionistas em cada quarto conforme a sua capacidade e tamanho.

Preço do alojamento por cada pensionista: — Até ao fim do anno lectivo, 8:000 réis, pagos no acto da admissão.

Mobiliario — a cargo dos pensionistas.

Os pensionistas que quizerem um quarto só para si, pagam o dobro do preço marcado.

ALIMENTAÇÃO: — 13:500 MENSAES

Almoço — Sopa e 1 prato ou 2 pratos, chá e torradas.

Jantar — Sopa e 2 pratos, 3 decilítros de vinho e sobremeza.

Ceia — Chá e torradas.

A's 5.ª feiras e domingos ha doce á sobremeza.

NOTAS

1.º — A verba alimentação deve ser paga sem falta até a dia 2 de cada mez, e bem assim qualquer outra despeza.

2.º — O Pensionato fornece livros, pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.

3.º — A alimentação especial e tratamento por doenças, são pagas á parte.

4.º — O Pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento de roupa dos pensionistas, por 1:000 ou 1:500 réis mensaes, conforme a roupa de goma que usar.

5.º — A importancia do alojamento só é restituída por falta de cumprimento d'estas condições.

6.º — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das verbas de alojamento e alimentação já pagas.

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO
COIMBRA.

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e Impressão de jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMOTOS

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu

LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confeccão e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párcos, etc., de todo o distrito. Galeria commercial e industrial. Importante secção de annuncijs. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis
Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrucção Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Ortografia Portuguesa, 100 réis.

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 1\$600 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora—Moura Marques & Paraisos—19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMARIAS

Em harmonia com os actuais programas de instrucção primaria

por **Ricardo Dinis de Carvalho**

Amanuense da Secretaria da Inspeção da 2.ª Circunscricção Escolar, professor diplomado de instrucção primaria e sócio honorario de El Fomento de Las Artes Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado... 160 réis
Cartonado... 210

A' venda na livraria F. FRANÇA AMADO

Livreiro-editor

115 — Rua Ferreira Borges — 125
COIMBRA

A voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 reis

Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

Propaganda patriotica

Dissemos nos dois ultimos artigos publicados em editorial d'A *Voz do Sargento*, que era preciso e absolutamente urgente tratarmos do problema da Defeza Nacional.

Com intenso jubilo registamos o facto de quasi toda a imprensa portugueza vir debatendo, com verdadeiro interesse patriotico, sobre o assunto que tanto tem prendido a nossa atenção.

Louvavel campanha essa, que nos dá a convicção profunda de que ainda ha no nosso paiz quem, afastando-se da politiquice reles, saiba cumprir com os seus deveres de portuguez.

Não basta, porém, a imprensa para fazer despertar em todos os portuguezes o sentimento patriotico, que nalguns jaz adormecido pela falta d'instrução e pelo afastamento dos principais centros de civilisação e renascimento.

E' preciso, absolutamente necessario, que a palavra do apostolo chegue até aos mais reconditos logares do paiz.

E' imprescindivel, para a obra que urge fazer-se, uma boa propaganda patriotica — verdadeira irradiação de amor-patrio por palavras.

Palavras simples, mas fluentes, que transmitam aos cerebros incultos o fogo ardente de uma santa ideia.

Palavras de verdadeiros apóstolos, de verdadeiros evangelisadores, em que se espelha a luz sagrada de uma imorredoura Fé.

Palavras que o Povo compreenda, que possam encontrar eco na sua alma doce e sonhadora.

E hão-de vel-o pronto a todos os sacrificios, desejoso de contribuir para o engrandecimento do seu berço, que é, afinal, tambem o seu engrandecimento.

Quem outr'ora, em sublimes abnegações, ofereceu a sua vida para a defeza da independencia do seu paiz, não hesitará em obrar sacrificios para a manutenção da mesma.

O que é preciso é que haja quem lhe demonstre a necessidade urgente desses sacrificios.

Costumado a pagar para alimentar a crapula dos antigos senhores, é necessario que haja quem lhe explique a diferença entre hontem e hoje, fazendo-lhe ver a applicação dada agora aos dinheiros publicos.

Aos professores primarios, aos poucos amigos da sua patria e aos militares reservistas mais ou menos instruidos, compete um grande papel nessa obra de propaganda, que os altos interesses da Patria reclamam.

Isto afóra os nucleos de propaganda que desde já se poderiam ir formando nas cidades para levarem aos povos rurais visinhos o alto significado deste verbo feito crença — renascer.

ACACIO SERRA.

RESPOSTAS LOGICAS

Pensei um dia, ó triste irrisão, ó suprema vaidade, ó desejo irrealisavel, sabem o que é? ser amanuense do secretariado militar, e zás: sem mais cerimonia, fizeram convite e eu ofereci-me!

Pensando talvez (e vá que desta vez acertei) que, como do antecedente o enfermo não obrasse sem aguas quentes, cheguei-lhas eu directamente, porque infelizmente não tenho intermediarios.

Imediatamente (cavalheiresca pontualidade) recibi de uma individualidade então em destaque e agora tambem a quem me dirigi, á contestação seguinte: recomendei o seu pedido a quem está encarregado de fazer a classificação, que prometeu atender conforme a justiça e equidade o admitirem!

Esta resposta maguou-me profundamente; contristou-me sobremaneira o intimo da minha alma; aquellas poucas palavras, continha m para mim em demazia, a eloquencia de uma severa lição; por momentos nelas pensei e as achei justissimas, porque o meu pedido, se era pedido envolvia preterição e sobreto do manifestava em mim claramente um pouco de atrazamento em materia

de Democracia, visto que os tempos calamitosos da ominosa já tinham passado, deixando atraz de si um extenso rasto de sangue, de injustiças e de latrocínios, cujo terminus havia chegado.

Emfim, a pouco e pouco, esqueci a impressão que aquella resposta havia causado em mim.

Decorreram dias, dias de comprimento incomensuravel, dias que só sabe medir o preso a quem é anunciado que tal ou tal dia será restituído á liberdade, dias cujo comprimento só um verdadeiro acesso de impaciencia por qualquer motivo é capaz de medir, e decorridos muitos, nesta ancia, nesta incerteza, eis que surge a decantada ordem com as desejadas nomeações, mas li, reli, trelí e eu... não vinha lá!...

Que fazer? conformei-me, porque era justica e ela ainda me não tinha chegado, pois todos os nomeados, certamente por seus meritos e illustração haviam ficado por cima da minha pessoa na escala ou lista organizada.

Outras e outras nomeações se fizeram e eu pelas razões acima expostas, sempre conformado.

Nesta esmagadora esperança se passaram dias e mezes, até que o jornal *O Mundo*, de 12 do corrente, me trouxe o fatal desengano, com a seguinte e textual informação na secção *Novas & Boatos*: Foi classificado para empregos publicos de 4.ª categoria, o 2.º sargento da armada Manuel Luzitano, e de 2.ª categoria o 1.º sargento sr. Alvaro Jaime Pereira, que vai ser nomeado por esse motivo amanuense do secretariado militar.

Leram? Tambem eu, e pasmei da abundancia da minha ingenuidade!

Então um sargento classificado agora para empregos publicos, embora com maior gradação e instrução, pretere um que já está classificado ha mais tempo e que tambem ha mais tempo está oferecido para tal logar? Então por este processo nunca os sargentos nas minhas condições e que são bastantes lá metem os presuntos!

Nesse caso não houve classificação, não houve lista ou escala, e nem tam pouco julgo ter havido a justiça e equidade de que me falou a tal individualidade!...

O que na verdade houve foi uma crassa ignorancia da minha parte em ter acreditado em tal!

Isto tudo a ser verdade o que diz a tal informação, de que me não arrevo a duvidar, pois conheço a seriedade do *Mundo*, jornal que leio.

O senhor, se o acaso conduzir ás suas mãos este jornal e passar com os olhos por cima d'estas mal alinhavadas palavras e conhecer o trecho da sua prosa respondendo á

minha carta, rogo-lhe me indique onde está então a justiça, a equidade, a Democracia, de que me falou, sim a justiça, quero saber onde para esse astro rutilante, essa simbolica preciosidade, que eu ha muito preciso acoitar-me sob a luz benefica e vivificadora do seu imenso clarão!

Quero dizer-lhe que o despotismo dos homens lhe esfrangalha a todo o momento, com mais facilidade a sua sacrosanta missão, de que qualquer animal devora as fibras do recém-nascido que a imprevidencia de uma mãe deixou só em casa e no berço!

A' sim, ignora o seu paradeiro, não a encontra, dá-se um premio de valor a quem a descobrir! Alviçarás!!!

Dão-se boas, generosas em extremo, garante-se mesmo a independencia do feliz achador da Democracia ou justiça, que misteriosamente desapareceu!

Vá seus amadores da bela sciencia de Schart-Holmes, ponham a sua habilidade investigadora a ser-viço!...

Vá que o premio é tentador!

Catem, busquem, rebusquem, vasculhem tudo e traga-me por uma orelha essa menina, suprema refrataria ao casamento com Portuguezes, que eu quero dizer-lhe que os Lusitanos a esperam com anciedade, que a sua entrada será triumphal, que os luzos garantem por sua honra lavar-lhe a fronte estigmatizada por injustiças de todo o quilate e que d'ora ávante, apoz o seu regresso espontaneo ou violento, ela imperará, não mais se consentindo que os pequenos, os fracos, os que trabalham, sejam systematicamente oprimidos e martirisados, e que as divisas, Liberdade, Igualdade e Fraternidade, sejam methafisicas entidades, fantasticamente inventadas para mascarar a hipocrisia!...

Alviçarás, alviçarás!... encontrei o paradeiro da Democracia!...

Como? Aonde? Diga já?

Estou ancioso! Diga que o premio está á sua disposição.

Diga, diga e sem demora, e para provar que a encontrou diga tambem o que é a Democracia.

Pois bem, vou satisfazer a sua curiosidade, mas gratuitamente, nada desejo por estas indicações.

A Democracia está escrita em varios e numerosos papeis e se quiser saber o que é, consulte o dicionario!!!

Argus Beirão.

Promoção

Foi promovido a 2.º sargento, o nosso amigo Fernando d'Oliveira Leite.

As nossas felicitações.

O ANTI-MILITARISMO

Jaurés, o mais cotado socialista francez, esboçou ha tempos um projeto de organização militar para o seu paiz, que nas suas bases essenciaes se confunde com a que o governo provisório da Republica nos deu.

Ninguém ousará pôr em duvida as qualidades civicas da-quele grande liberal, a sua enorme autoridade sobre assuntos de sociologia, o seu grande amor aos que trabalham, os imensos recursos inteletuaes de que dispõe, para que as suas ideias, filhas do seu lidimo carater, nam sejam tomadas como merecem.

Pois na mesma França surgem agora alguns professores de instrução primaria, inculcando nos debeis espiritos dos seus discipulos, a ideia do desarmamento geral — o anti-militarismo.

Parece-nos que estes professores esqueceram os ensinamentos que a historia fornece e a missão que a França lhes incumbiu, pois que nam se recordaram que as grandes vitórias japonezas foram mais devidas á instrução que as escolas d'instrução primaria davam aos que nelas eram instruidos, que á pericia dos chefes japonezes; que as derrotas sofridas pelos francezes foram, em grande parte, provenientes do espirito patriótico que animava os soldados alemães, patriotismo que lhes era insuflado desde a escola até ao quartel.

O desarmamento geral nam passa de uma grande utopia, generosa, sem duvida, mas sempre utopia.

E' muito cedo para qualquer nação perfilhar essas ideias, sublimes na essencia, mas, na pratica, irrealisaveis.

A primeira a realisar-as, seria, indubitavelmente, a primeira a desaparecer.

Mas deixamos o que se passa em França e voltemos a nossa atenção para o nosso paiz, que, tambem, já hoje possui anti-militaristas, alguns, coitados, que querendo alistar-se como voluntarios, foram, fisicamente, julgados incapazes.

Eu respeito todas as ideias consentaneas com o amor da Patria; mas esta está muito longe de possuir o meu respeito, visto ela ser antagonica ao progresso da mesma Patria e á sua autonomia.

Como é que estes anti-militaristas acharam meios de Portugal conservar as suas colonias?

De que meios lançaram mãos para Ele se impôr ao respeito das outras potencias?

Como poderam o nosso commercio, agricultura e industria penetrar atravez dos sertões, nam

tendo a servir-lhes de avançada as armas e vidas de nós militares?

Como conservarmos o nome de Portuguezes, as nossas fronteiras e a ordem para aquem delas?

Quem conterà em respeito o leão sem garras de Castela? Talvez o direito? E onde existe ele sem a força?

A estas perguntas responderiam os anti-militaristas: que a nossa patria é todo o mundo, que as fronteiras devem acabar, que as nossas colonias sam dos seus naturaes.

Frases, lindas para eles, e mais nada, porque a nossa patria seria Hespanha, as nossas fronteiras alargar-se-hiam, quando muito, até aos Pirineos e as nossas colonias seriam Inglezas, Alemãs e Holandezas.

Aqui vive um dos taes anti-militaristas, que o é por nam ter podido ser o inverso, que dá oito anos para que os exercitos sejam desnecessarios.

Grande sonhador, para lhe nam chamar mentecapto.

Oito anos! E tantos arsenaes a fabricarem vasos de guerra e armas!

E nós vendo que as nações mais prosperas sam aquelas cujos exercitos de terra e mar sam mais numerosos, mais bem instruidos e mais bem armados! Nós vendo o quartel feito uma escola de patriotismo e de civismo, onde o recruta, na sua maioria, ao entrar nam possui a mais pequena ideia do que é Patria e Republica e que ao sair é um cidadão consciente dos seus deveres e direitos.

E estes parasitas a quem, em geral, por defeitos fisicos foi vedado o direito de defenderem a Patria, este lindo Portugal, tentando menoscabar quem só tem vida para a dar em defesa Dele!

Estes cabalinos a desrespeitarem a Bandeira, a nam se descobrirem quando ouvem a *Portuguesa*, dizendo-se anarquistas, quando, afinal, são tolos.

Elvas, setembro de 1912.

Manuel Antonio Vieira,

1.º sargento do 4.º grupo de metralhadoras de infantaria.

DEFEZA NACIONAL

ALVITRE PATRIOTICO

Não é extemporanea a oportunidade em que o nosso exercito deve ser recuperado de munições, armamento e equipamento para terra, e uma boa esquadra para o mar, para a defeza de Portugal e Colonias.

Por todo o paiz os jornais se teem salientado a favor deste problema

nacional e sobre o qual o povo portuguez se tem confraternizado, consoante as suas posses, para coadjuvar triunfantemente essa marcha de progresso; porque reconheceu que só a Republica nos pôde ser util, que só ela poderá equilibrar as nossas finanças e que só assim ela terá força para reprimir o inimigo que sempre se nos está atravessando na frente. Ignoram muitos, ou fazem-se ignorantes, que a deposta e ladra Monarquia nos deixou num estado, incontestavelmente, deploravel, sem dinheiro nos cofres do municipio, sem exercito, sem marinha e sem instrução! E' lamentavel que ainda haja, pizando o solo portuguez, desses caciques e traidores, que indignem o povo rude, a vencer-se do contrario!... Protestamos todos contra esses vilões, sejamos unanimes em os reprimir, porque a Republica só tende em avançar e nunca em recuar, como esses tiranos desejam. Ha de ser proficua e preduravel! Posso dizel-o, alto e em bom som.

Para ela, e, para a sua consolidação, temos nós trabalhado bastante; sempre com amor patriótico prontos a derramar o nosso sangue, tem-nos sacrificado até, porque os sargentos são sempre pela liberdade; e porque não nos havemos mais uma vez distinguir, para manobramos sempre no campo da acção?

Ocorre-me fazer neste momento um alvitre que peço seja apreciado pelo nosso camarada director do nosso jornal *A Voz do Sargento*, que ao lado deles sempre tem trabalhado, e depois fazer para tal o que julgar adotavel neste momento.

Hei-ló: Todo o patriota, a meu ver, escusa de alvitre, mas sobre o que vou apresentar não deixarão de compreender; todos conhecemos pelos jornais uma subscrição aberta a favor do nosso exercito, do qual nos honramos pertencer; entendo eu, que se formos todos concorrer representará isso um grande avanço tanto para nós, como para as somas que já se encontram inscritas.

Ao contrario, sucederá que, muito embora todos concorram um por cada vez, ficaremos numa situação deprimente e aumentarão as peias de que até hoje ainda somos victimas.

O nosso exercito compõe-se de mais de 300 sargentos e estou convencido de que nenhum se eximirá a prestar este auxilio nacional.

A *Voz do Sargento* se entender que é licito e racional fazer o seu convite aos sargentos de todos os regimentos, para tal fim, bem como aos das unidades das Colonias, é essa a minha opinião e muito mais convicto estou de que nenhum sargento deixará de concorrer. Em Africa, onde conheço muitos rapazes nossos camaradas, e dentre os quais varios amigos, tenho a certeza que serão pontuais em nomear comissões para solicitarem dos nossos camaradas destacados no interior a sua coesão para este fim. Pelo mesmo motivo, conhecendo a união da nossa corporação metropolitana tambem não deixarão este assunto no rol dos esquecidos, tanto mais que tenho lido em varios jornais alvitres feitos por sargentos, posto que alguns não se coadunam com a minha opinião, porquanto todo o patriota tem obrigação de não ser obrigado a sel-o, fazendo-se-lhe descontos nos seus vencimentos.

Posto que sucintamente tenho exposto o meu alvitre; o nosso amigo e camarada director, se entender justo o que aponto, dirá para onde deverão ser remetidas as im-

portancias apuradas ou que se apurarem. Lembro, todavia, que serão melhor destinadas á redação da *Voz do Sargento* até que por intermedio dela a faça seguir, quando entender, ao seu destino.

M. P. Rozendo,

1.º sargento de cavalaria.

N. R. — Associando-nos ao alvitre do nosso camarada, desde já pômos á disposição de todos os sargentos e equiparados as colunas do nosso jornal, onde serão inscritos os nomes e importancias de quem subscrever.

Um dia de vencimento, não nos parece grande sacrificio e com certeza dará uma bela receita.

Avante pois pela defeza da patria!

Subscrição da "*Voz do Sargento*" para a defeza nacional

Antonio Rodrigues (director). 880

"O REALISTA"

E' o titulo de um pasquim imundo que vê a luz da publicidade no Rio de Janeiro, e que ha dias foi enviado á corporação dos sargentos d'infantaria 23.

Ali, desde a primeira columna á pagina de anuncios, aparece pata, dente e chifre, etc., a insultar os homens da Republica e não sabemos a razão porque a Republica Brasileira consente no seu seio uma publicação tão depravada, que se diz órgão de uma quadrilha cujo fim é desprestigiar o povo portuguez.

Não podemos deixar sem reparo o energico manifesto do sr. José Vieira da Silva Gonçalves, que numa gramatica de taberna e calão de viola escura, epigrafou com o bonito pomposo:

Erguei-vos!

Povo levanta-te! Soldados sabei cumprir com o vosso dever! Levantai e defendei a Patria, mas no caminho da honra e da liberdade. Nada de illusões! etc., etc.

Com certeza que este patriota não deu o seu passeio até Chaves, porque se ali tivesse ido, já sabia que o soldado portuguez sabe cumprir o seu dever.

E se ainda ha duvidas experimentem outra vez.

Ao largo lobos famintos!

Insultai e ameaçai que a vossa probidade e coragem está na historia da vossa bela administração e feitos heroicos de Valença e Chaves!

Pobres chacais que vos mordeis de inveja e raiva, por ninguém já acreditar nas vossas patranhas!

Suicidai-vos, se ainda existe em vossa consciencia um atomo de vergonha.

Continuai nesse despotismo de abuso da hospitalidade.

Abusasteis da Hespanha e abusais agora tambem do Brazil que vos quiz matar a fome.

Sempre a ingratidão por vossa divisa.

Suicidai-vos, suicidai-vos que é o ultimo remedio de todo o homem perdido!

Ficai certos que o soldado portuguez saberá sempre cumprir com o seu dever, defendendo a Patria e a Republica. E se ainda ha duvidas experimentem outra vez.

O POVO

Notas e impressões do «Independente de Angola»

Os monarchicos, em Portugal, nunca conheceram o povo. Nem o povo das cidades, nem o povo dos campos, nem o povo das casernas e dos navios.

Tiveram por ele sempre um soberano desprezo, nunca prescutaram a sua psychologia, como nunca se interessaram pela sua miseria.

Mergulharam o na ignorancia e julgaram-se fortes. Tanto a miseria como essa ignorancia lhes garantiam a sua dependencia. Dali o considerarem-o um rebanho.

Mas o seu erro era profundo, e nem apoz uma revolução feita, pode dizer se exclusivamente pelo povo, se capacitaram do valor desse povo, se compenetraram das suas intimas aspirações.

O povo portuguez viveu e vive ainda na miseria; viveu e vive ainda na ignorancia; mas por ser pobre, não se segue que seja vil, e por ser ignorante não se segue que seja estúpido.

O povo da nossa terra, recubra-o a blusa do operario, a jaqueta do frabalhador, a farda do soldado ou do marinheiro, — não é a rez d'um rebanho. Tem admiraveis qualidades de assimilação. O que viu uma vez, não esquece; o que aprendeu um dia, não o olvida. A vida politica não o interessa nos seus pormenores, porque nem mesmo os conhece; mas forma uma idéa geral da situação em que o colocou, e essa idéa geral é sempre cheia de bom senso, impregnada de rétidão.

O mais inculco dos nossos camponeses tem hoje a noção clara de que a monarchia era um oprobrio que conduzia á ruina, e a Republica uma esperança, que deve conduzir á salvação.

Nestas circunstancias, o povo não dará uma gota de sangue pela monarchia. Os homens que garantiam a Couceiro o seu concurso presumiam o contrario.

Velhos caciques, pensaram que o povo iria para onde eles o mandassem. Officiaes rotineiros julgaram que o soldado portuguez obedeceria por uma errada noção da disciplina, ás suas ordens que no fundo representariam a quebra dessa mesma disciplina.

Completo engano!

O exercito manteve-se fiel á Republica, o povo manteve-se pelo menos indiferente á monarchia. Nenhuma rez marchou para o matadouro, onde se pensava fazer reconciliar com o sangue do povo o cadaver da monarchia.

Ha nas multidões o instincto da revolta.

N'outros tempos, esse instincto sufocava-se com a invocação das penas infernaes que aguardavam os oprimidos que se revoltassem contra a tirania dos seus senhores.

O temor do inferno desapareceu. Quando muito apavorará algumas beatas, mas já não gela o coração dos homens.

O autentico inferno está numa vida de servidão e essa servidão póde quebrar-se, ou pelo menos ver-se-lhe desaparecer sem uma resistencia que seria absurda.

Portanto a revolta expande-se contra o despotismo e a exploração dos grandes e dos ricos. Onde o

Literatura

ESTRELAS

Eu olho para o ceu. No espaço indefinido
Vejo sorrir milhões de estrelas scintilantes;
E então vou procurando o meu fanal querido,
A luz do meu Porvir nos astros fulgurantes.

Seduz-me esse fulgor albinente e lindo,
E nelas vê minh'alma, anciosa de emoções,
Almas de querubins que ao ceu voam sorrindo,
Temendo o mundo vão de intrigas e traições.

E ponho-me a pensar: — Que felizes vós sois,
Estrelas siderais no eterno refulgir!
Nasce o sol, finda o dia, a noite vem depois;
Passa um ano, outro ano, e vós sempre a sorrir!

Rides talvez do mundo hipocrita e cruel,
Do mundo onde o murmúrio corroe os corações;
Aonde labios vis distilam turvo fel
Que envenenam a vida, esp'ranças, ilusões!

Ilusões!... Brotam n'alma, e logo ao outro dia,
Feneceum como a flor a quem faltou a luz;
Matam-nas o cinismo, o odio, a ironia,
Roubando-lhes a fé que ao Ideal conduz!

Amor! unico fim dos entes sobre a terra,
E' hoje um mito vão, uma quimera alada!
Sorriem com desdem se amor noss'alma encerra,
Só impera a ambição da riqueza! mais nada!

Oh! estrelas guiae minh'alma sonhadora,
Sêde vós meu fanal nesta vida d'agruras;
Tornae realidade o sonho que ela adora,
Esse sonho ideal é rolario de venturas!

Tavira, 5-7-912.

LAURINDA SERYTRAM.

contentamento não rebentar numa exploração, secretamente inflamará os espiritos, ávidos d'estas sancções do destino.

O cacique não era amado. Era temido!

No dia em que a sua força baqueia, nenhum braço se estenderá para de novo o fortalecer.

Os mandões da provincia, os officiaes que nunca hajam convivido com os seus soldados, e os reputem seus escravos quando eles são seus companheiros de armas, dignos da mesma consideração, irmanados nos mesmos deveres, susceptiveis das mesmas glorias, não conhecem o povo portuguez.

Por isso prometeram a Couceiro o que lhe não podiam dar. A verdadeira miseria a sua, porque era a miseria moral.

Maier, Garção.

NOTICIAS MILITARES

Apresentou-se nesta cidade, a fim de assumir a presidencia do tribunal marcial, o coronel d'infantaria 28, sr. Antonio Celestino Alves.

— Marchou para o Bussaco, em serviço judiciario, o tenente d'infantaria 23, sr. Luiz Gomes d'Azevedo.

— Marchou para Chaves, a fim de se apresentar em infantaria 19, para tomar parte nas escolas de repetição, o capitão sr. Anibal Coelho de Montalvão, commissario de policia nesta cidade.

— Foi classificado para empregos publicos de 3.ª categoria o 1.º sargento de infantaria n.º 24, sr. Celestino Batista da Silva.

— Foi mandado apresentar na Manutenção militar, onde fica fazendo serviço como amanuense, o 2.º sargento sr. Antonio Cardoso de Lemos.

— Marchou para a Figueira da Foz, a fim de fazer serviço na escola de repetição do regimento de infantaria 28, o alferes-medico miliciano sr. Geraldino da Silva Balazar Brites.

— Marcharam para Lisboa, a fim de tomarem parte nas escolas de repetição, os capitães de administração militar, srs. João de Brito Pimenta de Almeida e Adelino Augusto da Fonseca Lage.

— Foi tomar parte na escola de repetição do regimento de infantaria 28, o tenente de infantaria na situação de licença ilimitada, sr. Alberto dos Santos Pereira Monteiro.

— Foi concedida licença para estudos ao tenente de infantaria n.º 23, sr. João Rodrigues Batista.

Baixou ao hospital militar de Coimbra, o nosso camarada e assiduo collaborador Henrique Herminio Branco esse pranto restabelecimento é o que sinceramente lhe desejamos.

Foi reformado no posto de 1.º sargento, o nosso amigo José Fernandes Martins.

PLACARD

Vamos proceder á cobrança pedimos por isso a atenção, para os recibos, dos nossos estimados assignantes.

Recebemos a importancia de suas assignaturas, por um ano dos sr. José Daniel Clemente e Euleuterio Alves Duarte, 2.º sargentos da guarnição de Timor, e a de um semestre do sr. José Serras da Silva, 1.º sargento d'infanteria 17.

GUIA MEDICO

PARA OS

COLONOS DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

Banhos — Se os de limpeza gerais e locais são indispensaveis a toda a mulher diariamente, muito mais necessarios são á grávida, sobretudo os da zona genetal, onde as secreções, durante o periodo de gestação e jámais em clima quente (como o de Angola), são mais abundantes.

Por isso toda a mulher grávida, que nada sofra da vagina que não tenha lencorrhea (flores brancas), deve lavar os orgãos genetaes externos com agua tepida ou fria, como estiver habituada, com sabão ou sabonetes e as partes visinhas, pelo menos duas vezes por dia que pode ser ao levantar e ao deitar.

Se houver lencorrhea deverá fazer as ditas lavagens mais vezes por dia e dará irrigações d'agua boricada normal, (agua comum a ferver mil gr. acido borico (40 gr.) ou 2 lenticulas chlorat-boratado a 50 centigr. em 500 d'agua ou ainda lenticulas de permanganato de potassio a 50 centigr. em 1:000 d'agua, mas feitas com muita doçura e sem introduzir a canula de vidro demais na vagina e tendo o irrigador a meio metro sómente acima da vagina.

Coito — Uma mulher, uma vez que tenha percebido estar grávida ou pelos movimentos da creança ou feto ou por outros sinais certos deverá *racionalmente, fisiologicamente*, abster-se do coito, tanto mais se for atreita a abortos.

Profissões — As grávidas, cuja profissão as sujeita a uma atmosfera mais ou menos carregada de acido ou de oxido de carbono (pontos onde ha aglomerações grandes de gente — fabricas, teatros, cafés, concertos, etc.), ou onde este gaz se forma — cozinhas, engomagem etc.), devem afastar-se o mais possivel desses serviços, durante a gestação.

Exame medico — Sempre que possível, é de boa pratica submeter a mulher, que vai pela primeira vez parir, a exames medicos repetidos, desde o 7.º mez, examinando-se sempre as urinas de 24 horas. Ainda mesmo que se trate de multiparas (mulheres que já teem tido filhos) é sempre de bom aviso fazer estes exames.

(Continua.)

Sociedade de instrução militar preparatoria

Termina no dia 20 do corrente a inscrição para os individuos de 17 a 45 anos que queiram fazer parte desta sociedade.

Mais uma vez lembramos a vantagem que oferece para os mancebos dos 17 aos 20 anos, a inscrição na mesma sociedade.

PENSIONATO ACADEMICO

Situado na rua n.º 6 do aprazível, saudavel e hygienico bairro

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de Coimbra, num edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e muito perto da Universidade

TRATAMENTO EM FAMILIA

Direcção e administração a cargo de

José d'Albuquerque

Official do exercito

Alojamento: — Em magnificos quartos, todos com grandes janelas. — Dois ou três pensionistas em cada quarto conforme a sua capacidade e tamanho.

Preço do alojamento por cada pensionista: — Até ao fim do anno lectivo, 8.000 réis, pagos no acto da admissão.

Mobiliario — a cargo dos pensionistas.

Os pensionistas que quizerem um quarto só para si, pagam o dobro do preço marcado.

ALIMENTAÇÃO: — 13.500 MENSAES

Almoço — Sopa e 1 prato ou 2 pratos, chá e torradas.

Jantar — Sopa e 2 pratos, 3 decilitros de vinho e sobremeza.

Ceia — Chá e torradas.

A's 5.ª feiras e domingos ha doce á sobremeza.

NOTAS

1.º — A verba alimentação deve ser paga sem falta até a dia 2 de cada mez, e bem assim qualquer outra despeza.

2.º — O Pensionato fornece livros, pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.

3.º — A alimentação especial e tratamento por doenças, são pagas á parte.

4.º — O Pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento de roupa dos pensionistas, por 1.000 ou 1.500 réis mensaes, conforme a roupa de goma que usar.

5.º — A importancia do alojamento só é restituída por falta de cumprimento d'estas condições.

6.º — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das verbas de alojamento e alimentação já pagas.

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicílios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO
COIMBRA.

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e impressão de jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMOTOS

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu
LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).

Botões dourados. — Preços limitadissimos.

BONETS

Modelo francez

Os unicós perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confeccção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados publicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc., de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa

PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.

Codigo do Registo Civil, 200 réis
Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.

Lei da Instrucção Primaria, 100 réis.

Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.

Constituição Politica da Republica Portuguesa, 60 réis.

Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.

Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.

Novidade sensacional

TEIXEIRA DE SOUSA

Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depoz a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 1\$600 RÉIS

Remessas franco de porte contra vale do correio.

Livraria Editora — Moura Marques & Paraizos — 19, Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria

PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Em harmonia com os actuais programas de instrucção primaria

por Ricardo Dinis de Carvalho

Amanuense da Secretaria da Inspeccção da 2.ª Circunscriçção Escolar, professor diplomado de instrucção primaria e sócio honorario de El Fomento de Las Artes Madrid.

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS

e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO

Brochado..... 150 réis
Cartonado..... 210

A' venda na livraria F. FRANÇA AMADO
Livreiro - editor

115 — Rua Ferreira Borges — 123
COIMBRA

A voz do Sargento

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA
Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 reis
ANNUNCIOS - Preços convencionaes
Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

ARMEMO-NOS!

De norte a sul do paiz sente-se a sociedade portugueza agitada por um movimento patriótico, intenso e decidido, de que hão de germinar os mais benéficos resultados em prol da integridade da nossa Patria, assegurando-nos ao mesmo tempo a paz de que necessitamos para cuidar do resurgimento nacional.

Está constituída e entrou já no exercicio da sua patriótica iniciativa, uma comissão de officiaes de marinha que se propõe fazer junto do povo, em todos os recantos do paiz, uma larga propaganda a favor da reorganisação das nossas forças de terra e mar. Grandioso exemplo é esse e oxalá que todas as classes que pelos seus conhecimentos estejam em condições de fazer o mesmo, não deixem de imitar aqueles bravos marinheiros.

A propaganda feita por grande parte da imprensa sobre o problema da defeza nacional tem interessado extraordinariamente o nosso povo. Abrem-se subscrições, promovem-se recitas e festivaes, por toda a parte se procura auxiliar o grande empreendimento da nação armada, firmando-se todos os patriotas no ardor da luta para o conseguimento da mesma aspiração comum.

O Governo e o Parlamento tem tratado do problema da defeza nacional como o exige tão momentoso assunto. Nas regiões officiaes estuda-se afinadamente a maneira de harmonisar a nossa desgraçada situação financeira com o despendio enorme de um bom exercito e de uma marinha de guerra á altura da nossa situação geográfica e do nosso dominio colonial.

A monarchia legou-nos meia dúzia de calhambeques incapazes de qualquer acto de resistencia: na presença dos grandes monstros marinhos da actualidade, os cofres exaustos e o orçamento sobrecarregado com um deficit de mais de cinco mil con-

tos alem dos juros da divida esmagadora de oitocentos mil contos. Na sua carreira vertiginosa para a bancarrôta e para a desonra, a monarchia só tratou de servir os seus homens, desde o rei ao mais boçal cacique de aldeia, desviando dos cofres que o povo lhes confiara o dinheiro que devia ser gasto em obras de fomento e de defeza do nosso territorio.

O povo portuguez, após um letargo de quasi um seculo, reconheceu, enfim, a gravidade da sua situação e num brado unisono de verdadeiro patriotismo quer acompanhar o progresso guerreiro das outras potencias.

Com o intuito belicoso de outras eras, para continuar as suas campanhas de conquista? Disparate seria pensar nisso. Portugal arma-se para a guerra unicamente para poder tornar efectiva a defeza do que legitimamente lhe pertence. Em vez das legiões belicosas de outrora, Portugal terá sentinelas serenas mas vigilantes, prontas a mostrar o seu antigo brio e imorredoiro patriotismo quando a integridade da Patria ameaçada o exigir.

O Directorio do Partido Republicano tomou a peito a iniciativa de uma grande subscrição nacional para com o seu producto adquirir uma esquadilha de aeroplanos que serão ofrecidos ao nosso exercito. Esta ideia foi secundada por grande parte da nossa imprensa, atinjindo a subscrição actualmente uma verba bastante animadora para a realização de tão patriótico empreendimento.

O *Seculo* abriu uma subscrição á parte, com o producto da qual adquiriu já um hidro-aeroplano que deve chegar a Lisboa por todo este mez.

Ha ainda a juntar o aparelho voador ofrecido pelo cidadão Albino Costa, coronel do exercito brasileiro.

Pelo lado da aviação ficamos menos mal, graças á iniciativa

particular. Mas é indispensavel que vá por diante a ideia da reorganisação da marinha. E' preciso que todos os patriotas se lembrem das afrontas que temos sofrido por não podermos impôr o respeito pela nossa soberania com as pontas das baionetas e com as bocas dos canhões.

As ambições e os interesses porque se rege a politica internacional fazem com que as grandes potencias procurem todos os pretextos para entrarem as fronteiras das pequenas nações, dominando-as e escravizando-as para aumentarem a sua preponderancia no mundo. Ainda ha dois dias nos vimos livres dessa nuvem ameaçadora que dos lados da Espanha nos vinha mascarada de conspiração monarchista. Quanto a nós, a teimosia do governo espanhol em não querer cumprir os deveres que lhe impunham as leis da neutralidade não pode ser interpretada senão como um pretexto... para pescar nas aguas turvas.

O povo portuguez vendo toda a campanha de intrigas e de más vontades que o rodeiam só tem uma coisa a fazer — armar-se. Acostumado a todos os sacrificios pela terra que lhe foi berço não recusará o imposto que se tornar necessario para assegurar a defeza do seu territorio e a paz do seu lar. E bem merecerão da Patria todos os que contribuirem pelos meios ao seu alcance para tornar facil a realização de tão momentosa iniciativa.

Um dever de camaradagem

Lisboa, 9 de Setembro de 1912.

Camaradas

Em 4 de agosto findo, por determinação da Secretaria da Guerra, foi licenciado das fileiras do activo do exercito por não convir ao serviço, o nosso camarada 2.º sargento Raphael Ribeiro.

Raphael Ribeiro, não tendo a pesar-lhe na consciencia qualquer falta que tivesse cometido, razão porque não sabia qual a causa que motivava tal determinação, requereu pedindo para lhe dizerem essa causa, e, para o Supremo Tribunal Administrativo recorreu da mesma deter-

minação. Porém, a Raphael Ribeiro ainda não foi despachado o seu requerimento, e, por motivo das férias judiciais, o seu recurso só é julgado no proximo mez de Outubro. No entanto, Raphael Ribeiro sabe, extra-officialmente, mas de fonte segura, que o seu licenciamento foi devido aos artigos que tem vindo escrevendo no jornal *O Sargento*, em favor e defeza da nossa classe.

N'esta conformidade, um grupo de amigos de Raphael Ribeiro, julgando interpretar o sentimento unanime de todos os seus amigos e collegas, lembra que Raphael Ribeiro, pondo de parte os seus interesses e o pão dos seus, para se sacrificar em favor da classe a que pertence, é digno que a classe se sacrifique agora por elle e pelos seus. Assim, para cumprimento d'esta nossa modesta lembrança, ousamos alvitrar para que em todas as unidades se forme uma comissão encarregada de angariar todas as quinzenas auxilios monetarios para Raphael Ribeiro, até elle voltar para o nosso lado ou até arranjar uma colocação civil onde aufera o pão que perdeu em defeza da classe.

Esperando que assim seja, pois que conhecemos perfeitamente os sentimentos de fraternidade de que a classe está eivada, pedimos para que todos os auxilios que se angariem sejam enviados directamente a Raphael Ribeiro, em vale do correio, para a sua residência, rua de Belem, 24, 2.º andar, assim como pedimos para que todas as unidades que concordem com esta lembrança participem a Raphael Ribeiro a importancia com que quinzenalmente subscrevem.

Agradecendo, somos com toda a sinceridade

Um grupo de amigos de Raphael Ribeiro.

Propaganda patriótica

Em nosso ultimo numero dissemos que competia aos militares reservistas um grande papel na obra de propaganda, que urge encetar, em prol da defeza nacional.

Com efeito, nenhuma força como essa existe para tal fim.

Todos os anos saem das fileiras do exercito milhares de homens com a noção, mais ou menos clara, do elevado sentimento da Patria e dos deveres para com ela.

Está plenamente demonstrado que cada um d'esses homens, senão antes, pelo menos depois

da sua saída do ativo do exercito, é um cidadão consciente, um patriota fervoroso e um bom republicano.

Devem também saber que hoje não basta a uma nação ter bons soldados e bons marinheiros para poder fazer face a alguma outra a quem a cubica impila a um acometimento de latrocinio.

Devem saber que Portugal está em condições bastante precárias para poder, sem o sacrificio de todos os seus filhos, adquirir a força que garanta a sua independencia.

Nestas condições, torna-se-lhes um imperioso dever incutir nos seus conterrâneos fundas lições de patriotismo e chamal-os ao campo dos sacrificios em prol do levantamento.

Estamos convictos de que assim irá succeder e também de que a semente não cairá em terreno esteril.

O que se torna imprescindível é que desde já essa propaganda se torne um facto.

O que é necessario é que a inercia em que temos jazido dê lugar a uma forte actividade.

Não é só com palavras, ou adorando um brilhante passado, que mostraremos sêr portugueses amigos da nossa Patria.

São necessarios factos e que a sua eloquencia se revele á altura do nosso nome.

Mas isso tem que ser de já, com a maxima urgencia.

E' tempo.

ACACIO SERRA.

Centro Militar de Instrução e Recreio

Meu caro camarada.

Atenta a grande urgencia e a falta de tempo para copiar um artigo intitulado *Utopia?* que enviei ao *Sargento*, de cujo director sou amigo e a quem devo favores, venho pedir ao meu amigo, permita-me este tratamento, a transcrição d'esse meu artigo, no semanario de que é um digno director, declarando se assim o desejar e entender, *que é a pedido do autor.*

O fim que tenho em vista n'esse artigo, como verá, é sublime e precisa de que haja uma grande força de vontade para sua realisação, motivo porque espero o camarada me atenda.

N'este mesmo paquete ou no immediato, receberá para si, um exemplar do «Estatutos do Centro Militar de Instrução e Recreio», e outros dedicados e ofrecidos aos sargentos do exercito, armada, etc.

O amigo procederá como entender e em atenção ás dedicatórias.

Para os sargentos das diferentes colonias também enviei esta-

tutos, e peço para o amigo declarar no jornal, que o *Centro, como incentivo á União Geral, enviou os citados estatutos ás corporações dos sargentos das colonias.*

E' um favor que muito lhe agradecerei.

Sobre o assunto de que trato no artigo *Utopia?* peço a maior propaganda nesse sentido, porque nós não devemos por mais tempo deixar de tratar dos assuntos da classe, mas a valer; o que devemos é deixar-nos de questões semi-particulares, do diz tu direi eu, etc.

Traballar pela União Geral é o que mais me anima.

Agradecendo desde já a vossa cooperação no assunto, subscrevo-me com consideração.

Saude e fraternidade.

Camarada e amigo

Manuel Mendes Ventura

2.º sargento d'infanteria

Presidente do Centro Militar de Instrução e Recreio

Conforme o desejo do nosso camarada, segue a transcrição:

UTOPIA?

Hoje, mais do que nunca, a classe dos sargentos necessita de um apoio futuro para suas familias e mesmo para aqueles, de nós, que por fatalidade tenha que recorrer a ele.

Os sargentos tem por dever pensar a serio na questão da familia, pois que devido á nossa indolencia, muitas existem hoje sem um auxilio que lhes minore o seu triste viver, e outras recebem do Estado uma insignificancia que lhes não chega para as primeiras necessidades da vida.

Os sargentos que ligam a sua existencia a uma outra, debil por natureza e delicada por constituição fisica, a mulher; os sargentos que constituem familia devem prevêr a garantia dum futuro para as esposas, que por amor a eles se ligam.

Os sargentos solteiros, devem pensar que o celibato não é admittivel, antes se pode considerar um crime de lesa-raça, motivo porque também devem pensar no futuro de uma familia que hão de constituir, ou, no futuro de sua mãe e irmãs, que quando pela falta deles, fiquem vivendo com necessidades.

Os nossos vencimentos não são base para adquirirmos fortuna, atenta a sua exiguidade em relação á carestia da vida. Não é, pois, por este lado que iremos procurar o apoio para o futuro de nossas familias.

Devemos conservar-nos incertos? Não, porque para inercia, para letargo, para abandono já basta!

Devemos unir os nossos esforços, hoje isolados, devemos trabalhar num entendimento comum, porque **a União faz a força.**

Pondo de parte diferenças de exercitos, diferenças estabelecidas por leis contrarias ao verdadeiro principio do socialismo, declaramos que este nosso artigo visa principalmente os sargentos das colonias, o que não quer dizer que os sargentos do exercito da metropole, da armada, guardas fiscaes, republica-

nas, etc., não devam seguir nos nesta questão de interesse geral e congregarem-se com os das colonias para o fim comum e acessivel a todos.

Nós entendemos que devemos procurar e estabelecer a União nas colonias, e que os camaradas da metropole a procurem e estabeleçam ai, para que quando essas Uniãos sejam um facto, embora parciais e distintas, se confundam depois num só Ideal, o qual terá por base o *Socorro mutuo* obrigatorio, com vantagens futuras em proporção com as obrigações de cada um.

Destacado o ponto principal do assunto, vamos procurar bases para a organização do fim que temos em vista.

Primeiro que tudo, caros camaradas, deixae-me dizer-lhes: *Sejam sempre bons portugueses e estrenuos defensores da Patria e da Republica.*

Procedendo assim, como temos procedido até ao presente, temos a consciencia tranquila de cumprirmos o nosso dever de militares. Logo, falta nos cumprir um outro dever ainda, que é o de trabalharmos para nossas familias, para nossas queridas mães, esposas e filhos!

Temos, caros camaradas, diante de nós a triste espetativa de continuarmos no olvido dos governos, provas mais que suficientes para sabermos que só por nossa conta e com os nossos esforços, veremos no futuro realisação o que hoje tanto desejamos.

O Monte-Pio é inviavel! Nem mesmo sabemos se ele existe em Portugal!

O internato para educação de nossos filhos não satisfaz cabalmente ás exigencias da grande quantidade de creanças que necessitam receber instrução, apesar de que a creação desse internato foi um passo de gigante que demos na esfera do progresso.

Resumindo, nós não garantimos futuro a ninguem! Somos mais inconscientes que criminosos neste ponto, porque quasi todas, senão todas as classes, tem a seu cargo a garantia da velhice e o pensionato para as familias dos que no trabalho encontram o termo da existencia ou a invalidação para o labor.

Os sargentos de Angola crearam uma associação *Instrutiva e Recreativa*; os sargentos de Macau crearam outra de *Fraternidade Militar*.

Os fins delas são sublimes!

Os primeiros, desejam a instrução que o Estado lhes não facultou e foram procurar essa instrução nos recursos proprios, incluindo até nos seus estatutos uma clausula para auxiliar as familias dos camaradas em precarias circunstancias;

Os segundos, que tem a instrução semi-official, foram procurar a confraternisação, base do poder social!

Todas as iniciativas tem os seus contratempores e quando pela primeira vez se toca uma questão, desconhecida na essencia por muitos individuos, como o é esta da unida- de associativa, fatalmente a obra principada ha de ter dificuldades para chegar ao limite da perfeição e da característica que se lhe propoz imprimir!

A falta de preparação social, leva os homens á inconsciencia do que seja esse poder oculto que se chama *União*.

E' por esta razão que a Associação dos sargentos de Angola, deno-

minada *Centro Militar de Instrução e Recreio*, não chegou ainda, no prazo de um ano de existencia, á perfeição essencia e associativa.

Para uma associação recreativa progredir repentinamente, necessita de muitos socios presentes, caso que em Loanda se não dá. Mas para uma associação de mutualidade progredir, necessita apenas do esforço de todos os individuos que a hão de constituir, como se fosse um unico esforço, embora esses individuos estejam na China ou em Angola e a associação tenha a sua sede em Lisboa.

Em todas as colonias portuguezas existem duas Associações de sargentos, podendo contudo haver mais. Mas como nem todas as colonias tem sargentos em numero suficiente para a organização de uma sociedade propria das suas guarnições, porque as despesas de organização são sempre enormes, com boa vontade, e, para prevenir já um *entendimento associativo e geral*, os sargentos dessas colonias podem inscrever-se nas Associações existentes, garantindo com a sua entrada e cooperação, um fundo de reserva e que seria aplicado na organização da futura Associação de Socorros Mutuos, geral para todas as colonias e para todos os sargentos das mesmas.

Ficam-nos agora os sargentos do exercito metropolitano, Armada, Guardas fiscaes, Republicanas, etc., isolados. Mas como não o devem ficar porque todos nós somos sargentos, oriundos do mesmo exercito e da mesma Patria, e será talvez nessa querida Patria, onde iremos acabar esta vida de cárceres, por sua vez, esses camaradas, organizarão em Portugal uma outra Associação geral, destinada a angariar outro fundo de reserva.

E quando tivermos nas mãos os dados suficientes para podermos ajuizar dos resultados que obtivermos; quando soubermos que a opinião unanime dos sargentos espalhados pelo continente, ilhas e colonias é a que aqui expendemos, então, mãos á obra, reunamos o producto do nosso trabalho, fundimos as Associações numa só e... o futuro de nossas esposas, filhos e mães será garantido com um auxilio que lhes minore os tristes dias duma existencia cheia de privações.

(Conclue no proximo numero)

Noticias militares

Marchou para Ovar, a fim de desempenhar serviço da sua especialidade, o coronel inspetor de artilheria da 5.ª divisão, sr. Decio Augusto da Rocha Dantas.

— Estiveram nesta cidade, por terem vindo escoltar presos politicos, os tenentes, da guarda republicana sr. Antonio Joaquim da Cunha Junior e d'infanteria 18 sr. Antonio Casimiro Mena.

— Estão nesta cidade, em serviço judiciario, os srs. major d'infanteria 2, Alvaro Marinho Falcão dos Santos e alferes Eduardo Eugenio Gomes Vieira.

— Pediu 30 dias de licença disciplinar o alferes d'infanteria 35, sr. Francisco de Sousa e Silva Frias.

— Desistiu de ir servir no Ultramar o alferes de artilheria 2, sr. Manuel da Silva.

— Pediram 30 dias de licença nos termos do regulamento disciplinar, os seguintes srs. officiaes d'infanteria 35: major Joaquim Antonio Dias, capitães Joaquim Artur dos Santos Machado e Severino Joaquim Gôrdo,

— Pediu para ser presente á proxima junta hospitalar d'inspeção, o major do 3.º batalhão d'infanteria 28, sr. Manuel Lucio de Loureiro.

— Recolheu da escola de repetição ao seu lugar de amanuense da inspeção dos serviços administrativos da 5.ª divisão do exercito, o 2.º sargento do grupo de metralhadoras 5, sr. José Fernandes Moreira.

— Recolheu do Bussaco, do serviço de que foi encarregado, o tenente de infantaria 23, sr. Luiz Gomes Azevedo.

— Marchou para Ovar a apresentar-se no 3.º batalhão de infan-

taria 24, o alferes medico meliciano, sr. Abilio Lopes Gomes.

— Apresentaram-se das escolas de repetição, o capitão da administração militar sr. Adelino Augusto da Fonseca Lage e alferes Joaquim Nunes da Veiga, assumindo respectivamente o comando e ajudante do 2.º grupo de companhias da administração militar.

— Pediu para frequentar o 1.º ano da escola colonial, o alferes do grupo de metralhadoras 5, sr. Albano de Pinho Monteiro Ferreira.

— Assumiu o comando de artilharia 2, o coronel de artilharia sr. João Alves Camacho.

res do campo, foi o unico que deu a nota discordante (fifa de musico...) — *que graça com tão pouca graça* — dando razão de queixa.

Pois mais razão de queixa teriam se os rudes trabalhadores que formavam o regimento, fizessem entrar nos cixos essa chusma de talassas, que, com uma falta de respeito enorme e um ar de quem desdenha, se não descobriam á passagem do simbolo da Patria, nem quando as *fi-fias dos musicos* depois de uma fatigante jornada de cinco ou seis dias atiravam para o espaço os acordes do Hino Nacional, no fim de duas horas que si estiveram tocando.

Esta já vac longa, e para que se saiba quem foi o *malvado* da nota discordante do tal *musico gordo*, peço a publicação desta no seu conceituado jornal.

O musico gordo,

José Agostinho de Deus
de infantaria 35

A'vante pela subscrição de "A Voz do Sargento," para a defeza nacional.

Beira Baixa, Ortiga, 21-9 912

Meu caro amigo

Junto envio 10500 réis para a subscrição iniciada pelo nosso jornal. E' verdadeiramente lamentavel que alguns camaradas argumentem que não podem contribuir mais que uma vez, por isso que quasi todos os regimentos fizeram subscrições para o Directorio do Partido Republicano para as quaes todos subcreveram.

Fico, pois, convicto de que os nossos camaradas de Africa cooperarão para esta benemerita empreza com todo o amor patriótico de que são peculiares; e aos da metropole fazemos empenho que se distingam mais uma vez perante os nossos adversarios.

Por minha parte não desvanecerá esta propaganda.

Camarada e amigo

Manuel Pires Rozende
1.º sargento de cavalaria

Subscrição da "Voz do Sargento" para a defeza nacional

Antonio Rodrigues (director) 880
Manuel Pires Rozende... 10500
Antonio Augusto Tavares, 1.º sargento d'infanteria 23.. 10000

Encontra-se um pouco melhor da doença que o acometeu, o nosso amigo Joaquim Gomes Maximo, 1.º sargento do grupo de metralhadoras n.º 5.

E' do nosso prezado colega *Bairrada Livre*, o artigo editorial que publicamos hoje.

PLACARD

Recebemos a importancia de suas assignaturas, por um anno do sr. João Alvares Lourenço, 1.º sargento, Angola; por um semestre dos srs. Guilherme Francisco Gravata, 2.º sargento da guarda republicana e Roberto de Figueiredo, 1.º sargento d'infanteria n.º 29.

Por um trimestre dos srs. Adriano Gabriel d'Aguiar Dias, capitão, Fernando Egidio da Conceição Rego, tenente, ambos do deposito disciplinar; José Joaquim Fernandes, musico de 3.ª classe d'infanteria n.º 20; Manuel da Silva Piedade, tenente, Manuel Martins Candido, sub-chefe de musica e José Ramos Barata, mestre de corneteiros, todos d'infanteria n.º 23; e Jacintho Gregorio, 1.º cabo d'infanteria n.º 35.

Tornando-se difficil e bastante dispendiosa a cobrança pelo correio, novamente pedimos aos nossos assignantes em debito, a fineza de nos enviarem a importancia de suas assignaturas em vales ou selos do correio, ou ainda por meio da agencia militar.

GUIA MEDICO

PARA OS

COLONOS DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

Parto normal

a) *Definição* — E' a expulsão, pela vagina, do ovo (feto e anexos) contido na cavidade da madre numa época em que o feto é viavel e por isso 6 mezes pelo menos, depois da ultima menstruação, mas geralmente aos nove mezes, dizendo se então que o parto é de termo. Esta expulsão dá-se em dois tempos — a do feto ou do feto propriamente dito e a dos anexos ou secundinos — *dequitação*, saindo o feto ou criança, vê-se que fica presa á mãe por um *cordão* que se cortará num pronto, entre dois nós, bem apertados, feitos com um fio fervido em agua e sal por um quarto de hora. O parteiro ou parteira de ocasião terá o cuidado de fazer uma boa lavagem, com agua quente e sabão, da vulva e mais partes visinhas e lavagem com um dos liquidos antisepticos já apontados para a lencorrhea.

Terá sempre as mãos bem lavadas com sabão e agua e os mesmos solutos antisepticos. A parte deste cordão com que ainda fica a mãe sairá com as secundinas (especie de sacco onde está encerrada a criança). Tambem serve para se fazerem ligeiras trações por ele, a fim de provocar a expulsão das secundinas ou de quitadura.

Batalhões voluntarios

A Companhia dos caminhos de ferro portuguezes concede aos batalhões de voluntarios que queiram ir a Lisboa incorporar-se na parada em 6 d'outubro, o abatimento de 75 % em 3.ª classe, 45 em 2.ª e 30 em 1.ª.

Os voluntarios teem alojamentos gratuitos nos quarteis e podem arrancar com os sargentos pagando a diaria de 200 a 250 réis por dia.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Goncalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

Literatura

SONETO

A. F. C. R.

Adoro loucamente a poesia,
E se um dia tiver inspiração,
A ti dedicarei terna canção
Como prova de meiga simpatia.

Não podes calcular quanta alegria
Eu sinto quando aperto a tua mão!...
E' já de ha muito tempo esta afeição
Que vae em mim crescendo dia a dia.

Eu sei que o coração anda iludido
E com certeza ainda te amará...
Que fazer? Se eu tambem ando perdido

No mesmo sonho que só findará
Quando eu esteja, rigido, estendido,
Na fria sepultura... amor, só lá!!!

Odivelas, 1912

Luiz Vaz

Por ter saído errado o verso que segue da poesia que publicamos no ultimo numero, repetimo-lo novamente:

Oh! estrelas, guiae minh'alma sonhadora,
Sede vós meu fanal nesta vida d'agruras;
Tornae realidade o sonho que ela adora,
Esse sonho ideal c'rolario de venturas!

CARTA

Sr. director de *A Voz do Sargento*. — Peço a v. o favor da publicação da carta que segue, que acabo de enviar á redacção do *Jornal de Penacova*.

De v., am.º e obrg.º

José Agostinho de Deus.

Coimbra, 19 de setembro.

Sr. redator.

Chegou me hoje ás mãos o *Jornal de Penacova*, de 14 do corrente, no qual deparei com a noticia da estada si do regimento de infantaria n.º 35 a que me prezo e tenho muita honra em pertencer.

Vem nela uma informação errada, que com certeza foi dada por individuo falho de senso ou de juizo. E' a que se refere ao facto passado entre uma creatura, que á porta da

casa que primeiramente destinaram para alojamento dos musicos, espreitava o que ali se dizia, sendo reprehendido por mim, por ser o mais graduado que ali se encontrava.

E' preciso frisar bem o seguinte: foi na casa a que acima me refiro, que julgo que é a do ensaio da filarmónica da terra, que eu repreendi o homem, e não em casa do cidadão João Barreto, como a noticia dizia.

Diz mais a noticia ter eu oferecido uma bofetada ou duas a essa creatura. Não o contesto. E' até a coisa mais natural deste mundo, o esbofetear-se um individuo que em casa estranha consegue introduzir-se, para ouvir o que ali se passa.

E não foi ele feliz em não as apanhar?

Foi, com certeza, e só a prudencia de que sou dotado, disse o pouco de livrar.

Finda a noticia com a seguinte nota:

Entre mais de 600 homens, a maior parte deles rudes trabalhado-

PENSIONATO ACADEMICO

Situado na rua n.º 6 do aprazível, saudavel e hygienico bairro

PENEDO DA SAUDADE

O melhor da cidade de Coimbra, num edificio com muito ar e muita luz, a 5 minutos do Lyceu e muito perto da Universidade

TRATAMENTO EM FAMILIA

Direcção e administração a cargo de

José d'Albuquerque
Official do exercito

Alojamento: — Em magnificos quartos, todos com grandes janellas. Dois ou tres pensionistas em cada quarto conforme a sua capacidade e tamanho.

Preço do alojamento por cada pensionista: — Até ao fim do anno lectivo, 8:000 réis, pagos no acto da admissão.

Mobiliario a cargo dos pensionistas.
Os pensionistas que quizerem um quarto só para si, pagam o dobro do preço marcado.

ALIMENTAÇÃO: — 15:500 MENSAES

Almoço — Sopa e 1 prato ou 2 pratos, chá e torradas.
Jantar — Sopa e 2 pratos, 3 decilitros de vinho e sobremeza.
Ceia — Chá e torradas.
A's 5.ªs feiras e domingos ha doce á sobremeza.

NOTAS

- 1.ª — A verba alimentação deve ser paga sem falta até a dia 2 de cada mez, e bem assim qualquer outra despesa.
- 2.ª — O Pensionato fornece livros, pelo preço do mercado, quando o não possa fazer mais barato, pois não é intuito seu negociar com os pensionistas.
- 3.ª — A alimentação especial e tratamento por doenças, são pagas á parte.
- 4.ª — O Pensionato encarrega-se da lavagem e tratamento de roupa dos pensionistas, por 1:000 ou 1:500 réis mensaes, conforme a roupa de goma que usar.
- 5.ª — A importancia do alojamento só é restituida por falta de cumprimento d'estas condições.
- 6.ª — O pensionista expulso pelo seu mau comportamento, não tem direito a indemnisação alguma das verbas de alojamento e alimentação já pagas.

METHODO JOÃO DE DEUS

Ensiná-se a ler e escrever pelo referido methodo.
Lições nos domicilios dos interessados. — Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76. — UM OFFICIAL DO EXERCITO.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA
R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO
COIMBRA.

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e Impressão de Jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMODOS

DROGARIA VILLAÇA
COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.
Tintas, oleo de linhaça, vernizes, bróchas e todos os artigos concernentes á pintura.
Deposito de aguas medicinaes.

BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA
Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu
LISBOA

Espadas; correntes (novo modelo); fiadores (cabedal e ouro); emblemas bordados (os mais perfeitos); emblemas em metal; galões da ordem (o melhor que se fabrica).
Botões dourados. — Preços limitadissimos.

BONETS

Modelo francez

Os unicos perfeitos, de rigoroso corte, esmerada confecção e panos finissimos, são os da casa

H. Santos Calleya
Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado
Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61
COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.
Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.
Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.
Especialidade em varinos d'Aveiro Uniformes para militares.

Anuário Comercial e Industrial do Distrito de Coimbra

Livro de grande utilidade, com relação de feiras e mercados, horarios, moradas de Coimbra — **mais de quatro mil endereços** — profissões, leis, etc. Relação completa de empregados públicos, commerciantes, industriaes, agricultores, proprietarios, autoridades militares e civis, párocos, etc. de todo o distrito. Galeria comercial e industrial. Importante secção de anuncios. Mapa jeográfico do distrito. Resumo de todas as leis da Republica.

Preço, 500 réis

Pedidos a Adriano Nascimento, rua Ferrer, COIMBRA.

Importantes leis da Republica Portuguesa
PUBLICADAS PELA

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO
EM EDIÇÕES MUITO BEM CUIDADAS

Legislação da Republica Portuguesa, 500 réis.
Codigo do Registo Civil, 200 réis
Lei do Recrutamento Militar, 60 réis.
Lei da Instrucção Primaria, 100 réis.
Lei Eleitoral da Republica Portuguesa, 100 réis.
Constituição Política da Republica Portuguesa, 60 réis.
Separação do Estado das Igrejas, 60 réis.
Bases da Orthografia Portuguesa, 100 réis.

Novidade sensacional

TELXEIRA DE SOUSA
Presidente do ultimo governo da monarchia

Para a historia da revolução que depôs a monarchia

2 GROSSOS VOLUMES, 1\$600 RÉIS
Remessas franco de porte contra vale do correio.
Livraria Editora — Moura Marques & Paraiços — 19. Largo Miguel Bombarda, 25 — COIMBRA.

ENSINO PRIMÁRIO

Arimética, Sistema métrico e Geometria
PARA AS ESCOLAS PRIMÁRIAS
Em harmonia com os actuais program. as de instrucção primaria

POR

Ricardo Dinis de Carvalho
Amanuense da Secretaria da Inspeccção da 2.ª Circunscricção Escolar, professor diplomado de instrucção primaria e sócio honorario de El Fomento de Las Artes Madrid

Décima sétima edição

ILUSTRADA COM GRAVURAS e o novo sistema monetário em escudos e centavos

Obra aprovada oficialmente por decreto de 9 de dezembro de 1910

PREÇO
Brochado 160 réis
Cartonado 210 réis

A venda na livraria F. FRANÇA AMADO
Livreiro editor.
115 — Rua Ferreira Borges — 120
COIMBRA